



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JÉSSICA DE SOUZA CARNEIRO

**FOTOGRAFIA E MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA NO FACEBOOK: NARRATIVAS
DE SI MEDIADAS PELA IMAGEM**

FORTALEZA

2016

JÉSSICA DE SOUZA CARNEIRO

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA NO FACEBOOK: NARRATIVAS DE SI
MEDIADAS PELA IMAGEM

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Sujeito e cultura na sociedade contemporânea.

Orientadora: Prof. Dra. Idilva Maria Pires Germano

FORTALEZA
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C289f Carneiro, Jéssica de Souza.
Fotografia e memória autobiográfica no Facebook: narrativas de si mediadas pela imagem / Jéssica de Souza Carneiro. – 2016.
145 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2016.
Área de Concentração: Sujeito e cultura na sociedade contemporânea.
Orientação: Prof. Dra. Idilva Maria Pires Germano.
1. Redes sociais. 2. Fotografia. 3. Memória. 4. Narrativa. I. Título.

CDD 302.2223

JÉSSICA DE SOUZA CARNEIRO

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA NO FACEBOOK: NARRATIVAS DE SI
MEDIADAS PELA IMAGEM

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Sujeito e cultura na sociedade contemporânea.

Orientadora: Prof. Dra. Idilva Maria Pires Germano

Aprovada em: 18/04/2016.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Idilva Maria Pires Germano (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (PPG em Psicologia UFC)

Prof. Dr. Pablo Severiano Benevides
Universidade Federal do Ceará (PPG em Psicologia UFC)

Prof. Dr. Osmar Gonçalves Reis Filho
Universidade Federal do Ceará (PPG em Comunicação UFC)

Prof. Dr. José Carlos Santos Ribeiro
Universidade Federal da Bahia (PPG Comunicação e Cultura Contemporâneas UFBA)

A todos quantos fizeram esta jornada possível,
Vocês são meu motor de viver.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por todo o cuidado e carinho com que tem guiado meus passos para que eu chegasse onde cheguei hoje. Que nas horas mais difíceis, foi consolo e amparo, e que me presenteou com as pessoas maravilhosas que me cercam. Agradeço por lutar as minhas lutas e por sempre fazer-se presente, em todo o tempo.

Agradeço à querida e talentosíssima Idilva Germano, orientadora e musa inspiradora que com toda sua doçura e conhecimento conduziu-nos até este momento. Agradeço por ter abraçado este projeto, por ter-me acolhido e, por fim, ter acreditado que seria possível. Obrigada por todos os ensinamentos, os sorrisos, a paciência. Nada disso seria possível sem você.

Agradeço ao Departamento de Psicologia que, através de seus professores, muito me ensinaram. Agradeço ao Hélder Hamilton, por sua ininterrupta gentileza e prestatividade, que não passam despercebidas por um aluno sequer. Sem você, a coordenação não teria o calor e a humanidade que tem.

Agradeço aos professores José Carlos Ribeiro, Osmar Gonçalves e Pablo Benevides pela disposição em enfrentar este desafio comigo, e pelas valiosíssimas contribuições até aqui; em especial, agradeço ao professor e querido Pablo Benevides, que muito me inspirou e que muito inspira a quem tem a sorte de com ele conviver. À Camilla Leite Araújo e ao Vitor Braga pelas ricas contribuições e por terem disposto de tempo para se debruçarem sobre este trabalho. Agradeço também ao professor Aluísio Lima, doutor na academia e mestre na vida, que durante esta trajetória mostrou-se muito mais que um professor: alguém com quem se pode contar; acolhedor e de coração gigantesco, recebeu-me como um dos seus e fez-me sentir parte dos paraxeanos. Obrigada!

Agradeço à minha família, às minhas irmãs guerreiras e amigas, Edvana, Mara, Marielva e Meire, sem as quais eu não seria quem sou hoje; a vocês, devo tudo. Ao meu pai, Tarciso, que sempre cuidou de mim e me apoiou; ajudou-me a construir o caráter que hoje tenho e que levarei por toda vida; que me ensinou que de todas as riquezas do mundo, o conhecimento é a única que não podem tirar de mim. Agradeço à minha mãe Holanda (em memória), que enquanto viva,

mostrou-me o que é lutar pelos sonhos sem perder a ternura e o doce sorriso jamais. Que me ensinou que a melhor demonstração de amor e afeto que se pode demonstrar a alguém é dedicar-lhe tempo.

Às amigas da vida toda Nayana do Vale, Leila Barbosa, Camila Monteiro, Camila Rodrigues, Stefany Saraiva, que têm sido mais que amigas: irmãs. Que sempre estiveram comigo, incentivaram até aqui, compartilhando momentos bons e ruins. Rimos, choramos, afastamos, reaproximamos, mas das muitas pausas no caminho, nenhuma foi nem será definitiva. Sempre acreditaram em mim, mesmo quando eu falhei. Toda vez que me lembro de algo importante em minha vida, vocês estavam lá; não consigo mais imaginar uma vida em que vocês não estejam. Obrigada por tê-las em minha vida, por serem parceiras, conselheiras e presentes.

Aos meus amigos de profissão e de coração Leandro Lima, Nayana Nunes, Klenny Alves e Flávia Brandão, que me acompanharam desde o início da empreitada do Ensino Superior, com quem compartilhei incontáveis momentos de felicidade dentro e fora dos corredores daquele segundo andar. Obrigada pelo companheirismo, pela colaboração, pela preocupação um com outro e por ter compartilhado durante esses anos não apenas avaliações, mas suas vidas e sua amizade!

Agradeço ao GRIM, por tudo que me ensinaram nesta trajetória acadêmica e por acolher pessoas sempre tão humanas e dispostas, sedentas por mudanças. Em especial, à Inês Vitorino e à Andrea Pinheiro por serem mulheres tão inspiradoras e maravilhosas. Obrigada por sempre terem-me acolhido tão bem. Avante com as conquistas!

Aos meus queridíssimos amigos Emanuel Messias, Renata Bessa, Vinicius Furlan e Caio Monteiro, que me acompanharam tão de perto nesta trajetória e que se tornaram essenciais em minha vida; obrigada. Agradeço os cafés, as bobagens, os desabafos do dia a dia e principalmente por estarem sempre por perto. Se existe algo pelo qual sou grata durante estes dois últimos anos foi tê-los conhecido e ter-lhes conquistado a amizade.

Ao Pedro Renan Santos de Oliveira pelo companheirismo, amor, atenção e disponibilidade. Obrigada por tornar esta trajetória mais leve e possível. Não imagino como teria sido se você não estivesse ao meu lado, segurando forte minha mão e enfrentando comigo todos os obstáculos do caminho. À você, que em mim tanto acredita e que assistiu de perto cada pequena conquista deste percurso, sempre me motivando a ir adiante.

Aos meus pastores José Pedro e Elza Brito pelo acolhimento e pela direção espiritual que, mesmo não sendo a melhor ouvinte, não mediram esforços para cuidarem e protegerem. Obrigada por suas orações e principalmente pelo exemplo que suas vidas trazem. Aos meus irmãos da Cem por Cento, pelo sorriso e a disponibilidade em servir e em amar o próximo.

À FUNCAP, pelo suporte financeiro durante este mestrado, e sem a qual este investimento de tempo e dedicação não seria possível.

A todos que fizeram parte desta trajetória, direta ou indiretamente, a minha gratidão!

Mas ele me disse: “minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”.

2 Coríntios 12:9

RESUMO

O estudo da memória e da narrativa e de sua relação com a produção e o consumo de imagens mostra-se um caminho desafiador, sobretudo na contemporaneidade, quando tentamos compreender esses processos nos ambientes digitais. A fotografia opera nos processos de significação, isto é, nos significados que os sujeitos conferem a um dado acontecimento, no modo como eventos e pessoas são lembrados, contados e compreendidos. Em especial, a fotografia digital produzida para ser compartilhada online introduz um campo de problemas interessantes para investigação dos processos de memória e narração autobiográficas. Este estudo propõe analisar como as fotografias compartilhadas no Facebook atuam sobre a produção de memórias autobiográficas, com efeitos, portanto, sobre atuais formas de narração de si. Em outras palavras, procuramos entender como as novas formas digitais de produzir imagens (principalmente aquelas produzidas para serem compartilhadas) operam na forma como os usuários constroem suas lembranças do vivido, articulando as relações entre passado, presente e futuro a partir das imagens midiáticas. Além disso, investigamos como essas novas maneiras de “guardar” a memória atuam sobre a criação das atuais narrativas autobiográficas, isto é, as histórias que as pessoas contam sobre si mesmas. Esta pesquisa apoia-se nos estudos de memória, narrativa e novas mídias de Van Dijck , Brockmeier e Sibilia, e em Dubois e Samain no que se refere à natureza, ao funcionamento e à análise da fotografia. O estudo qualitativo consistiu em duas etapas: 1) aplicação do questionário semi-estruturado com temas sobre fotografia e memória; 2) codificação e análise das fotografias disponibilizadas para a pesquisa, selecionadas pelos respondentes. O convite à participação se deu no próprio Facebook. Identificamos os fatores que contribuem para o processo de escolha da imagem compartilhada e os processos individuais e sociais que circunscrevem as práticas de produção e compartilhamento da fotografia digital, procurando estabelecer uma relação entre a produção de memória e as autonarrativas.

Palavras-chave: Fotografia; Sites de Redes Sociais; Memória; Narrativa.

ABSTRACT

The study of memory and narrative and its relation with the production and consumption of images has shown a challenging course, especially nowadays, when we try to understand these processes in digital environments. The photo operates in the processes of meaning attribution, that is, the meanings that subjects give to a certain event, in how people and events are remembered, narrated and understood. In particular, the digital photograph produced in order to be shared online introduces an interesting field of research of both and autobiographical memory and narration. This study proposes to analyze the photos shared on Facebook that play on the autobiographical memories, with effect therefore on current forms of self-narration. In other words, we try to understand how the new digital ways of producing images (especially those produced to be shared) operate in the way users build their memories of a lived moment, articulating the past, present and future from the mediatized images. In addition, we investigate how these new ways of "saving" memory influence the creation of current autobiographical narratives, that is, the stories that people tell about themselves. The qualitative study consisted in two stages: 1) application of semi-structured questionnaire with topics about photography and memory; 2) coding and analysis of the photographs available for research, selected by respondents. The invitation to participate was given on Facebook. We identified the factors that contributed to the process of choosing the shared images, as well as the individual and social processes that circumscribe the practices of production of digital photography sharing, with the intention of establishing a relationship between the production of memory and self-narratives.

Key words: Photography; Online Social Networks; Memory; Narrative.

RESUMÉ

L'étude de la mémoire et de la narration, bien comme sa relation avec la production et la consommation d'images, montre une façon difficile, surtout de nos jours, quand nous essayons de comprendre ces processus dans des environnements numériques. La photo fonctionne dans les processus de signification, en d'autres termes, les significations que les sujets donnent à un événement vécu, dans la façon dont les gens et les événements sont mémorisés, comptés et compris. En particulier, la photographie numérique avec la fonction d'être partagée en ligne présente un domaine intéressant des processus de recherche de la mémoire et de la narration autobiographiques. Cette étude se propose d'analyser les photos partagées sur Facebook qui agissent sur la production de souvenirs autobiographiques, avec effet donc sur les formes actuelles de l'auto-narrative. En d'autres termes, nous essayons de comprendre comment les nouveaux moyens numériques qui produisent des images (en particulier celles qui sont produites pour être partagés) fonctionnent sur la façon dont les utilisateurs construisent leurs souvenirs de la vie, l'articulation de la relation entre le passé, le présent et l'avenir des images médiatisées. En outre, nous examinons comment ces nouvelles façons de "sauver" les souvenirs de la mémoire fonctionnent sur la création de récits autobiographiques d'aujourd'hui, qui est, les histoires que les gens racontent sur eux-mêmes. Cette recherche se fonde sur des études mémoire, le récit et les nouveaux médias de Van Dijck, Brockmeier et Sibilia, et de Dubois et Samain en ce qui concerne la nature, le fonctionnement et l'analyse de la Photographie. L'étude qualitative a consisté en deux étapes: 1) l'application du questionnaire semi-structuré avec des sujets sur la photographie et de la mémoire; 2) le codage et l'analyse des photographies disponibles à la recherche, sélectionnés par les répondants. L'invitation à participer a été donnée sur Facebook lui-même. Nous avons identifié les facteurs qui contribuent au processus de sélection de l'image partagée et les processus individuels et sociaux qui limitent les pratiques de production et de partage de la photographie numérique, en cherchant à établir une relation entre la production de mémoire et les auto-narratives.

mots clés: Photographie; Réseaux Sociaux en ligne ; Mémoire; Narrative.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tela do MAXQDA 12 aberto	49
Figura 2 - Tela do Picasa 3 aberto, com as imagens etiquetadas “em viagem” agrupadas	50
Figura 3 - Colagem com todas as fotos em grupo, em que os respondentes dissertavam sobre momentos "inesquecíveis" na companhia de pessoas a quem devem afeto e gratidão	57
Figura 4 - Colagem realizada no Picasa que traz todas as imagens que pessoas apareçam sorrindo	59
Figura 5 - Primeira imagem da R25 disponibilizada no questionário	61
Figura 6 - Figura 6: Colagem com as imagens de todas as fotos nas quais os respondentes relataram estar <i>em viagem</i>	62
Figura 7 - Terceira imagem disponibilizada pela respondente R31. Cidade de Havana, Cuba	65
Figura 8 - Fotografias de pôr-de-sol/nascer-de-sol.....	67
Figura 9 - Segunda imagem selecionada pelo R8. Foto coletada em 8 de janeiro de 2016	69
Figura 10 - Terceira foto disponibilizada pelo Respondente 20.....	71
Figura 11 - Colagem com fotos agrupadas pela tag <i>carreira/profissão</i>	78
Figura 12 - Interface do Facebook, no aplicativo On this day	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resumo das etapas empíricas da pesquisa	41
Tabela 2 - Sumário dos conteúdos abordados no questionário digital aplicado a usuários do Facebook.....	42
Tabela 3 - Planos de análise das imagens e suas respectivas descrições.....	47
Tabela 4 - Cronograma da pesquisa	48
Tabela 5 - Número dos tags empregados às fotos, em porcentagem, divididos por tema.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Divisão dos respondentes por localização geográfica.....	53
Gráfico 2 - Grau de escolaridade dos respondentes	54
Gráfico 3 - Gênero dos respondentes	54
Gráfico 4 - Demonstrativo da frequência de respostas de cada alternativa relacionada à pergunta “Por que você sentiu vontade de publicar esta foto?”	55
Gráfico 5 - Demonstrativo da frequência de respostas em relação aos "Sentimentos Evocados" pelas fotografias disponibilizadas pelos respondentes	58
Gráfico 6 - Número de respondentes que responderam à questão 13, sobre ter o costume ou não de revisitar fotos antigas no Facebook	80
Gráfico 7 - Número de respondentes que responderam à questão 14, em porcentagem, sobre os momentos ou circunstâncias que os levaram a revisitar fotos antigas no Facebook.....	81
Gráfico 8 - Número de respondentes que responderam à questão 15, em porcentagem, sobre os momentos ou circunstâncias que os levaram a revisitar fotos antigas no Facebook.....	82
Gráfico 9 - Número de respondentes que responderam à questão 17, em porcentagem, sobre os momentos ou circunstâncias que os levaram a revisitar fotos antigas no Facebook.....	82
Gráfico 10 - Demonstrativo das respostas relativas ao índice de surpresa ao rever uma foto publicada no Facebook	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. SOBRE MEMÓRIA E NARRATIVA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	23
1.1. O estatuto da narração e da memória: contribuições de Ricoeur.....	29
1.2. A narração de si e a memória autobiográfica: do sócio-interacionismo aos tempos de convergência.....	35
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	41
2.1. Etapa I – Selecionando os participantes de pesquisa mediante questionário.....	41
2.2. Etapa II – Analisando as fotografias pessoais no Facebook dos respondentes.....	46
2.3. Descrição da análise do material qualitativo	48
2.4. Aspectos éticos da pesquisa.....	51
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	53
3.1. Análise da Seção I: Hábitos e Contextos da Produção Fotográfica.....	55
3.1.1. <i>Be happy: a insigna do contemporâneo</i>	60
3.1.2. <i>Le voyageur e o não-lugar: consumo de imagens e produção de memórias</i>	64
3.1.3 <i>Sobre a incompletude e a tristeza nas fotos</i>	69
3.1.4. <i>Fotografia de hoje, imagem do amanhã: narrativas de si na relação com a imagem</i>	77
3.2. Análise da Seção II: Memória e relação com a fotografia.....	79
3.2.1. <i>Facebook e a memória “algoritmo”</i> : uma breve discussão	83
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PESQUISA, SUAS POTÊNCIAS E SEUS LIMITES	89
APÊNDICE	97

INTRODUÇÃO

As transformações culturais, econômicas, técnicas e políticas da modernidade implicaram grandes mudanças não somente no processo de construir memória, mas nos próprios conteúdos passíveis de serem “capturados” pela memória. A própria concepção de tempo e, portanto, de memória e narrativa sofreram modificações profundas com a adesão às novas tecnologias, sobretudo as do olhar. O aparato perceptivo do “homem urbano-moderno” mudou significativamente com a massiva utilização dos recursos fotográficos, abrindo portas a novas narrativas, novas competências de linguagem, mudanças na discursividade e nas formas estéticas de viver o mundo e recordar-se dele (ECKERT; ROCHA, 2001).

Desde o envio de fotografias para os amigos através de e-mails até as primeiras postagens nos blogs, considerados os diários digitais, e fotologs, os já nem tão usados álbuns virtuais, o uso da imagem na internet foi ganhando volume e importância para os “internautas” a ponto de serem criados espaços na internet cuja finalidade é o compartilhamento de imagens. Muitos estudiosos têm se proposto a entender as novas dimensões do uso das imagens no universo cibernético, assinalando problemas tais como as mudanças nas performances sociais dos indivíduos no que tange ao uso da fotografia, e ressaltando novos mecanismos de interação social, de autorrepresentação e de gerenciamento da imagem adotados pelos usuários dessas plataformas virtuais (HUM et al, 2011; VAN HOUSE, 2009; WILSON, GOSLING, GRAHAM, 2012).

As maneiras como os usuários da web começaram a utilizar a fotografia na rede imitavam o uso que já era feito fora dela: registrar momentos especiais, datas comemorativas, rituais de passagem e até mesmo autorretratos. A forma de armazenar esta imagem, porém, foi se modificando. Em vez de enviar aquelas imagens capturadas para um estúdio que revelasse fotos, as câmeras digitais – surgidas no fim dos anos 70 – permitiam que as imagens, a partir de então, ficassem armazenadas no computador. De micropigmentos no papel fotográfico aos pixels da imagem virtual, reconfigurou-se a forma de guardar fotos que alteraria a partir dali a forma como nos relacionamos com as imagens.

Cada vez mais digitais, as câmeras vêm permitindo tirar inúmeras fotos, sem preocupação com a quantidade de poses. Não apenas a facilidade de armazenar, mas também o manuseio simples do aparato (poder escolher que fotos serão guardadas ou apagadas no mesmo instante em

que são produzidas) alteram a própria forma de pensar e agir diante da fotografia. Com o advento da internet, além do poderoso fato de ter como selecionar imediatamente as imagens que permanecem ou não no registro, a possibilidade de compartilhá-las em rede fez com que as imagens ultrapassassem o campo da memória individual e do consumo doméstico, para habitar a memória de inúmeras outras pessoas.

Com a evolução dos aparatos tecnológicos – não apenas as câmeras fotográficas, mas computadores pessoais e posteriormente dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets* –, a própria fotografia passa a ser produzida com a intenção de ser compartilhada senão imediatamente, num momento posterior muito breve. Esta nova forma de uso, ainda que pareça simples, modifica os já estabelecidos papéis da fotografia enquanto instrumento de documentação, de registro e de memória.

Com o hábito cada vez maior de compartilhar momentos vividos através de imagens – os sites de redes sociais e aplicativos móveis voltados para o compartilhamento de fotos são bons exemplos disso –, a função de “arquivar a memória”, atribuída à fotografia durante muito tempo, perde sua primazia quando pensamos em seus usos na internet, de uma forma geral. Van Dijck (2008) nos deixa claro que a fotografia digital não erradicou a função de guardar a memória da câmera fotográfica, tão presente em sua era analógica. Pelo contrário: a função de “guardar” lembranças do passado reaparece na natureza interconectada e distributiva da fotografia digital, visto que muitas imagens são enviadas através da rede e acabam armazenadas em algum ambiente digital, sejam nos próprios dispositivos móveis, seja na nuvem¹. As câmeras, portanto, cada vez mais servem como ferramentas para mediar as experiências cotidianas, e menos para rituais e momentos cerimoniais.

Desta maneira, propomo-nos a estudar como as fotografias compartilhadas online atuam sobre a produção de memórias autobiográficas, com efeitos sobre as atuais formas de narração autobiográfica. Em outras palavras, procuraremos entender como as novas formas de fazer imagens digitais (principalmente aquelas que são produzidas para serem compartilhadas) operam na forma como os usuários guardam memórias e usam a fotografia para construí-las, forjando

¹ O armazenamento em nuvem permite salvar dados e arquivos na internet utilizando um servidor e uma memória de terceiros, como uma espécie de disco rígido online, e que não consome a memória de sua máquina. A ideia é muito similar ao conceito de rede dentro de uma empresa ou de casa: usando um computador como servidor você consegue acessar esses dados de qualquer outro computador, desde que tenha acesso à rede (intranet ou internet).

concepções de passado-presente-futuro a partir da imagem que foi midiaticizada – ou seja publicada nos sites de redes sociais² (SRS).

Mas que mudanças são essas que se dão entre as fotografias e a memória no ciberespaço? A suspeita é de que houve uma mudança significativa: enquanto a fotografia na era analógica exigia uma série de etapas até que chegasse a seu produto final (a fotografia impressa), na era digital tanto a forma de produzir (capturar a imagem) quanto a forma de armazená-la (também digital) seguem um percurso e chegam a um destino distintos. Enquanto a fotografia analógica se destinava a um consumo muito mais doméstico, a fotografia digital, sobretudo na era dos SRs, rompe as paredes do ambiente familiar para habitar a memória de inúmeras outras pessoas com as quais o usuário se relaciona através da rede. Buscamos entender como se dá este percurso de produção fotográfica digital cujo destino final é o compartilhamento por meio dos SRS.

Nossa hipótese de trabalho é que a produção fotográfica contemporânea opera novos efeitos sobre a forma como construímos nossas lembranças e nosso passado, portanto sobre quem somos, sobre como narramos nossas biografias e como reivindicamos o reconhecimento do outro. Partimos do pressuposto que a forma de produzir, armazenar e socializar uma fotografia afeta diretamente as recordações que são produzidas de um momento vivido. A produção fotográfica endereçada prioritariamente ao compartilhamento reflete novas formas de guardar lembranças e construir versões do passado, sobretudo distintas daquelas na era analógica e até mesmo anterior à adesão significativa aos SRS.

Por fim, temos como hipótese final que as novas formas de organizar as lembranças e narrar o passado pessoal mediante fotografias possibilitam também novas formas de os sujeitos falarem sobre si. Suspeitamos que o fazer fotográfico na contemporaneidade, ainda que autoral e pessoal, é também produto de uma estrutura histórica e sociocultural anterior à nossa breve existência; os atuais usos e práticas da imagem podem revelar não apenas aspectos de uma trajetória pessoal dos sujeitos, mas também as dimensões culturais, ideológicas e políticas de uma sociedade que enfatiza determinados valores em detrimento de outros.

² Os sites de redes sociais são espaços de comunicação e interação digitais criados para permitirem: i) a construção de uma *persona* por meio de um site pessoal ou um perfil virtual; ii) a interação com outros usuários a partir dos comentários; e por fim iii) expor publicamente a rede social de cada “ator” (RECUERO, 2009). Desta maneira, uma só rede social seria capaz de unir várias funções antes desempenhadas por outras plataformas, como por exemplo: i) expressar opiniões e relatos de experiência (antes desempenhado pelos *blogs* ou *microblogs*); ii) compartilhar fotos pessoais (papel dos *folotogs*); iii) produzir e divulgar vídeos (outrora desempenhado pelos *videotogs*).

As dimensões acima citadas parecem limitar e direcionar sobremaneira os recursos dos quais os usuários se utilizam tanto para fazer a fotografia quanto para construir narrativas de si. Interessa-nos investigar como as imagens digitais pessoais e as narrativas de si em sites de redes sociais aproximam-se ou afastam-se de narrativas mestras em nossa sociedade de consumo, veiculando ou resistindo a formas dominantes de ver, lembrar e conhecer.

O interesse nesta temática se apresenta como um resultado dos trajetos pessoal e acadêmico, dada à formação na área da Comunicação Social (bacharelado). Desde a graduação, fazia-se insistente a reflexão acerca do fenômeno da fotografia dentro do ambiente virtual e seus desdobramentos. A paixão pela fotografia e a utilização pessoal das ferramentas de socialização online (os conhecidos sites de redes sociais) também pesaram na decisão de investigar como as pessoas se relacionam com as imagens fotográficas de si e dos outros, e como são produzidas as novas subjetividades neste contexto contemporâneo.

A fim de compreender melhor os fenômenos acima descritos, foi necessária a escolha de um site de rede social, tendo em vista o recorte mais apurado do corpus de pesquisa. Escolheu-se o Facebook, pois justifica-se como o mais importante site de rede social atualmente no país, dada a sua supremacia em número de usuários registrados e acessos por usuários únicos (COMSCORE, 2015). A rede social virtual acumula um total de 78% do total de usuários únicos no Brasil, o que representa 58 milhões de visitantes únicos³ por mês. Em relação ao tipo de publicação no Facebook – que possibilita o compartilhamento de textos, imagens paradas e vídeos –, as fotografias ocupam o primeiro lugar no com 68% de todo conteúdo presente no Facebook – atrás ficam os links externos (26%), textos e vídeos (3% cada). Essas fotografias compartilhadas no Facebook geram um total de 83% de engajamento⁴ gerado por publicação, representando o maior tipo de performance online nesta rede.

O Facebook, enquanto não apenas ferramenta, mas campo de estudo, se mostra como um amplo espaço de discussão sobre os mais diversos aspectos da interação social, tais como comportamentos em rede, construção de identidade, representação e performance do eu, narcisismo, gerenciamento da autoimagem entre outros, conforme aponta estudos de Wilson, Gosling e Graham (2012). Entendido como um site de rede social conforme definição de Recuero

³ Termo técnico usado para designar cada dispositivo diferente (computador, *tablet*, celular, entre outros dispositivos móveis) usado para acessar a internet. As visitas registram o número de vezes que o visitante único acessou determinado site, blog ou portal.

⁴ Por engajamento, entende-se o nível de interação entre um usuário e sua rede de contatos, que inclui total de curtidas, comentários, compartilhamentos entre outros.

(2009), o Facebook é apenas um dos muitos espaços virtuais nos quais problemas relacionados à imagem – e a um conjunto de hábitos de seus usuários – vêm ganhar força na contemporaneidade.

Segundo dados da Comscore (2015), o Brasil ainda é líder global em relação a tempo gasto nos SRS, tendo um tempo médio de permanência nos sites de 60% maior do que a média mundial. O brasileiro despende uma média mensal de 9,7 horas nas redes sociais virtuais. Além disso, estatísticas do Emarketer (2015) apresentam que a faixa etária que mais consome SRS no país reside entre 18-24 anos (representando 54,4%) – seguida dos usuários de 25-34 anos (29,8%). Tal representatividade indica que os jovens⁵ ainda são os grandes responsáveis pela volumosa presença nas plataformas virtuais de comunicação, movimentando e compartilhando diariamente conteúdos online.

Os dados supracitados mostram um panorama do uso da internet pelos brasileiros, sobretudo jovens, em que os SRS consomem boa parte de seu tempo de navegação, revelando o nível de conectividade e os hábitos de uso dos usuários. Constata-se assim, além de sua intensa presença nas ambiências virtuais, especialmente no Facebook, um forte hábito de publicar e compartilhar fotografias, que acabou se tornando um fenômeno relevante sujeito a muitos outros estudos nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, inclusive este trabalho de dissertação.

Além do volumoso e do crescente uso das imagens fotográficas nos SRS, revelado pelas pesquisas supracitadas, é de extremo interesse desta pesquisa investigar como a memória é preservada em meio a uma produção fotográfica que parece sugerir mais o esquecimento, haja vista a descartabilidade das imagens digitais. Ademais, indagamo-nos como a profusão de imagens em SRS hoje impacta a narração autobiográfica.

Optamos por compreender a imagem fotográfica como um agente mediador de experiências e de relações sociais, que implica uma influência não apenas no campo estético ou plástico, mas na organização de experiências, no retorno a momentos passados e, sobretudo, na construção de memória e narrativa (SIBILIA, 2008; ROBERTS, 2011). Tentaremos esclarecer que o trabalho da memória mediante imagens e relatos nas plataformas digitais constitui um processo ativo de construção que molda nossas percepções do passado, presente e futuro, bem como nossas percepções de quem somos.

⁵ O enquadramento desta faixa etária na categorização de “juventude” segue a classificação por fases da vida empregada nas pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Geografias e Estatística (IBGE).

Apontaremos, assim, que novos papéis a fotografia digital assume nos ambientes virtuais e como esses novos papéis reconfiguram a maneira como os sujeitos elaboram lembranças de si. Mais especificamente, traçamos os seguintes objetivos para esta pesquisa:

- investigar quais os atuais usos da fotografia nos sites de redes sociais;
- analisar os novos efeitos que essa produção fotográfica contemporânea produz sobre a memória autobiográfica;
- entender como as memórias autobiográficas ativadas pela fotografia digital contribuem na elaboração de uma narrativa de si.

Desta forma, os capítulos subsequentes foram divididos de forma a ajudar-nos a analisar a problemática aqui apresentada. No primeiro capítulo, intitulado “Sobre memória e narrativa: uma perspectiva histórica”, iniciamos o conteúdo teórico explicitando a relevância dos estudos de *memória*, sua relação com a construção da *narrativa* a partir do referencial adotado, e como estas categorias podem ser compreendidas a partir da fotografia e das plataformas digitais de comunicação, mais especificamente o Facebook. Para dar conta deste objetivo, ocuparemos-nos em percorrer sobre os primeiros estudos da *memória* a fim de apontar uma perspectiva em termos de evolução desses estudos.

Recorreremos ao filósofo Bergson (2010) para compreendermos os conteúdos da memória e seus processos de formação a partir de uma perspectiva metafísica, através de suas conceituações de *imagem-percepção* e *imagem-lembrança*, além de discutir a forma com que Bergson compreende a intrínseca relação entre percepção e memória, bem como seu caráter intrínseco à existência humana.

Nos “Aspectos Metodológicos” (capítulo 2), explicitamos as 2 etapas da metodologia, de maneira a fazer entender todo nosso percurso até a geração e a discussão dos dados. Apresentamos neste capítulo os critérios de inclusão/exclusão dos participantes da pesquisa, além de explicitar aos passos metodológicos da pesquisa empírica que teve por objetivo aproximar-se do *corpus*, analisando-o a partir de suas imagens compartilhadas no Facebook e da narração de lembranças produzida a partir destas imagens. Tornaremos claro aos respondentes que o consentimento a participar implicaria em: a) permitir a análise de suas fotos do Facebook; b) responder um questionário semi-estruturado digital com perguntas que giram em torno das fotos escolhidas.

No terceiro capítulo, “Resultados e Discussão de Dados” (capítulo 3), trazemos os achados da pesquisa conformemente codificados e analisados, em que tentamos responder às perguntas que foram lançadas no início da pesquisa através do material qualitativo obtido. Por meio das imagens fotográficas disponibilizadas pelos respondentes, somado a gráficos e tabelas que tentam de uma forma mais didática explicitar os dados, entrelaçamos a discussão dos achados com a literatura escolhida, que iluminou as análises, permitindo com que um debate teórico fosse efetuado.

Em “Considerações finais: a pesquisa, suas potências e seus limites”, último capítulo, expusemos as principais constatações construídas a partir desta pesquisa, além de explicitar como as análises elaboradas contribuíram para compreensão de novas questões não previstas anteriormente pelos objetivos da pesquisa. Mostramos também as principais dificuldades encontradas durante o percurso metodológico, bem como na aplicação dos instrumentos de construção de dados.

Por ser uma temática muito rica, passível de um aprofundamento teórico mais intenso, acreditamos que as pistas descobertas neste trabalho lançarão luz sobre futuras pesquisas a serem desenvolvidas no campo da fotografia, da memória e da narrativa autobiográficas e dos sites redes sociais.

1. SOBRE MEMÓRIA E NARRATIVA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

As transformações sociais, culturais e tecnológicas a partir da segunda metade do século XIX foram impulsionadas pelos processos de industrialização e urbanização que sofria o Ocidente, sobretudo a Europa – berço das nossas mais importantes postulações científicas e filosóficas. Esse progresso urbano-industrial fez com que, historicamente, uma grossa camada da população européia-ocidental migrasse do campo e ocupasse cada vez mais as cidades. Estas, portanto, deixavam de ser apenas habitadas para fins de trabalho e passavam a abrigar as novas formas de vida. No processo de migração, enquanto “certos grupos saudaram a ciência, o progresso, os avanços tecnológicos e as promessas de emancipação vinculadas à nova era industrial” (SCHMIDT, 2006 ,p. 89), outros lastimavam a antiga vida campesina e a dissolução dos vínculos afetivos lá estabelecidos. Esse cenário levou à transformação e readaptação dos modos de vida, bem como à reconstrução de novas referências e tradições.

Nesses ajustes do *modus vivendi* do homem moderno, a percepção do tempo acompanhou as modificações advindas desse “novo espírito” predominantemente urbano e industrial. Neste contexto de transformações, muitos estudiosos voltaram-se para os efeitos surtidos na forma como os indivíduos passaram a sentir, perceber e conhecer a si e ao mundo. Cresce então o interesse de muitos teóricos pela *memória*. Devido à dissolução dos vínculos afetivos do campo, e também às “sensações de desenraizamento e perda de referenciais” (SCHMIDT, 2006, p. 89), os estudos sobre a *memória* surgiam como uma seara essencial para compreender os novos desafios trazidos pela era industrial.

É nesse cenário que surgem os estudos de Bergson (1859-1941) sobre a *memória*. Partindo de uma perspectiva fenomenológica-hermenêutica-compreensiva, Bergson construiu uma “fenomenologia da lembrança” cujo foco eram o indivíduo e os elementos não-conscientes e afetivos da memória (SCHMIDT, 2006 , p. 91). Em outras palavras, para Bergson (1896 /2010), a *memória* constituía-se como o ponto de interseção entre o indivíduo-consciente e o objeto-a-ser-conhecido, tornando a cognição deste objeto alcançável pelo (re)conhecimento, portanto percebível e lembrável. Com isto, não se quer dizer que Bergson se propunha a advogar por uma concepção individualista/autônoma da memória, opondo-se à influência do coletivo sobre o indivíduo – perspectiva sobre a qual Halbwachs (1990) ganha notoriedade –, mas que se

preocupava substancialmente com os processos de (re)conhecimento, lembrança e esquecimento atribuídos à memória, para além de uma “neurologização” do ato de lembrar.

Na sua alusão ao *espírito* e à *matéria*, Bergson afirmava uma realidade para ambas instâncias e o que as sustentava enquanto reais era justamente a memória. O *espírito* a que o autor se refere diz respeito à consciência do indivíduo, lugar em que habitam as lembranças e o conhecimento e/ou a capacidade de (re)conhecer. A *matéria*, por sua vez, era o próprio objeto dado a conhecer, e este só poderia ser conhecido porque o perceber (enquanto limitante) é sempre perpassado pelo reconhecer.

Existiriam, assim, duas formas de memória: a *memória hábito* (ligada à imagem-percepção) e a *memória representação* (ligada à imagem-lembrança). A primeira estaria ligada à ação cognitiva de nossos corpos em reconhecer situações parecidas às já vivenciadas antes e produzir reações a estas situações. Um exemplo bem simples disso seria aprender a tocar algum instrumento. Após algum tempo, nosso corpo começa a memorizar e reproduzir alguns acordes até que saia a primeira música. Segundo o filósofo, este tipo de memória “não contém nenhuma marca que revele suas origens e a classifique no passado; ela faz parte do meu presente...; ela é vivida, ela é ‘agida’, mais que representada” (BERGSON, 2010, p. 87-88). Já a segunda é chamada de *representação* por projetar em termos do presente uma ação ou acontecimento passados, e é esta que nos interessa na discussão sobre memória.

Para “evocar” este passado projetado em forma de imagem-lembrança, seria necessário abstrair-se do tempo presente: o passado, sob forma de *memória*, irrompe os dois tempos (passado e presente) e se instaura num não-tempo ao passo em que “se reproduz dentro de nós”, em nossas lembranças, um acontecimento passado que mais se assemelha a um sonho, ou devaneio, porquanto *está em nós* ainda que já *tenha sido*. Estas imagens-lembranças, que para Bergson constituem a “verdadeira memória” – ou a “memória por excelência” (ibid, p. 91) –, habitam o *espírito* e sobrevêm repentinamente quando se lembra, quando se sonha.

Nos próprios termos de Bergson, a imagem “traduz” a existência de um objeto em termos de nossa própria experiência com ele. A imagem a que se refere, então, é o que institui o caráter real do objeto à nossa cognição – seu caráter real nada mais diz respeito do que à constatação da presença deste objeto. O homem sempre viveu de imagens e pelas imagens, sendo o único ser que se tem notícia capaz de produzi-las e reproduzi-las. Assim, “o próprio corpo é uma imagem que tem a capacidade de modificar as imagens que estão ao seu redor, da mesma maneira que as

imagens exteriores exercem influência sobre a imagem do corpo”, sustenta Bergson (NOVAES, 2005, p. 11). Sem a composição de imagens, jamais seríamos capazes de conceber a existência das coisas que se apresentam a nós, muito menos de (re)conhecê-las.

A *imagem*, segundo Heidegger, tem o mesmo princípio da palavra grega *alethéia*, que significa verdade; este vocábulo grego contém em sua própria estrutura etimológica “seu contrário, *lethé*, que quer dizer o obscuro, o esquecido” (NOVAES, 2005, p. 14). Assim, a própria origem da palavra imagem nos remete a este jogo entre luz e sombra, verdade e inverdade, constantes no próprio termo. A *imagem* também remete a outras palavras: imaginação, imaginário, fantasia, fantástico, fantasma (NOVAES, 2005, p. 14) – “como a vista é o sentido por excelência, a imaginação [*fantasia*] tira seu nome de luz [*faos*] porque, sem luz, não é possível ver” –, palavras que nos ajudam a inferir o descompromisso da imagem com o estatuto de verdade e/ou realidade. Se pudéssemos escolher em que termos falar sobre *imagem*, seriam *presença* e *ausência*. É disto que se tratam as imagens: uma relação entre presença e ausência que sempre nos persuadem a ver somente um dos dois.

Esta relação de tornar presente o que está ausente constitui, por definição, o que aqui chamamos de *imagem*. Neste sentido, a memória é o próprio campo da representação porquanto abriga as lembranças sob formas de imagens. A lembrança, assim, é a própria imagem, uma vez que ao nos lembrarmos, recompomos fatos passados (o ausente) reconstituindo-os em nossas recordações, estas que são sempre evocadas ou emersas no presente. As imagens são capazes de produzir uma fantasia – a que Wolff (2005) chama de “ilusão imaginária” – sobretudo antiga, de ordem transcendental e ritualística, que é de fazerem-se crer como aquilo que elas representam. Quem sabe, por entender o grande poder das imagens, as considerações de Bergson a respeito da memória se ativeram a uma abordagem metafísica, pois as imagens são e estão muito além de nossos olhos e de nossa capacidade cognitiva.

A *imagem* está, também, além do seu suporte. O que estabelecemos com os suportes materiais (diários, esculturas, pinturas, fotografias, vídeos ou quaisquer coisas que pretendam registrar um evento ocorrido ou uma pessoa que existiu) só se constitui como uma relação de memória porque criamos imagens – as quais somos capazes de ver e interpretar – que dizem respeito aos acontecimentos passados. A marca do passado está antes no ato de registrar do que no registro em si. Por isso, somos capazes de lembrar ainda que não tenhamos nenhum subsídio. Porque somos os únicos capazes de *imaginar* – até onde se pôde provar. Assim sendo, a “imagem

começa a partir do momento em que não vemos mais aquilo que imediatamente é dado no suporte material, mas outra coisa que não é dada por suporte” (NOVAES, 2005, p. 20). Em suma, não vemos mais um jogo de claro e escuro, de formas geométricas, de continuidades e descontinuidades; o que está na imagem está além de sua gestalt: está na relação entre os sentidos e significados que lhe atribuímos e nossa existência.

Por isso, ao nos depararmos com uma foto antiga, somos imediatamente conduzidos a sentimentos presentes que norteiam nossa experiência captada pela imagem fotográfica: nostalgia, saudade, tristeza, felicidade ou dor. A mesma fotografia pode remeter a sentimentos completamente opostos a depender da pessoa que se depare com ela. Assim, os sentimentos não habitam a superfície da imagem, não são inerentes a ela: eles dizem respeito, antes, a nós e está em nossa relação fora da imagem.

Desta sorte, através de nossa capacidade de memorizar, damos à imagem o poder de representar outra coisa que não a si. Uma imagem *representa*: ela torna *presente* aquilo que está *ausente*. Nas palavras de Novaes (2005), é aquilo que está aqui, presente, e que também “torna presente ao mesmo tempo alguma coisa ausente. A imagem é então o representante, o substituto, de qualquer coisa que ela não é e que não está presente” (NOVAES, 2005, p. 20). Em suma, a imagem não é nada senão uma relação. Ela não é a coisa em si, tampouco seu suporte: ela é a própria ausência reivindicada em forma de presença. Toda imagem é uma imagem *de* alguma coisa. Logo, a imagem é a marca da ausência. É rastro de existência. É antes vestígio, depois memória. “Qual seria, por conseguinte, o índice da diferença entre sua *presença* (o que ela [a coisa] é em si) e sua *percepção* (o que ela é para mim)?” (MARQUES, 2013, p. 66-67).

Ao guiarmo-nos por Bergson, somos levados a acreditar que esta separação é inconsistente. Poderíamos chamá-la “impossível”, mas isso seria dizer que “a coisa em si” (o objeto passível de ser conhecido ou lembrado) só existiria em função de nossa existência (o objeto só existe porque pode ser conhecido ou lembrado), porém tal afirmação é simplesmente irrelevante: importa-nos saber não *o que as coisas são em si* para além de nossa existência (ou para além de sua imagem), mas como elas se revelam a nós a partir de nossa experiência de existir.

Entre a ação de perceber algo e a de conhecer algo, não existe um divisor temporal nem espacial que determine onde uma começa e a outra termina. Bergson se refere a essa

indeterminação como “consciência imediata” ou concreta, que é *ainda* percepção e “já memória” (MARQUES, 2013, p. 69). De outro modo, em nossa relação com o mundo, deparamo-nos com as coisas que se apresentam a nós sem saber se conseguimos perceber as coisas tais quais se apresentam ou se sempre somos mediados pela imagem das coisas que se apresentam. Este intervalo entre *perceber* e *entender* (ou conhecer) é demasiado indiscernível. Ou seja, por mais curta que seja uma “experiência perceptiva” (o ato de “simplesmente perceber algo”), ela sempre vai ter uma duração, o que exigirá um “esforço de memória” que atribuirá sentido à experiência, sendo impossível dissociar a *percepção* da *memória*: “Sua percepção, por mais instantânea que seja, consiste, portanto numa incalculável quantidade de elementos rememorados e, para falar a verdade, toda percepção é já memória” (BERGSON, 1970 *apud* MARQUES, 2013, p.69).

Dessa maneira, Bergson afirma que uma imagem só existe por que existem outras que lhe sustentam a existência: uma imagem é sempre solidária às outras, coexistindo nas imagens que a sucedem e naquelas que as precedem. Para dialogar com a teoria de Bergson, trazemos Manguel (2001) para falarmos não só de uma imagem(lembrança) como *representação* segundo a gramática bergsoniana, mas de uma imagem enquanto símbolo, sinais, mensagens e alegorias. Estas imagens que se apresentam a nós – sejam elas ideogramas nas cavernas, as obras de arte Renascentistas ou a fotografia de Andy Warhol – só podem fazer sentido e ser, portanto, lembradas, porque dispomos de outras imagens que nos ajudam a perceber, significar e relembrar. Assim,

O que vemos é uma pintura traduzida nos termos da nossa própria experiência. Conforme Bacon sugeriu, infelizmente (ou felizmente) só podemos ver aquilo que, em algum feitio ou forma, nos *já* vimos antes. Só podemos ver as coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis, assim como só podemos ler em uma língua cuja sintaxe, gramática e vocabulário já conhecemos. (...) Misteriosamente, toda imagem supõe que eu a veja. (MANGUEL, 2001, p. 27)

A concepção de Manguel a respeito de imagens que só podem ser “lidas” a partir de um repertório pré-existente abre portas para lançarmos um outro olhar sobre a memória, agora sob um aspecto mais coletivo, uma vez que este repertório não pertence apenas ao indivíduo, mas também a um conjunto de indivíduos que o compartilham. Entende-se que, para sermos capazes de ler imagens, existam outras imagens que as antecederam e/ou ainda coexistam, as quais serão capazes de nos *letrar* neste alfabeto imagético, no mundo de imagens reconhecíveis, portanto perceptíveis.

Distanciando-nos agora em grande medida do enfoque fenomenológico de Bergson, Halbwachs (1990) traz importantes subsídios para a compreensão da memória não mais no campo psicológico ou metafísico, mas no sociológico. Sua perspectiva é a da memória como um fato social, daí sua tentativa de “dessubjetivar” os fenômenos relativos ao lembrar e ao esquecer (SCHMIDT, 2006). Dada a sua perspectiva dialógica, Halbwachs concluiu que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Nesse sentido, é possível enxergar a *memória* para além de uma relação do *eu* com o mundo “externo a mim” em que se privilegiam os processos “internos” do lembrar-se. A *memória* individual funcionaria apenas como o prisma de uma memória que está além de nós, sempre condicionada ao presente, a outras imagens (no sentido bergsoniano) do passado, e pelas contingências sociais que abrigam a experiência de existir.

A contribuição da perspectiva sociológica de *memória* mostrou-se fundamental para deslocá-la de fenômeno exclusivo ao indivíduo a um lugar de ligação e coesão entre indivíduo e sociedade. Todavia esta abordagem não abarcava – dado seu caráter cientificista-nomotético⁶ – os aspectos conflitivos da memória. Pollak (1989), também sociólogo, por sua vez, apostava em não mais “lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (p. 4 *apud* SCHMIDT, 2006, p. 95).

Os estudiosos que se detiveram em estudar a memória preocupavam-se sobretudo em dar conta dos acontecimentos passados, quer fosse pelo prisma individual, quer fosse pelo coletivo. Porém, somente através da narração (um gênero textual circunscrito em um código de imagens normativo e limitante) dos acontecimentos é que se pode dar conta: eis aí uma das maiores contribuições de Ricoeur (2007), e a partir dela tentaremos concatenar alguns conceitos que nos auxiliarão a compreender a problemática da memória nestes tempos de convergência midiática.

⁶Por conta de sua conjuntura histórica, Halbwachs (um dos maiores expoentes no campo sociológico da memória) propôs sua análise num contexto intelectual em que, segundo Schmidt (2006), os vínculos entre indivíduo e sociedade apresentavam-se como a grande contradição nas ciências sociais, abrindo portas para um enquadre sobretudo objetivista do fenômeno da memória.

1.1. O estatuto da narração e da memória: contribuições de Ricoeur

O tema da representação foi por muito tempo uma questão para a filosofia e para as novas ciências humanas porque importava saber não apenas o conteúdo da memória, mas a relação processual que a produzia. Como saber se uma história ou relato conta de fato ou “representa” de fato o ocorrido? Por muito tempo, os estudos de memória concentravam-se nessa querela. Avaliar a distância entre o relato (em outras palavras, a “externalização” da memória) e os fatos “tal qual ocorreram” (ou seja, a lembrança dos fatos) era o grande alvo dos estudiosos. Existem, em nossa memória, os fatos tal qual ocorreram? A possível (mas jamais constatável) distinção entre as recordações verdadeiras e as imaginárias é um problema enraizado na problemática da representação mnêmica que se dá desde Platão.

Bom, se existem ou não as recordações verdadeiras ou imaginárias, que desenharão na memória as linhas intransponíveis entre o autêntico e o inautêntico, ou entre a factualidade e a imaginação, isto pouco nos diz respeito. Longe de nós querermos, ao longo desta argumentação, reivindicar o real e distanciá-lo do imaginário, do fantasioso, do virtual, tentando circunscrevê-los em lugares ou definições. Preocupamo-nos em discutir não o conteúdo ou a essência do que constitui a *memória*, mas investigar a partir de certos referenciais teóricos como e que processos levam à constituição da memória no contexto atual. Desta forma, interessa-nos entender uma das principais manifestações da memória, a saber o relato, que nos ajuda a identificar como cada indivíduo constrói suas versões dos acontecimentos. As recordações (sejam elas taxadas de “imaginárias” ou “verdadeiras”, ficcionais ou factuais), deste modo, só existem para nós em forma de relato, o qual é sempre perpassado por nossa história, nossas experiências, nosso repertório. Não existe relato pessoal que não seja atravessado pela vida do indivíduo e pelo contexto social em que estiver inserido.

Assim, Ricoeur (2007) contribui com os estudos da memória centrando-se na narrativa. O filósofo francês retoma a abordagem fenomenológica, sem deixar de creditar a devida importância que teóricos como Halbwachs e Bergson tiveram – ainda que estes sob bases epistêmicas bem distintas – no campo da memória, apesar de, ainda sim, ter críticas ao “dogmatismo surpreendente” do primeiro em relação à negação da memória individual. Para além da tentativa de verificar se o exercício da memória se faz interior ao sujeito (ou seja, no campo individual) ou exterior a ele (no campo social), Ricoeur (2007) toma a linguagem – outro

aspecto que, assim como a capacidade de produzir imagens, nos afasta dos animais irracionais – como seu principal instrumento de análise da memória.

Para falar de linguagem, Ricoeur (2007) recorreu à temporalidade para discernir o campo da percepção e das lembranças (a que Bergson denominava como *memória-representação*). Ainda que entendesse que a lembrança não poderia adequar-se em definitivo ao conteúdo do acontecido, o autor sustentava que havia um vínculo entre a impressão inicial (a que podemos atribuir como percepção) e sua representação (a lembrança do que foi percebido), graças a seu aspecto temporal – ou a sua duração, pondo em termos bergsonianos – que permitia admitir que algo passível de ser capturado pela memória, de fato, houvesse ocorrido. O que não se permitia adequar era a impressão/percepção de um acontecimento e o próprio acontecimento, tendo em conta, principalmente, o exercício da imaginação no conteúdo das lembranças e no ato de lembrar-se. Neste sentido, Ricoeur (2007) retoma as conclusões de Bergson ao atribuir como indiscerníveis a percepção e a memória.

A narração, assim, estabelece-se como o elo que tornava um pouco mais tangível o campo das lembranças, uma vez que materializa em palavras (portanto, em ação) a *memória*. A memória, por sua vez, enquanto sempre processual, manifesta-se através das recordações em forma de relato, em ato narrativo. A lembrança em si só se torna viva e opera sentidos através do relato. O relato é vivo. É constatável. A “autenticidade” da recordação, por sua vez, não é constatável. Recordar e imaginar se entrelaçam.

O relato, assim, introduz ao tempo presente a imagem do passado transpondo-o de seu simples lugar de índice, ou seja, de vestígio ou rastro de uma existência, à representação. A título de simplificação, parece-nos interessante falar sobre o que tomamos como *representação*. Para Ricoeur, não é tomada como uma imagem mental de uma coisa ausente, como propunha o conceito representacional kantiano, senão em termos de *tomar o lugar de algo* (relação de presença e ausência). Daí a necessidade de se criar um termo que se referisse a este outro conceito de representação, a saber a *representância* (do francês, *représentance*) como forma de alterar o *ausente* e o *presente*, sem que um jamais pretenda ser o outro, senão tomar seu lugar, e esta tomada de lugar acontece no relato (RICOEUR, 1994). Em outras palavras, ao produzir um relato, não é o próprio passado (ou o ausente) que se presentifica. A memória, por sua vez, imprime no relato a imagem de um passado que outrora *foi* e que *já não é*, e que por isso pode

ser relatado. Desta forma, a *representância* ou *representação histórica* não é nada do passado senão seu análogo, sua imagem.

A representação mnêmica (entendida aqui como lembrança) nos garante a ocorrência de algo, mas seu relato, ou seja, sua narração é incapaz de dizer da veracidade do ocorrido. As representações mnêmica e histórica se encontram quando o relato do *que já foi* em alguma medida confere com documentos, vestígios ou rastros deixados pelo passado e apresenta uma versão possível, provável e comprovável. Porém, o que Ricoeur demarca é justamente que, em ambas as representações, o passado nunca volta ele mesmo sob forma de relato. O relato é uma versão possível – e por isso existem tantos, sob as mais distintas formas e conteúdos. Logo, é assim que o entendemos antes como vestígio do passado (índice) do que como sua própria presentificação.

Com bases nos estudos fenomenológicos da memória e da narração, fomos levados a entender o relato não mais como a *representância*, mas como representação mediada sempre pela imagem do passado. Entretanto, sob o mesmo paradigma com que o relato histórico foi entendido por um bom tempo enquanto única versão do passado, a fotografia subexistiu por longas datas também como a representação real do tempo pretérito. Assim, a fotografia se configurou em sua gênese como um grande êxito científico por “finalmente” capturar o real tal qual era. Assemelhando-se mais uma espécie de feitiçaria ou pura mágica, as lentes fotográficas conseguiam captar a paisagem que se passava diante dos olhos tal qual os olhos a viam.

A visão aparece, deste Platão, como um sinônimo de apreensão da realidade. Segundo o filósofo grego, através do que se vê, do que se observa, é possível acessar o mundo, “conhecê-lo”. O desvelar de uma imagem – esta captada pela visão – está na própria etimologia da palavra *theoría*, derivada da fusão de *theá* (visão, olhar), e *ora* (desvelo). Assim,

As imagens permitem, pois, este duplo movimento: sair de si e trazer o mundo para dentro de si. É nesse movimento entre olhar e imagem que está o princípio do pensamento. Sem o pensamento, a imagem do mundo seria apenas um decalque do que acontece no exterior, sem nenhuma intervenção da inteligência. Com o pensamento, cria-se um mundo imaginário que, nesse sentido, não é ficção, mas invenção do novo. Não é por acaso que tantos pensadores escolheram a visão como o modelo do saber, aquilo que eles designam os “olhos do espírito”. No *Tratado de pintura*, Leonardo da Vinci diz, por exemplo, que as linhas visíveis de uma figura levam em direção a um centro virtual, que obriga o olho a pensar. É nesse sentido que devemos ler sua célebre frase: “a pintura é coisa mental” (NOVAES, 2005, p. 12).

Este paradigma da fotografia enquanto janela do real, todavia, resultou de seu contexto histórico sobremodo cientificista, urbano e industrial. Com uma capacidade técnica muito mais bem adaptada para reprodução mimética do mundo do que a pintura, a fotografia teve seu uso social designado a encarregar-se de todas as funções utilitárias até então exercidas pela arte pictural (DUBOIS, 2012). Nessa lógica de “caixa preta”, em que o operador do aparato técnico simplesmente dá os comandos *input* e *output*, à câmara fotográfica era atribuído o poder de captura mimética; o mesmo não acontecia com um quadro pintado por um artista, cujas habilidades artísticas podiam interferir diretamente no produto final da imagem. Assim sendo, “nessa perspectiva, a fotografia seria o resultado objetivo da neutralidade de um aparelho, enquanto a pintura seria o produto subjetivo da sensibilidade de um artista e de sua habilidade” (DUBOIS, 2012, p. 32). Vivemos, ali, um discurso de mimese da fotografia enquanto espelho do real.

Hoje, podemos perceber o quanto o *zeitgeist* cientificista e naturalista emergente da era industrial dessubjetivou as práticas sociais (quer elas envolvessem coisas, quer elas envolvessem discursos) e objetificou os produtos humanos. Como duvidar de um artefato que parece tão claramente mostrar o mundo que acontece perante nossos olhos, sem “intervenção humana alguma”, e que torna o passado tão mais claro, tão mais tangível? Neste sentido, parecia coerente advogar por esta compreensão mimética da fotografia porquanto servia aos interesses das ciências emergentes e parecia como um útil instrumento de constatação e comprovação do *real*, conceito sobre o qual a metafísica por muito se debruçou.

Dito de outra forma, a fotografia parecia resolver o embate sobre a memória com o qual boa parte dos filósofos se ocuparam. Em apenas um disparo – click! –, o passado era sugado pelos jogos de luz que atravessam as lentes, rendendo-o e aprisionando-o para sempre na epiderme da imagem. Enquanto houvesse fotografia, o passado estava ali à mão – *tal qual foi*. O *espírito* e a *matéria*, de Bergson, nunca coexistiram tão bem quanto em um papel fotográfico.

Baudelaire, entretanto – a despeito de sua posição bem reativa em relação à fotografia –, reconheceu na maioria das produções fotográficas de sua época a forte influência da ideologia naturalista (DUBOIS, 2012). Esta desconfiança permitiu que este caráter mimético atribuído à fotografia fosse questionado, levando os teóricos de então a repensarem a ontologia da imagem fotográfica. Com este questionamento, não se pretendia revogar a mimese da imagem fotográfica;

ela, de fato, assemelha-se bastante ao real, ao presente. Da mesma forma que um relato historiográfico não podia ser considerado pura ficção – ainda que escrito por uma pessoa, atravessada por sua história de vida e seu ambiente social –, o vestígio material dado no suporte – seja o papel fotográfico, seja um livro só de palavras – garante que o que está ali registrado, sem dúvidas, aconteceu.

A discordância que ocorre, neste sentido, da fotografia enquanto espelho do real, capaz de apresentar o real sem tirar nem pôr como ele foi “de verdade”, é de que esta visão nega seu atributo *imago*: enquanto imagem, ela jamais prova o real, tampouco o passado. A imagem, como já foi argumentado, não se pretende ser “a coisa em si”. Ela toma o lugar do ausente (o passado) e apresenta-o, representando, como presente. Este é o poder da imagem. Mais precisamente,

A ontologia da foto está, em primeiro lugar, *nisso* [na sua gênese]. Não no efeito de mimetismo, mas na relação de contiguidade momentânea entre a imagem e seu referente, no princípio de uma *transferência* das aparências do real para a película sensível. A ideia do *traço*, da marca, está implicitamente presente nesse tipo de discurso. Para falar nos termos de Ch. S. Peirce, existe no final das concepções de Bazin, a ideia de que a foto é *antes de mais nada índice* antes de ser *ícone*. O realismo não é negado de forma alguma, é deslocado. (DUBOIS, 2012, p. 35)

Guiada pelo conceito de mimese, a fotografia enquanto prova do real corroborou para uma concepção de memória arquivista, como uma caixa de sapatos que guardava, em vez de papéis fotográficos, as próprias lembranças. A fotografia, por sua vez, só tem o poder que tem porque dentre todas as invenções humanas, foi – pode-se dizer – o produto que mais se assemelhou à coisa em si, por vezes confundindo-se com ela.

A fotografia, em sua gênese, tentou retomar uma discussão acerca de representação da qual a arte acabara de se libertar. Como representar um real que não pode ser representado? Dito isto, a fotografia materializou, em termos técnicos e tecnológicos, a própria ilusão da memória que pode ser externalizada, “tal e qual”, pela imagem. A fotografia, nos termos cientificistas e ideológicos, é a própria expressão da memória. Com o paradigma da fotografia “espelho do real”, servil aos interesses proeminentemente emergentes da era industrial, parece-se querer resolver a questão da *realidade*. A memória, pensada enquanto estritamente interna e pessoal, corrobora para uma naturalização e para uma disseminação de narrativas-mestras, ou seja, imperativos e discursos que atendem aos interesses ideológicos e políticos, de um modo ou de outro, e que

terminam por prescrever e normatizar condutas e formas de entender o mundo. Eis aí onde reside sua armadilha.

A arte, todavia, ficou livre à abstração, à imaginação, mais próxima ao ficcional. O paradigma do “verdadeiro”, da pretensão de que a imitação seja a quase coisa em si, vem se instaurar na modernidade. A fotografia, que usurpou o poder de simulacro por tanto tempo entregue à arte, funciona então como a própria constatação da memória, aquela que outrora não podia ser constatável porque era sempre interior, e habitava só o discurso ou a narração.

Pois as imagens estão uma vez mais abandonas a si mesmas, a seu próprio poder de representar, e criam a ilusão fundamental de não representar, de não ser imagens fabricadas, de ser o simples reflexo, transparente, aquilo que elas mostram, de emanar diretamente, imediatamente, daquilo que elas representam, de ser o puro produto direto da realidade, como outrora acreditávamos que emanavam diretamente dos deus que representavam. (...) depois da arte, olhamos para a televisão e vemos a própria realidade, diretamente, sem representação. A causa está ausente, o trabalho de produção não é mais visto na imagem, a imagem não pode ser vista como imagem (NOVAES, 2005, p. 43).

Enquanto a imagem fotográfica ocupava, como já dito, o papel de apreender a realidade – acreditando-se que fosse possível apreendê-la – e de dizer do real como nenhum outro instrumento (DUBOIS, 2012), a *escrita de si* através do relato escrito, como os diários íntimos, era um amplo lugar de invenção e construção do sujeito. Os diários íntimos, em que resistiam os modelos de confissão modernos, se constituíam como portais de acesso a uma interioridade, que se julgava ser intrínseca e indissociável ao sujeito. Desta maneira, a ideia de interioridade individual e os novos gêneros de *escrita de si* inauguram uma nova forma de autocompreensão, bem como um novo estilo discursivo que vem a revelar (e desvelar) o sujeito que se narra. É o que Sibilia (2008) aponta:

A interioridade individual foi coagulando, assim, como um lugar misterioso, rico e sombrio, localizado dentro de cada sujeito. Um âmago secreto onde despontam e são cultivados os pensamentos, sentimentos e emoções de cada um, em oposição ao mundo exterior e público, composto por tudo aquilo que se supõe fora de cada indivíduo em particular. Em pleno auge dessas reconfigurações, no século XVI, Michel de Montaigne assentou as bases de um novo estilo discursivo com seus célebres *Ensaíos*. Nascia, nessas páginas, a *escrita de si*. Os textos desse autor francês, verdadeiro pioneiro de um gênero que três séculos mais tarde iria se popularizar enormemente, também contribuíram para a gradativa secularização da ideia de interioridade. (SIBILIA, 2008, p. 96)

O momento de *escrita de si* do diário íntimo estava intrinsecamente ligado a um momento de acesso ao *eu*, interior e acessível ao sujeito por si – espaço em que se divagavam as inúmeras

possibilidades do *ser*. O exercício de escrita do diário íntimo prescindia a solidão, a partir da qual era possível – através das palavras escritas – dar vazão a uma “rica interioridade”, elaborando narrativas que visassem não a um modelo exemplar a ser seguido, mas que atendessem com fidelidade à imperfeição e ambiguidades do *eu* (SIBILIA, 2008). Ou seja, importava falar de si, de sua *verdade*. Em contraste, a imagem fotográfica em seu início foi encarada como um produto objetivista da realidade, que por sua vez superficializava e reduzia as possibilidades narrativas. Em outras palavras, imagem e relato escrito, por muito tempo, pareciam trilhar sempre caminhos divergentes: enquanto o a narração de si através do relato escrito permitia o acesso à interioridade do sujeito, a narrativa possibilitada pela imagem ia na direção da externalidade.

Todavia, a interioridade psicológica e/ou a essência deste “verdadeiro” *eu* trata-se de produtos de uma construção histórica, que por sua vez nem sempre existiram e, com sua invenção, contribuíram para a produção das subjetividades modernas as quais têm sua centralidade no *eu*. Com isto, queremos dizer que, ainda que distantes em linguagem, tanto a imagem fotográfica quanto o relato escrito autobiográfico fornecem subsídios para promover a autocompreensão e a autorreflexão do sujeito. Com a predominância das imagens enquanto linguagem autoapresentativa, sobretudo nas plataformas digitais de socialização, surgiu uma preocupação no senso comum de que as imagens não apenas concorressem com os outros gêneros narrativos, mas enclausurassem e limitassem as possibilidades narrativas na contemporaneidade.

1.2. A narração de si e a memória autobiográfica: do sócio-interacionismo aos tempos de convergência

O ato de narrar-se, assim, tem uma enorme importância no processo de autocompreensão. Para articular os três tempos passado-presente-futuro, indispensáveis para a formulação de um ato narrativo, recorreremos às lembranças de eventos que nos tenham acontecido ou que nos tenham marcado. A memória, dessa maneira, permite que identifiquemos no tempo e no espaço os eventos que pertencem a cada estágio de nosso percurso, seja ele a infância, a adolescência ou a fase adulta, por exemplo.

A memória, por sua vez, só pode ser melhor entendida com uma reflexão sobre as mudanças na compreensão de tempo instauradas ao longo da modernidade. O tempo, então, só ganha corpo e “realidade” – ou seja, temos a ideia de que o tempo existe porque ele nos marca – se articulado na forma narrativa e “as ações humanas apresentam-se como ‘totalidades altamente organizadas’ numa sucessão” (RICOEUR, 1994 *apud* ECKERT; ROCHA, 2001, p. 2).

Nas tradições dos estudos de memória sob o âmbito psicológico, a memória por muito tempo foi dada como um recurso de ativação do “eu”, no sentido de fornecer e organizar as experiências do passado para construir uma coesão de identidade, ou seja, uma concepção firme sobre quem se é. A ideia de um “eu” unificado, autônomo, cujas memórias lhes são próprias e o qual se distingue dos outros e de seu contexto social, está fortemente fundamentada numa tradição de pensamento cartesiano que enfatiza a individualidade, autonomia e o autoempoderamento dos indivíduos, em que não se privilegiam os aspectos contingenciais e sócio-culturais (WANG; BROCKMEIER, 2002).

Sob o mesmo parâmetro cartesiano e cientificista instaurado na modernidade, a fotografia operou por boa parte de sua história como um importante instrumento de registro de memória, o qual ajudava a capturar com “fidelidade” os momentos vividos pelos sujeitos modernos e fornecia vestígios materiais de memória – na era analógica, por exemplo, tratava-se das fotografias impressas (DUBOIS, 2012). Dessa forma, a fotografia serviu também como um recurso de reafirmação dos modos de ver e ser predominantemente modernos, e que em muito contribuiu para uma construção de artifícios para perdurar a memória e para “acessá-la”.

A perspectiva “autonomista” e individual da memória tem sido cada vez mais desafiada perante as atuais abordagens sócio-interacionistas, que buscam aproximar-se do objeto *memória* amparados pelos contextos sociais e culturais do processo de lembrar-se. Assim, a *memória autobiográfica* fornece as condições de existência para o “jogo” relacional entre a história pessoal de um indivíduo – perpassada pela cultura – e seu “eu”. Para conceituarmos o que chamamos de *memória autobiográfica*, é preciso abandonar a antiga concepção de memória enquanto mera “arquivadora do passado”, numa analogia a uma caixa de sapatos onde se depositam lembranças antigas, que são dispostas e guardadas como bem se entender, e que em qualquer momento poderão ser revisitadas.

As atuais abordagens da memória passam a considerar não somente a memória como produto de uma habilidade neurocognitiva do indivíduo, que independa de outrem para existir; consideram-se também os atos de experienciar e lembrar-se em um contexto social de interação (WANG; BROCKMEIER, 2002). Em outras palavras, a *memória autobiográfica* se produz a partir das relações sociais. Dessa forma, a cultura exerce um importante papel de remodelar as funções psicológicas tanto interpessoais quanto intrapessoais, manifestando-se através das ações, pensamentos, emoções e crenças dos indivíduos e principalmente do ato de lembrar-se.

A *memória autobiográfica* – ou a memória de si – pode ser desenvolvida a partir da história de vida ou de episódios da história de vida de um indivíduo. Nas culturas ocidentais, sobretudo, relacionamos o ato de contar tais histórias pessoais à manifestação direta da memória autobiográfica, que a todo o tempo produz nossas concepções de passado, e que é utilizada para falar sobre “quem se é” – expressão do “eu” (WANG; BROCKMEIER, 2002). Neste sentido, parece haver uma íntima relação entre o que se relata sobre si e quem se acredita ser, na qual a memória desempenha o papel fundamental de articulação entre os eventos passados e presentes – “registrados” na memória –, os quais acreditamos que nos levaram a ser quem somos hoje. Este cruzamento entre esta percepção de “quem se é” e narrativa de si são fundamentais para compreender a *memória autobiográfica*.

Para que esta memória autobiográfica se manifeste, é fundamental a construção de uma narrativa que organize os eventos passados e que dê sentido às experiências vividas no agora. As formas e modelos das narrativas construídas social e individualmente pelos indivíduos são organizadores culturais da chamada *memória autobiográfica*. Desde as primeiras recordações da infância, os atos narrativos atribuem sentido às vivências e agenciam as lembranças e os efeitos que estas vivências produzem sobre nós. Dessa maneira, a lembrança autobiográfica é fundida com práticas narrativas, especialmente com aquelas que tomam forma em autonarrativas (WANG; BROCKMEIER, 2002).

As narrativas de si que emergem na contemporaneidade, por sua vez, apresentam-se cada vez mais disruptas, fragmentadas, mais informativas e menos mastigadas, e parecem ir numa direção diferente à da *narração de si* marcadamente moderna, cunhada no racionalismo cartesiano, que fundou a existência do “eu” na razão e instalou na era moderna ocidental uma compreensão do *eu* (SIBILIA, 2008). Esta forma de *narração de si*, que por tanto tempo seguiu a

tradição oral de externalização da subjetividade por meio do relato escrito (ou relato autobiográfico), vê-se no curso da contemporaneidade mais e mais fenecida.

A grande questão da inflação da imagem fotográfica nos ambientes digitais, sobretudo, diz respeito a uma nova maneira de entender a fotografia e sua inserção nestes meios de comunicação e sociabilidade, além de implicar transformações não apenas na maneira com que nos narramos e significamos nossas experiências, mas na maneira com que produzimos lembranças do passado e as “armazenamos”. A *memória autobiográfica* tem um papel fundamental na elaboração de uma narrativa autorreferente, em especial em imagens que despertam lembranças e evocam sensações. A materialidade desta nova imagem digital, a fotográfica, vem a definir também estas novas formas de construir memória e autobiografia. Estas lembranças formadas através de materiais digitais não apenas inscrevem o conteúdo da imagem – ou seja, não operam apenas enquanto suporte –, mas mediam as relações entre indivíduos e grupos. A memória pautada na mediação e midiaticização da fotografia digital é o que Van Dijck (2007) nomeou de *memória mediada*⁷, que se refere a um conjunto de atividades e artefatos que produziríamos através de tecnologias de mídia, para criar-se e recriar um sentido de passado, presente e futuro.

Para Van Dijck (2007), “*we commonly cherish out mediated memories as a formative part of our autobiographical and cultural identities; the accumulated items typically reflect the shaping of an individual in a historical time frame*” (p. 1). A memória e as mídias que a inscrevem, portanto, não são meras portas de acesso: elas mediam a maneira como construímos e retemos um senso de individualidade, identidade e história. Nesse sentido, essas memórias mediadas não são objetos estacionários, mas relações dinâmicas que atuam através memória autobiográfica articulada com o tempo. Assim sendo, a produção de memória neste contexto atual envolveria a produção de “dispositivos armazenadores de memória” – aos quais nos referimos como artefatos de memória – com um duplo propósito: documentação e comunicação de experiências vividas.

Face a uma sociedade midiaticizada, a fotografia, que em sua era analógica ocupava não muito mais que molduras penduradas em paredes e álbuns empoeirados, hoje convoca o sujeito a ver, a ser visto e a falar sobre si. Não obstante, tanto o relato escrito materializado através dos

⁷ No original, *mediated memories* (Van Dijck, 2007).

diários íntimos quanto a imagem fotográfica, por mais privados e autorreferentes que sejam, são permeados por *narrativas mestras* (LYOTARD, 1986), as quais interferem na nossa relação com a realidade apresentada a nós – sempre perpassada pelas interpretações que construímos dela. Em outras palavras, da mesma forma que a *memória autobiográfica* é mediada e transformada por imagens digitais e midiáticas, as *narrativas mestras* incidem também na maneira com que nos apresentamos, recordamos o passado e os artefatos de memória que optamos por manter. Elas são, portanto, elaboradas e partilhadas cultural e socialmente, e colaboram para que certas narrativas prevaleçam a outras a fim de que seja consideradas e conhecidas como “verdadeiras” por pequenos ou grandes grupos sociais.

Assim como na televisão, através da qual nos relacionamos com o mundo “lá fora” sempre por meio de imagens, as imagens que compartilhamos nos SRS promovem esta perpetuação da relação da imagem pela imagem, que vão – via de regra – reproduzindo e reduzindo possibilidades de existência e enaltecendo *narrativas mestras*. Por isso, encontramos cada vez mais a prevalência do gênero informativo sobre as narrativas cânones: a informação diz respeito ao agora, ao instantâneo, ao “verdadeiro”, ao “real”, remete a uma imagem opaca, portanto ideologizada. A narrativa, enquanto gênero textual, relaciona-se sempre ao passado, requer maior elaboração e quase sempre presume que sofreu alterações, por parecer ser da ordem da ficção.

A partir disso, apontaremos quais novos papéis a fotografia digital assume nos ambientes virtuais, mais especificamente no Facebook, e como esses novos papéis reconfiguram a maneira como os sujeitos elaboram lembranças de si e concepções de quem são, considerando também quais outros artefatos são utilizados para tais elaborações. Todavia, não nos interessa constatar os limites de aproximação entre o que é relatado e a veracidade dos fatos, tampouco argumentar em favor de uma memória autobiográfica que capture a “essência” dos sujeitos: antes, interessa-nos saber como se dão as escolhas dos enunciados, os jogos de associação, os elementos que surgem e que vão aos poucos compondo o sentido da trama tecida por eles. Tudo isto a partir da fotografia.

Para tanto, tentaremos investigar como as fotografias digitais de cunho pessoal compartilhadas online pelos usuários do Facebook, principalmente jovens, atuam na construção da *memória autobiográfica*, bem como nas atuais formas de *narração de si*, e em que medida

estas formas de autonarração aproximam-se e distanciam-se das narrativas mestras vigentes. Para tanto, a metodologia apresentada a seguir tenta dar conta de todas as proposições aqui feitas, cujos resultados serão amplamente discutidos nos capítulos subsequentes.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Compreender uma nova forma de produção de memórias autobiográficas através de fotografias digitais inscritas nos SRS se apresenta como um desafio não apenas do ponto de vista teórico, mas também metodológico. De fato, cada recorte de pesquisa pede um método próprio capaz de dar conta do que se propõe investigar. Para tanto, adotou-se uma pesquisa empírica de caráter primordialmente qualitativo.

De tipo exploratório e analítico, o estudo se divide em duas etapas, conforme descreveremos abaixo, e que visam dar conta da interface entre fotografia e produção da memória. O quadro abaixo sumariza as 2 etapas gerais da pesquisa:

Tabela 1 - Resumo das etapas empíricas da pesquisa

ETAPA I	
Construindo o universo de pesquisa e o <i>corpus</i> empírico	Seleção de participantes. Delimitação do corpus de pesquisa e aplicação do questionário semi-estruturado digital para validação dos dados
ETAPA II	
Analisando as fotografias pessoais dos usuários	Seleção de participantes para etapa 2. Coleta das fotos publicadas no Facebook dos respondentes

Fonte: acervo próprio.

2.1. Etapa I – Selecionando os participantes de pesquisa mediante questionário

Com vistas a entender como as fotografias digitais de cunho pessoal compartilhadas no Facebook atuam na construção da memória autobiográfica, com efeitos sobre as atuais formas de narração de si, foram selecionados informantes que atendam aos seguintes critérios: **a)** ser usuário cadastrado no Facebook, **b)** ter entre 18-24 anos, **c)** ter pelo menos 3 fotografias publicadas na rede. Os três critérios justificam-se respectivamente em razão de: **1)** o Facebook ser o mais importante site de rede social atualmente no país (COMSCORE, 2015); **2)** a faixa etária de 18-24 anos ser a que mais despense tempo no Facebook, representando 54,4% do total, segundo estatísticas do Emarketer (2015); **3)** as fotografias serem o tipo de conteúdo mais veiculado na rede social, com 68% de tudo o que é publicado.

O instrumento aplicado a estes sujeitos consistiu em um questionário semiestruturado digital (anexo I), trazendo questões que abordam 1) hábitos e contextos da produção fotográfica digital e 2) relações entre a fotografia digital e a memória autobiográfica, no contexto dos SRS. O questionário seguiu o seguinte roteiro:

Tabela 2 - Sumário dos conteúdos abordados no questionário digital aplicado a usuários do Facebook

Elementos Pré-Instrumento - Perguntas de validação do questionário	
1) Perfil de inclusão/exclusão	- Aceitação dos termos da pesquisa - Faixa etária de 18 a 24 anos
2) Produção de imagens no Facebook	Número mínimo de 3 fotografias publicadas que possam ser codificadas e analisadas.
Seção I - Hábitos e Contextos produção fotográfica digital no Facebook	
3) Seleção de fotografias	O usuário é convidado a deixar o link de 3 fotografias publicadas em seu Facebook, que estejam no modo “visualização pública”. Questões 1, 5 e 9: “compartilhe aqui o link da foto”
4) Narrativas dos sujeitos guiadas pela fotografia	Os respondentes são chamados a dissertarem livremente sobre a fotografia selecionada, fazendo isso individualmente em cada imagem. Questões 2, 6 e 10: “Fale, livremente, sobre esta foto que você escolheu”
5) Motivações de compartilhamento e produção de memória	Eleição de possíveis razões para o compartilhamento e tentativa de relação com a memória. Questões 3, 7 e 11: “Por que você sentiu vontade de publicar esta foto?”
6) Sentimentos evocados	Eleição de possíveis sentimentos relacionados às fotografias escolhidas. Questões 4, 8 e 12: “Que sentimentos esta fotografia te provoca?”
Seção II - Memória e relação dos respondentes com a fotografia	
7) Mudanças de hábitos em relação à fotografia	Os respondentes são convidados a responder sobre seus antigos e atuais hábitos fotográficos, elencando por exemplo em que situações eles revisitam as fotos antigas compartilhadas em seu Facebook. Questões: 13) Você tem o costume de visitar as fotos antigas que estão publicadas no seu Facebook? 14) Em que momentos ou circunstâncias você costuma visitar as fotos antigas que estão no seu Facebook? 15) Você revelaria (em papel fotográfico, como se fazia na época das câmeras analógicas) estas fotos que você compartilhou aqui comigo? 16) Por quê? 17) Se o Facebook de repente falisse, e apagasse todas as imagens que você publicou, como você se sentiria?

8) A memória impulsionada pelo dispositivo tecnológico	Nesta seção, os participantes respondem sobre vezes em que já foram surpreendidos com uma fotografia no Facebook da qual não lembravam mais. Questões: 18) Você já foi surpreendido pelo Facebook (ou pelos seus amigos do Facebook) ao rever uma foto sua que havia sido publicada há muito tempo? 19) Se você respondeu "sim", conte-nos como foi rever aquela(s) foto(s)?
9) Feedback em relação ao instrumento	Por fim, nesta parte do questionário, os respondentes falam sobre as dificuldades em respondê-lo. O objetivo era aprimorar quaisquer questões que trouxessem dúvidas aos que responderam. Questões: 20) Você sentiu dificuldade em responder alguma das perguntas, ou não sabia direito o que elas queriam dizer? 21) Em caso afirmativo, em qual(is) pergunta(s) sentiu dificuldade? 22) Qual(is) foi/foram a(s) sua(s) dificuldade(s)? 23) Sugestões/Críticas

Fonte: acervo próprio.

No planejamento da pesquisa, havia sido estipulado um número mínimo de 30 respondentes, capazes de fornecer um volume de dados verbais e visuais significativo para análise. A análise qualitativa do material dividiu-se entre as respostas dadas no questionário e suas fotografias. O questionário buscou selecionar os sujeitos que se encaixassem no perfil delimitado, alcançando um total de 31 questionários respondidos – que representou o número mínimo estipulado mais um –, número com o qual acreditamos ter garantido uma maior diversidade de informantes nos sujeitos da pesquisa.

Visto que este estudo qualitativo não busca representatividade amostral, a escolha dos 31 respondentes (codificação e análise de imagens) justifica-se como recorte do *corpus* intencional e por conveniência, dado o baixo número de pesquisadores disponíveis para contribuir com a pesquisa, bem como as limitações de coleta e tratamento dos dados.

As 12 primeiras questões do instrumento giravam em torno das fotografias que os respondentes disponibilizariam, através do recurso de copiar e colar o link das fotografias escolhidas; ou seja, só foram disponibilizadas para o questionário fotografias que já estivessem publicadas no Facebook, conforme apontam os critérios de inclusão e exclusão. Os dois primeiros itens do instrumento tratam dos critérios de inclusão dos participantes (usuários de Facebook de 18-24 anos que já tenham fotos publicadas nesta rede).

O ponto 3 intitulado “Seleção de fotografias” do quadro 1 acima diz respeito à etapa posterior em que as fotografias desses usuários (por eles selecionadas) seriam codificadas e analisadas, e nesse item os respondentes foram convidados a deixar o link (ou seja, o endereço eletrônico) de 3 fotos publicadas em seu perfil que eles julgaram mais terem gostado de compartilhar e que representasse uma lembrança estimada, conforme anexo I. No item 4 (“Narrativas dos sujeitos guiadas pela fotografia”), os sujeitos deveriam falar quaisquer aspectos sobre a imagem escolhida, quer fossem descritivos ou afetivos.

Nos Itens 5 e 6 (“Motivações de compartilhamento e produção de memória” e “Sentimentos Evocados”), respectivamente, procuramos as motivações que levaram os respondentes a compartilhar aquelas fotografias no Facebook bem como os sentimentos evocados por aquelas fotografias, acreditando na hipótese de que comentários e “curtidas”⁸ fossem critérios essenciais na produção e no compartilhamento das fotografias e que alguns poucos sentimentos, como o de felicidade, eram atribuídos à quase todas as imagens. Já nos Itens 7 e 8 (“Mudanças de hábitos em relação à fotografia” e “A memória impulsionada pelo dispositivo tecnológico”), buscamos perceber, nesta ordem, como os hábitos fotográficos se metamorfosearam até os dias atuais, sobretudo nos SRSs, e como o dispositivo tecnológico poderia influenciar a maneira como lidamos com nossos artefatos de memória. Neste sentido, investigamos como a evolução dos aparatos técnicos favoreceu uma transformação na forma como fazemos fotografias, as mantemos e falamos sobre elas e nós mesmos.

O questionário, por sua vez, teve um total de 23 perguntas divididas da seguinte forma:

- as questões 1, 5 e 9 do questionário (vide anexo I) correspondem ao item 3 do quadro 1, ou seja, espaço onde os usuários foram convidados a compartilhar o link das fotos por eles selecionadas;
- as questões 2, 6 e 10 do instrumento dizem respeito ao item 4 do quadro 1, em que os sujeitos são convidados a dissertarem livremente, de forma separada, sobre cada imagem escolhida;
- as questões 3, 7 e 11, por sua vez, têm relação com item 5 que diz respeito às motivações que conduziram os respondentes a terem escolhido tais imagens, sendo questões de múltiplas alternativas para que os sujeitos elessem;

⁸ A opção “curtida” é um tipo de reação possibilitado pelo site de rede social que permite os contatos interagirem, mostrando uma aprovação do que foi publicado.

- as questões 4, 8 e 12, fechando a seção 1, dizem respeito aos sentimentos evocados pelas fotografias, em que os respondentes tiveram de também eleger possíveis sentimentos correlatos às imagens dentre as alternativas já dadas;
- as questões 13 a 17 correspondem ao item 7, que tratam das mudanças de hábito na mediação com a fotografia, dividindo-se entre questões abertas e fechadas;
- as perguntas 18 e 19 se relacionam ao último item da seção 2, acima mencionado, em que buscou investigar as experiências dos usuários com o aplicativo “Neste Dia”, do Facebook;
- por fim, as questões de 20 a 23 tratam de perguntas de feedback em relação ao questionário, sondando quais as possíveis dificuldades enfrentadas pelos participantes ao responder o instrumento.

Com esta divisão em seções, procuramos respectivamente: **1)** identificar os sujeitos que se encaixam em nosso recorte do *corpus* empírico; **2)** compreender em que medida os usuários se utilizam das fotografias para construir versões sobre si e sobre sua trajetória, identificando como a imagem pode contar sobre sua história ou parte dela a partir das memórias autobiográficas geradas na plataforma digital; **3)** identificar se as mudanças de materialidade das fotografias (antes analógicas, e hoje digitais) interferem no modo como lidamos com as percepções de passado e construção de memória dos usuários do Facebook, bem como se há uma preocupação no armazenamento do registro para acesso posterior, além de tentarmos analisar como de fato os respondentes lidam com os registros de memória e se existe uma preocupação no armazenamento e no acesso futuro, visto que, se apagadas, essas fotografias jamais poderiam ser revistas.

O questionário foi estruturado e aplicado digitalmente através da ferramenta “formulários” do *Google Docs*, posteriormente disponibilizado de forma pública através da publicação do link nos canais de divulgação. Para tornar o formulário público e obter o número mínimo de 30 informantes, o instrumento foi aplicado estritamente pela internet e amplamente divulgado no perfil pessoal da pesquisadora no Facebook, em grupos do Facebook que acolhem pesquisas acadêmicas semelhantes, por e-mails dos contatos conhecidos de âmbito acadêmico e profissional e por listas de discussões de e-mail.

Os respondentes dos questionários, portanto, foram usuários do Facebook não apenas já conhecidos pela pesquisadora, o que ampliou ainda mais o cenário de discussão e análise dos

dados a serem colhidos. Visto ser público, o instrumento poderia ser respondido por tantos quantos tivessem interesse, desde que se encaixassem no perfil delimitado. No caso dos usuários não pertencentes à rede de contatos da pesquisa, foi-lhes pedido que alterassem o modo de exibição das fotos compartilhadas para “público”, permitindo que a pesquisa fosse realizada mesmo na ausência de um “convite de amizade” do Facebook. Dessa forma, concluímos ser uma maneira mais próxima de abordar os possíveis respondentes, sem que tivessem sua privacidade invadida. A única condição proposta aos respondentes era responder as perguntas até o final do questionário e permitir que suas fotos fossem analisadas para fins de pesquisa.

A opção por divulgar o questionário no formato digital e através do Facebook justificou-se aos nossos objetivos e tornou mais fácil a captação de dados, permitindo a comodidade do participante e maior alcance do estudo. A aplicação de um questionário presencial requereria uma disponibilidade maior por parte do respondente e dificultaria o contato com os possíveis participantes.

Antes de responderem o questionário, os interessados concordaram com o termo de consentimento livre esclarecido (vide Anexo II) constante no próprio instrumento, através de um link que direcionou o usuário ao documento referido. Apenas foram utilizados os questionários em que o respondente deu o aceite neste procedimento. As respostas coletadas neste questionário foram devidamente cruzadas e analisadas com o objetivo de entendermos algumas percepções desses sujeitos acerca da produção de fotografia compartilhada no Facebook. O instrumento ficou disponível do dia 12 de dezembro de 2015 a 21 de janeiro de 2016, totalizando 6 semanas.

2.2. Etapa II – Analisando as fotografias pessoais no Facebook dos respondentes

Após o encerramento da aplicação dos questionários, foram colhidas todas as fotografias disponibilizadas no formulário que estavam na forma pública, totalizando um total de 76 imagens, visto que 17 imagens não puderam ser coletadas, pois não estavam no modo de visualização pública ou tinham o link corrompido quando foi feita a coleta. Foram realizadas algumas tentativas de contato através de mensagem no Facebook com os respondentes cujas imagens não foram coletadas, porém todas sem sucesso.

Depois de colhidas as 76 imagens, codificamos e separamos as fotografias nesta etapa segundo os aspectos centrais de análise de imagem:

Tabela 3 - Planos de análise das imagens e suas respectivas descrições

1) Plano de Análise da Imagem I	- análise de conteúdo da imagem - análise de composição da imagem
2) Plano de Análise da Imagem II	- análise de correspondência entre as imagens e o texto dissertativo atribuído a cada uma delas - análise da intencionalidade da imagem
3) Plano de Análise da Imagem III	- análise de semelhanças e distanciamentos entre todas as fotografias

Fonte: acervo próprio.

Com relação ao Plano de Análise da Imagem I, analisaremos as fotografias de acordo com os elementos que compõem a fotografia a fim de fornecer um panorama geral de conteúdo, descrevendo a partir de temas e *tags* as fotografias disponibilizadas. Quanto ao Plano de Análise da Imagem II, detalharemos as principais categorias que emergem do relato escrito sobre cada fotografia e de que forma estas imagens tentam dar conta de alguma experiência vivida pelos sujeitos, correlacionando a imagem com o relato escrito dela proveniente. Já quanto ao Plano de Análise da Imagem III, detivemo-nos a analisar em que medida as 76 fotografias coletadas se aproximam e se distanciam em termos de conteúdo, de composição e de intenção.

A utilização da fotografia como instrumento metodológico na Psicologia tem se mostrado desafiadora, já que grande parte das pesquisas produzidas neste campo se utiliza sobretudo da linguagem verbal como forma de acessar a realidade dos sujeitos investigados. Segundo Medina Filho (2013),

apesar das abordagens metodológicas atuais nos permitirem o alcance de resultados de qualidade em nossas pesquisas na teoria das representações sociais, creio que o desenvolvimento de técnicas ativas de coletas de informações imagéticas poderá enriquecer, facilitar e tornar mais precisas as nossas metodologias de trabalho. Associar o código de representação verbal ao código de representação icônico certamente potencializará nossas análises e fortalecerá os resultados e conclusões de nossos trabalhos. (MEDINA FILHO, 2013, p. 265)

O método utilizado para a análise das imagens, resumido nos três planos anteriormente apresentados, justificou-se por nossa preocupação em analisar as imagens como um panorama geral dos tipos de eventos e experiências retratados nas imagens compartilhadas que marcaram os participantes da pesquisa de alguma forma, como uma maneira de investigar se existiam elementos que se repetiam nas diferentes imagens e histórias relatadas, fossem eles objetivos (ou seja, um mesmo conteúdo que se repetisse em diferentes fotografias) ou subjetivos (repetição de sentimentos e sensações despertados pelas imagens). O objetivo era perceber como eram

construídos os relatos a partir das imagens partilhadas e costurar possíveis relações entre os elementos presentes e os elementos invisíveis na imagem; ou seja, correlacionar como discursos diluídos na sociedade podiam ser visualmente encontrados nas fotos.

Desta forma, as etapas da pesquisa foram divididas de acordo com o cronograma de atividades a seguir:

Tabela 4 - Cronograma da pesquisa

S = Semana	Dezembro 2015				Janeiro 2016				Fevereiro 2016				Março 2016			Abril 2016	
	S 1	S 2	S 3	S 4	S 5	S 6	S 7	S 8	S 9	S 10	S 11	S 12	S 13	S 14	S 15	S 16	S 17
Aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética																	
Aplicação do projeto piloto																	
Início da etapa empírica - aplicação de questionários																	
Descarregamento das imagens disponibilizadas pelos usuários																	
Análise quanti-qualitativa dos questionários e das imagens																	
Redação final do texto dissertativo																	
Entrega da Revisão da pesquisa																	
Entrega da devolutiva aos informantes																	
Apresentação dos achados da pesquisa e defesa da dissertação																	

Fonte: acervo próprio.

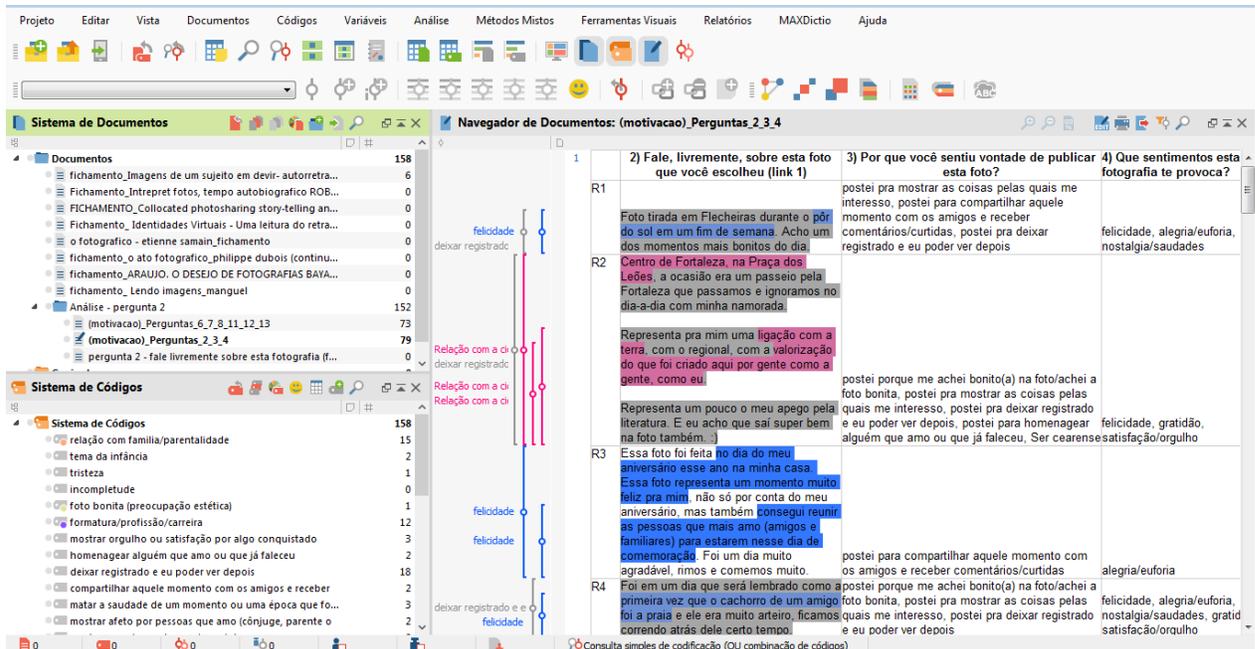
2.3. Descrição da análise do material qualitativo

Devido ao grande volume de dados a serem esquematizados para fins de análise, a pesquisa utilizou-se de softwares que auxiliaram na sistematização do material coletado. Na construção do instrumento, foi utilizado o formulário do Google Docs, como já dito, que possibilitou que as perguntas ficassem dispostas de forma didática no questionário, facilitando o manuseio dos participantes. Conforme ia sendo respondido, o questionário online registrava automaticamente as respostas num arquivo em formato de planilha (também disponível no Google Docs), dispondo cada pergunta em uma coluna e cada registro de resposta em uma linha diferente.

Depois de encerrado o período de recebimento de respostas, previsto no cronograma de atividades, todos os registros de resposta foram transformados em tabelas de um programa de

edição de texto e logo após exportados para o MAXQDA 12 versão *demo*, programa de análise qualitativa de dados. Neste software, foi possível trabalhar com o material escrito, de modo que conseguimos organizá-lo em categorias e eixos de análise. A utilização do MAXQDA restringiu-se às respostas abertas, que foram as perguntas 2, 6, 10 16 e 19 do instrumento.

Figura 1 - Tela do MAXQDA 12 aberto



No lado esquerdo superior, fica a lista dos arquivos de texto a serem codificados pelo software. No lado esquerdo inferior, são os códigos/categorias criados para codificar o texto. Fonte: Acervo próprio.

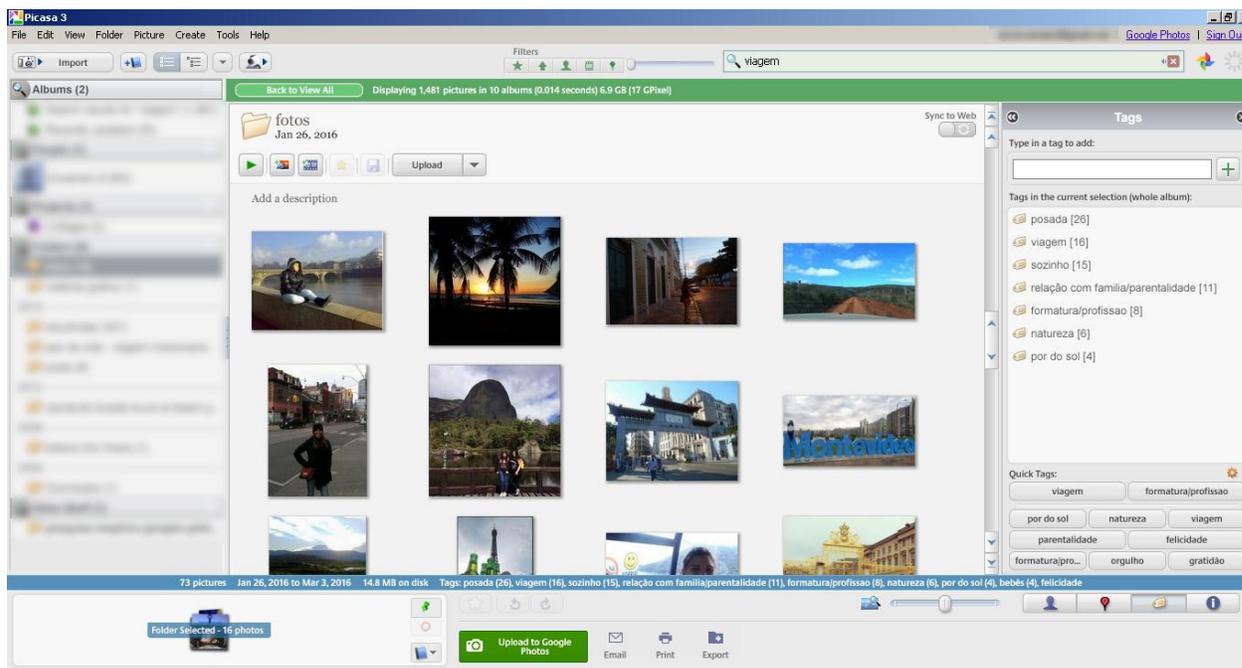
Nas perguntas de múltipla escolha, a saber as questões 3, 4, 7, 8, 11, 12 13, 14, 15, 17 e 18, foi utilizado para análise um software de planilhas, em que as respostas das questões puderam ser sistematizadas por frequência, conforme está exposto no capítulo de Análise e Discussão de Dados.

Para a sistematização, codificação e análise das imagens, recorremos ao software Picasa 3 que, com seu sistema de *tags*⁹, permitiu com que dividíssemos as imagens por grandes temas, de forma que agrupamos as imagens que se aproximavam por temas reunindo-as em uma mesma colagem, o que facilitou a nossa análise. Desta maneira, as imagens foram agrupadas pelos

⁹ Ferramenta do software que permite etiquetar cada foto de acordo com uma categoria ou um tema criado pelo usuário. Desta forma, ao etiquetar as imagens que se aproximam por um mesmo tema ou por uma mesma categoria, é possível agrupar somente as imagens que possuem uma determinada etiqueta (*tag*), dispondo-as como se desejar. Assim, foi possível visualizar mais facilmente as imagens que traziam temas semelhantes, otimizando o manuseio das imagens.

seguintes temas: 1) em viagem; 2) sozinho na imagem; 3) relação com a família/parentalidade; 4) carreira/profissão; 5) natureza; 6) pôr-do-sol. Assim, o programa permitia que as imagens etiquetadas com o mesmo tema fossem justapostas.

Figura 2 - Tela do Picasa 3 aberto, com as imagens etiquetadas “em viagem” agrupadas



Ao lado direito, é possível ver as demais *tags* e as respectivas quantidades de imagem de cada uma. Fonte: Acervo próprio.

Estes “grandes” temas foram pensados baseados na proximidade estética e de conteúdo que as imagens apresentavam. Por exemplo, as imagens que foram etiquetadas como “pôr-do-sol” mostravam este fenômeno da natureza sob ângulos muito parecidos, quase todas tiradas num contexto de contato com a natureza. Todavia, como uma destas imagens que traziam o pôr-do-sol foi tirada da sacada de um prédio, em um contexto urbano, decidimos não agrupá-la com as demais imagens etiquetadas como “natureza”, assim como as imagens de “natureza” não traziam sempre o pôr-do-sol como conteúdo; daí a distinção entre ambas *tags*.

Cada *tag* possuía um número específico de imagens associadas, a saber:

Tabela 5 - Número dos tags empregados às fotos, em porcentagem, divididos por tema

	Número absoluto	Percentual %
Em viagem	16	21%

Relação com a família/parentalidade	11	14,47%
Carreira/profissão	8	10%
Natureza	6	7%
Pôr-do-sol	4	5%
Sozinho na imagem	15	19%
Total	76	100%

Fonte: acervo próprio.

2.4. Aspectos éticos da pesquisa

Seguimos as recomendações relacionadas à pesquisa com seres humanos, de acordo com os princípios éticos contidos na Resolução N°466/2012, com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde. Antes de iniciada a etapa de campo, a pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética através da Plataforma Brasil¹⁰, obtendo parecer favorável sob número 1.353.979 no dia 7 de dezembro de 2015. Ao fazer adesão aos preceitos éticos expressos no marco regulatório supracitado, atendemos aos quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça.

Buscamos contemplar a autonomia através do esclarecimento da voluntariedade da pesquisa, da possibilidade de desistência a qualquer momento e abster-se de responder quando assim lhe convier. Utilizamos o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE), no Anexo II, autorizando a participação voluntária na pesquisa, após explicação precisa em linguagem acessível sobre os objetivos da pesquisa. Quanto ao princípio da não maleficência, asseguramos aos participantes que não sofreriam nenhum prejuízo, resguardando seu anonimato. Quanto ao princípio de beneficência, foi fomentado o respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como aos hábitos e costumes dos sujeitos, assegurando-os a confidencialidade e a privacidade.

O nome dos respondentes, durante a produção da análise e escrita do relatório final da pesquisa, foram substituídos por nomes fictícios, bem como os possíveis locais citados,

¹⁰ Disponível em <<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>>

preservando o anonimato de suas identidades. As imagens que foram analisadas, todavia, apareceram em sua integralidade nos resultados aqui encontrados. Ressalta-se, porém, que as fotografias analisadas só foram expostas neste trabalho mediante prévia aceitação por parte dos respondentes, a qual consistiu no aceite em responder o questionário. O instrumento, por sua vez, deixou claro todos os passos em que foram envolvidos os participantes, a fim de que estivessem conscientes do uso de suas informações pessoais, bem como de suas fotografias. Os informantes concordaram que os resultados poderiam ser utilizados em eventos e publicações científicas.

Tornamos claro aos respondentes que o consentimento a participar implicou: a) responder um questionário semi-estruturado digital com perguntas que giram torno do uso da fotografia nos SRS e sua relação com a memória e uma narrativa de si; b) permitir a análise de suas fotos do Facebook para fins exclusivamente acadêmicos.

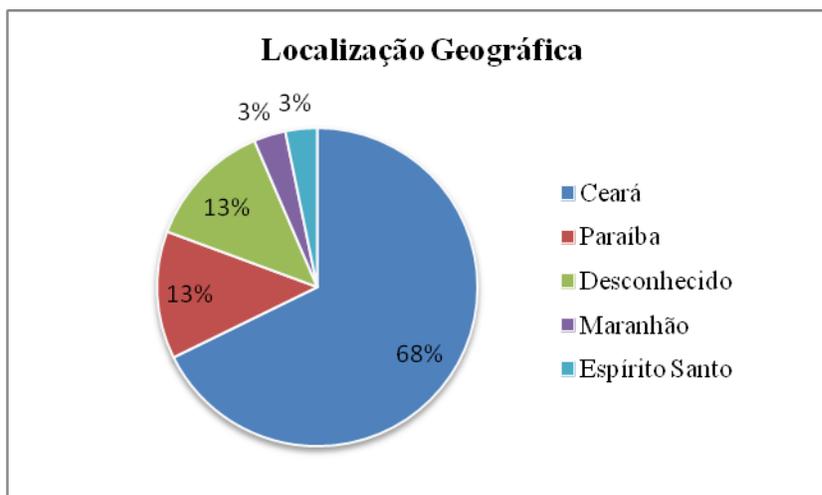
A participação nesta pesquisa não previa trazer complicações, talvez apenas algum constrangimento que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas, porém, neste caso, não houve relato algum neste sentido. Caso o respondente sentisse, em algum momento, desconfortável poderia interromper a resposta ao instrumento e até mesmo encerrar sua participação na pesquisa. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa não ofereceram risco à integridade física, psíquica e moral de nenhum dos respondentes. Nenhum dos procedimentos utilizados ofereceu riscos à dignidade.

Ao participar desta pesquisa, os convidados não tiveram benefício direto algum. Tampouco quaisquer tipos de despesa por participar desta pesquisa. Nenhum valor foi pago por qualquer participação. Entretanto, se o respondente desejasse, poderia ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo. Para tanto, tornamo-nos cientes de que deveriam entrar em contato com o pesquisador responsável através do contato deixado no Termo de Consentimento Livre Esclarecido, como alguns o fizeram.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Antes de iniciarmos a discussão sobre os achados desta pesquisa, faz-se necessário descrevermos um pouco mais a fundo o perfil dos sujeitos investigados para entendermos o recorte social em que o trabalho está inserido. Como já dito, os sujeitos entrevistados compreendiam a faixa etária de 18 a 24 anos, obrigatoriamente usuários do Facebook. Como a divulgação da pesquisa empírica se deu em condições mais restritas pelos limites do tempo e as demais limitações de sua realização, 21 respondentes dos 31 ao todo eram do Ceará, seguidos de 4 de Paraíba, 1 do Espírito Santo e 1 do Maranhão, além de 4 desconhecido.

Gráfico 1 - Divisão dos respondentes por localização geográfica.



Fonte: Acervo próprio

Em relação ao nível de escolaridade, dos 31 pesquisados, a maioria com 14 respondentes (45%) possuíam Superior Incompleto, seguidos de 10 (32%) respondentes com Superior Completo, 3 do Ensino Médio (10%) e 4 sem resposta (13%). Em relação ao gênero, a maioria absoluta é do sexo feminino correspondendo a 19 pessoas, do sexo masculino totalizaram 8, seguidos de 4 que não responderam.

Gráfico 2 - Grau de escolaridade dos respondentes

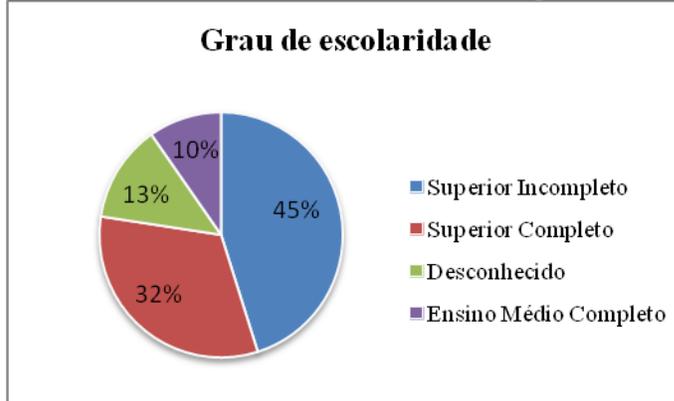
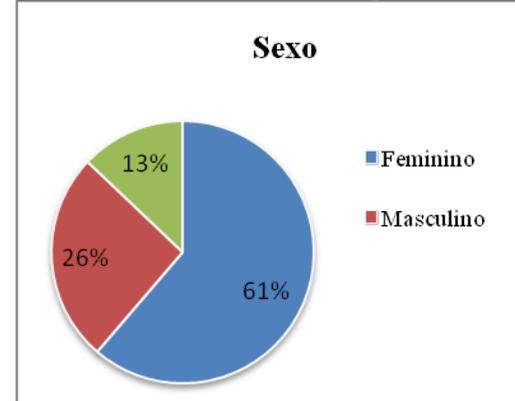


Gráfico 3 - Gênero dos respondentes



Fonte: acervo próprio.

Além de transformar os dados dos respondentes em gráficos demográficos, é interessante ressaltar que os resultados aqui encontrados refletem muito o modo de se relacionar com a fotografia de um segmento social muito específico: jovens universitários ou recém-egressos da universidade, que possuem hábitos de consumo e estilos de vida próximos, portanto compartilham semelhantes repertórios culturais, os quais acreditamos que atuam fortemente na forma com que este grupo social produz memória. Relembramos os objetivos específicos que são: i) investigar quais os atuais usos da fotografia nos sites de redes sociais; ii) analisar os novos efeitos que essa produção fotográfica contemporânea produz sobre a memória autobiográfica; iii) entender como as memórias autobiográficas ativadas pela fotografia digital contribuem para a elaboração de uma narrativa de si.

Procuramos analisar em que medida os jovens desta faixa etária específica (18 a 24 anos), com um perfil muito semelhante (jovens com elevado grau de escolaridade e participantes ativos dos SRS), usam a fotografia destinada prioritariamente ao compartilhamento e se eles fazem o uso do “compartilhamento¹¹ pelo compartilhamento”, em que as questões da manutenção das lembranças ficam sempre em segundo plano, senão olvidadas; em outras palavras, se eles partilham um conteúdo apenas por partilhar ou se este conteúdo (no caso, as fotografias) é partilhado por tratar-se de uma lembrança importante. Tal fenômeno refletiria novas formas de guardar lembranças e construir versões do passado, sobretudo distintas daquelas na era analógica e até mesmo anterior à adesão significativa aos SRS.

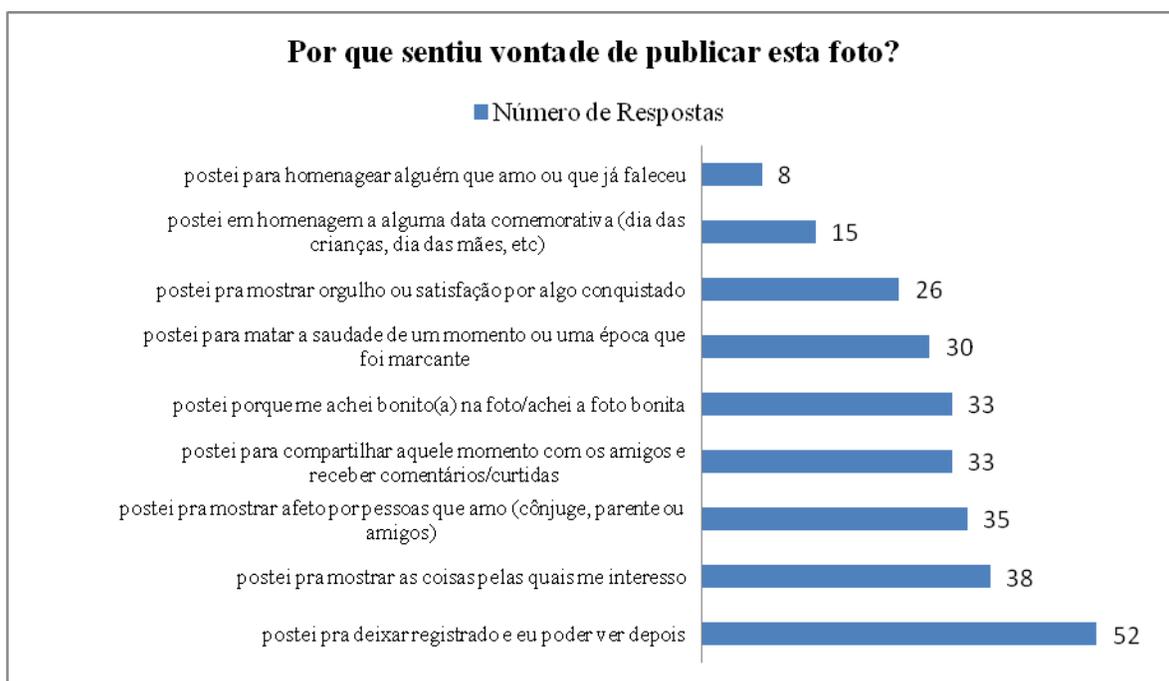
¹¹ Recurso do *Facebook* em que o usuário pode partilhar um conteúdo publicado por um amigo/página em sua própria linha do tempo ou na linha do tempo de outro amigo, ou de um grupo.

Além disso, objetivou-se investigar se as novas formas de organizar as lembranças e narrar o passado pessoal mediante fotografias, possibilitadas primordialmente pela colonização digital, criam também novas formas de os sujeitos falarem sobre si. Em última instância, tentamos deslindar em que pontos as imagens aqui estudadas e seus relatos derivados reproduzem aspectos culturais, ideológicos e políticos da sociedade em que estão inseridas – uma sociedade predominantemente imagética – e em que pontos elas se mostram pessoais e autorais.

3.1. Análise da Seção I: Hábitos e Contextos da Produção Fotográfica

Na Seção sobre os Hábitos e Contextos, buscamos entender – por meio de perguntas abertas e de múltipla escolha – em que medida os usuários se utilizam das fotografias para construir versões sobre si e sobre sua trajetória, identificando como a imagem pode contar sobre quem a pessoa acredita ser a partir dos registros autobiográficos gerados na plataforma digital. Deste modo, começamos esta seção analisando as respostas às questões 3, 7 e 11 do questionário, que nos deram os dados sobre os quais discutiremos a seguir.

Gráfico 4 - Demonstrativo da frequência de respostas de cada alternativa relacionada à pergunta “Por que você sentiu vontade de publicar esta foto?”



Fonte: acervo próprio.

Quando falamos sobre as motivações que levaram os respondentes a publicar as imagens que foram selecionadas para este estudo, é muito interessante que a alternativa “postei para deixar registrado e poder ver depois”, com um total de 52 respostas, tenha sido o motivo mais eleito pelos sujeitos da pesquisa, enquanto a alternativa “para compartilhar aquele momento com os amigos e receber curtidas” ficou em 4º lugar com 33 respostas, pois desmistifica um pouco a percepção comum de que as fotografias utilizadas nos SRS destinam-se principalmente para a exibição na rede.

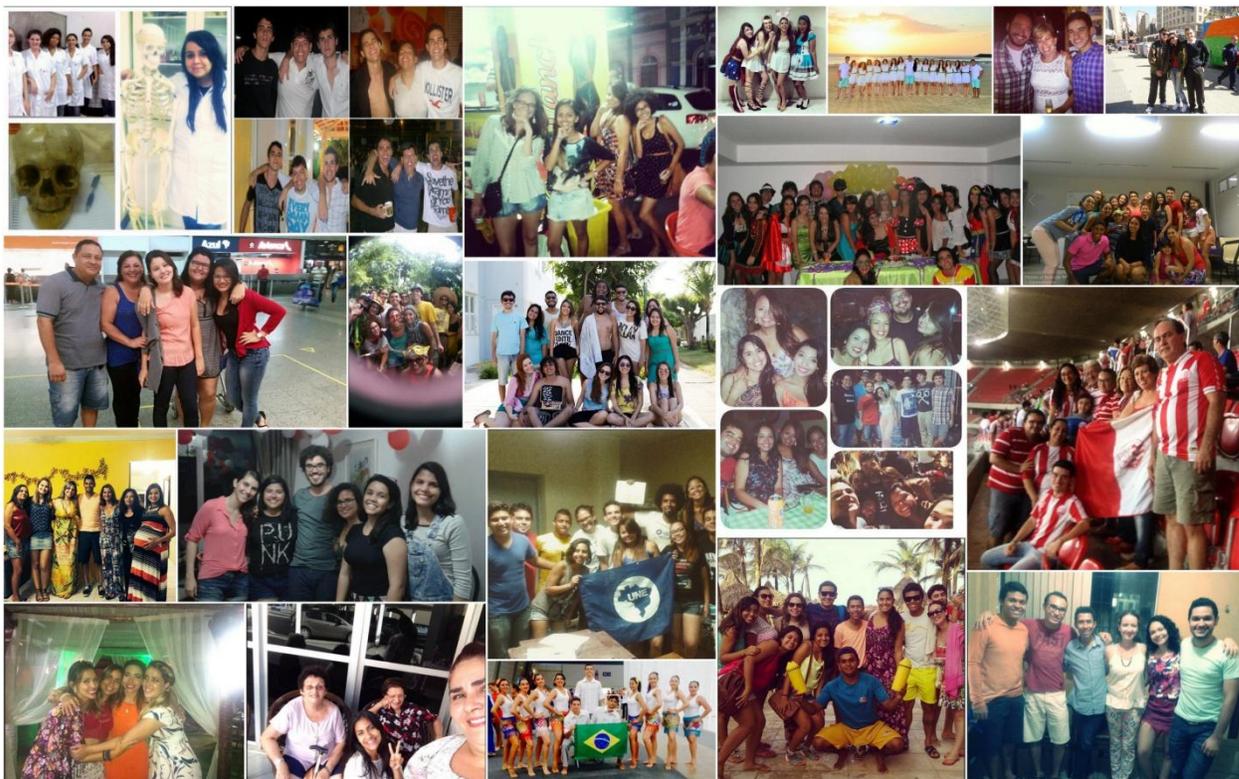
Apesar de a literatura (VAN DIJCK, 2007; 2008) afirmar a sobreposição do papel comunicativo ao mnemônico – em outras palavras, o papel da fotografia em estabelecer vínculos e comunicação sobreposto a seu papel de armazenamento das lembranças – o que este dado revelou, entretanto, é que a preocupação com a manutenção da “lembrança”, representada pela fotografia, permanece como um importante aspecto, revelando-se como a maior preocupação dos sujeitos participantes. Concordamos que a fotografia digital não erradicou a função de guardar a “memória” da câmera fotográfica, tão presente em sua era analógica. Porém, as fotografias no Facebook, todavia, não se revelam tão efêmeras como em outras plataformas (por exemplo Twitter e Snapchat). Diferente do que revelam alguns estudos, em que importa mais aos usuários utilizar as fotografias em rede para estabelecer comunicação interpessoal e estreitar laços sociais e menos memorizar, esta pesquisa empírica mostra que a preocupação com o “guardar para ver depois” não foi subtraída na relação com a fotografia digital no Facebook, tampouco revelam imagens que foram imediatamente publicadas assim que foram produzidas.

Cada plataforma, ainda que povoada pelos mesmos perfis de usuários, permite tipos de interação entre os pares e com a própria rede bem distintos. Talvez exista uma falsa ideia de que pelo fato de serem *millennials*¹², a prática dos selfies e das fotografias “banais” do cotidiano seja algo extremamente presente e comum quando se trata de sites de redes sociais. Claro, é impossível e até ingênuo negar que tal prática permeia o dia a dia desta faixa etária de forma geral, entretanto sobrevalorizar a motivação deste uso da fotografia à “exposição pela exposição” pode ser reduzir a complexidade das razões que levam aos selfies, como assinala este estudo. Ademais, a análise da produção e partilha de imagens deve levar em consideração as especificidades de cada rede, desvelando seus jogos de articulação e as negociações implícitas.

¹² Termo designado para uma faixa etária de pessoas nascidas entre 1981 a 1996, de acordo com Pew Research Center (2015).

Existem ambientes digitais de interação que não apenas permitem, mas incentivam o uso autocentrado e irrefletido da fotografia.

Figura 3 - Colagem com todas as fotos em grupo, em que os respondentes dissertavam sobre momentos "inesquecíveis" na companhia de pessoas a quem devem afeto e gratidão



Fonte: Acervo próprio.

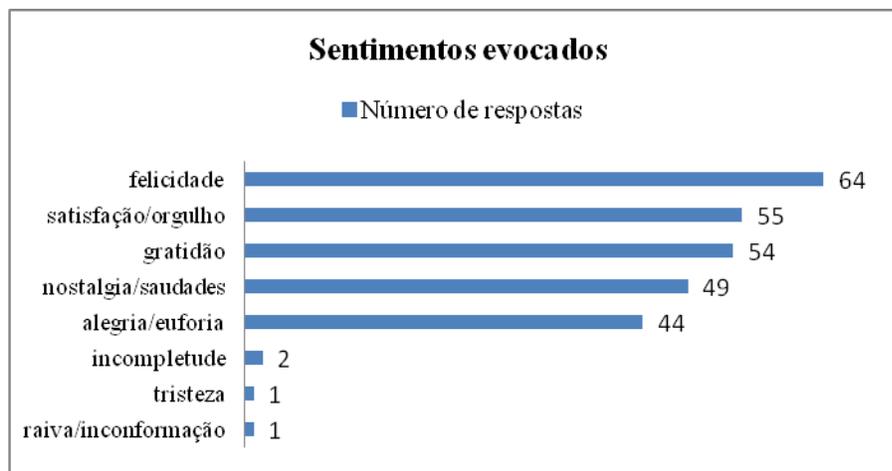
No Facebook, todavia, parece-nos existir uma atribuição maior de afeto, bem como uma maior preocupação com a editoração dos sentidos e significados das experiências, revelados não só pelos motivos que conduziram estes jovens a compartilharem tais imagens, mas pelos sentimentos que eles lhes atribuíram e pelo curto relato que acompanhou cada imagem (disparado pela pergunta “fale livremente sobre esta foto”, do questionário).

é uma das melhores lembranças que posso ter, porque foi quando descobri o que eu não trocava por nada na vida: meus avós e consegui pela primeira vez demonstrasse o carinho qual sentia por eles (Respondente 21, 2015; grifo nosso).

Na gráfico 5, abaixo, podemos ver os sentimentos evocados pelas imagens, referentes às questões 4, 8 e 12 do questionário (“Que sentimentos esta fotografia te provoca?”), os quais trouxeram elementos importantes discutidos a seguir. No tocante aos sentimentos evocados,

felicidade foi a alternativa mais escolhida entre os respondentes com 64 respostas, seguida de *satisfação/orgulho* e *gratidão*, com 55 e 54 respostas respectivamente. A *felicidade*, por sua vez, é um valor tão diluído, que ao mesmo tempo em que está presente em quase todas as respostas aqui encontradas, não há uma correspondência clara com as imagens que a representam.

Gráfico 5 - Demonstrativo da frequência de respostas em relação aos "Sentimentos Evocados" pelas fotografias disponibilizadas pelos respondentes



Fonte: Acervo próprio.

É interessante constatar que não apenas a felicidade tem sido cada vez mais imperativa nas redes sociais, mas investigamos que “cara” tem essa felicidade que estampamos e fazemos questão de compartilhar nas redes sociais, sob que formas ela aparece. Além de ser um valor proeminentemente contemporâneo e que retrata bem em torno de que gira a vida das pessoas, a felicidade, assim como outros valores, tem uma forma estética de se apresentar na fotografia, agenciando assim os modos de ver(-se) e de ser dos sujeitos contemporâneos.

Figura 4 - Colagem realizada no Picasa que traz todas as imagens que pessoas apareçam sorrindo



Fonte: Acervo próprio.

A felicidade, enquanto imperativo emergente em nossa sociedade, possui uma ideologia a qual, segundo Baudrillard (1976), não advém de uma inclinação natural de cada indivíduo para realizar por si mesmo. Para que esta felicidade seja de fato materializada, ela precisa ser mensurável: importa que se trate do bem-estar mensurável por objetos e signos. Entretanto, exclui-se na sociedade do consumo toda e qualquer possibilidade de felicidade compreendida como fruição total e interior, que independe de signos que possam se manifestar aos olhos dos outros e de nós mesmos.

Vejam as pessoas acima retratadas: estarão felizes, saudosas, orgulhosas ou incompletas? Só sabemos os sentidos dos sentimentos e o que as fotografias expressam ou a que remetem porque existem discursos sobre o que significa ser feliz, por exemplo. O sorriso, presente em todas as imagens acima, a título de exemplo, funciona como um signo da felicidade, que em tese é um estado interior, subjetivo. Assim, não se pode dizer que nas fotografias antigas, em que as pessoas não sorriam, não existia felicidade. A felicidade poderia ter uma outra estética, um outro discurso. Ela poderia ser encontrada em outros desfrutes ou sequer era irrefreavelmente buscada.

De uma maneira geral, existe uma ideia de que só se sorri quando se está gozando de alguma situação – ao menos, é assim que aprendemos a significar nossos sentimentos. O gozo,

nesta sociedade colonizada pelo presente, é algo que jamais pode ser tardado, jamais pode ser adiado, portanto se encontra tão presente nas fotografias.

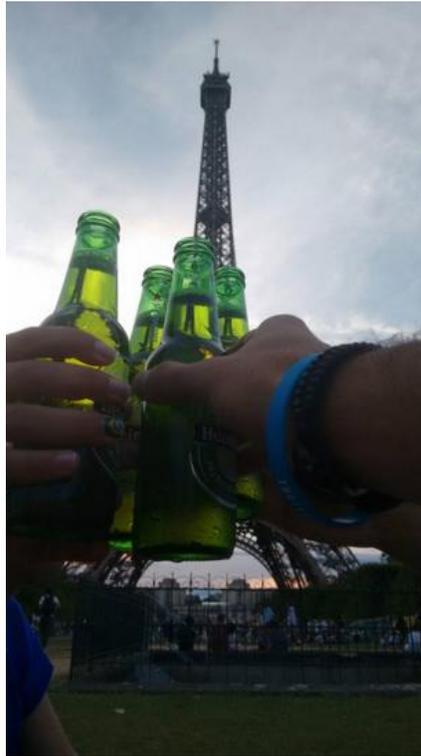
Só sabemos os sentidos da *felicidade* que, de alguma forma, é “expressa” nas fotografias ou uma felicidade que é remetida a algo que não pode ser capturado totalmente pela imagem – que ao menos não é tão óbvio a um olhar desinteressado – porque existem discursos poderosos do que significa ser/sentir-se feliz.

3.1.1. *Be happy*: a insigna do contemporâneo

Esta mesma felicidade, sugerida no contexto do consumo, possui *status* de exigência de igualdade – se o outro é feliz, é preciso ser feliz também –, e deve curvar-se sempre a propósito de critérios visíveis (BAUDRILLARD, 1976). Nos SRS, onde se negociam identidades, representações e performances, é preciso convencer de que aquelas fotografias exprimem um momento feliz. Não basta ser feliz por ser feliz, em um sentido autocontemplativo ou autossuficiente, é preciso exhibir que a vida vivida no dia a dia, de fato, é vivida da forma que é mostrada.

Muito associadas à *felicidade* estão as fotografias *em viagem*, que tratam de experiências em outras cidades ou fora do país vividas pelos respondentes. Sobre estas experiências, trataremos sobre a forma como este tema aparece nas fotografias coletadas e os relatos dos respondentes sobre cada uma delas, a fim de investigar o que estas imagens – ao serem analisadas conjuntamente – podem revelar não só sobre a trajetória individual de cada um dos pesquisados, mas sobre as narrativas-mestras que difundem e controlam formas de ser/estar no mundo contemporâneo.

Figura 5 - Primeira imagem da R25 disponibilizada no questionário



Fonte: acervo próprio

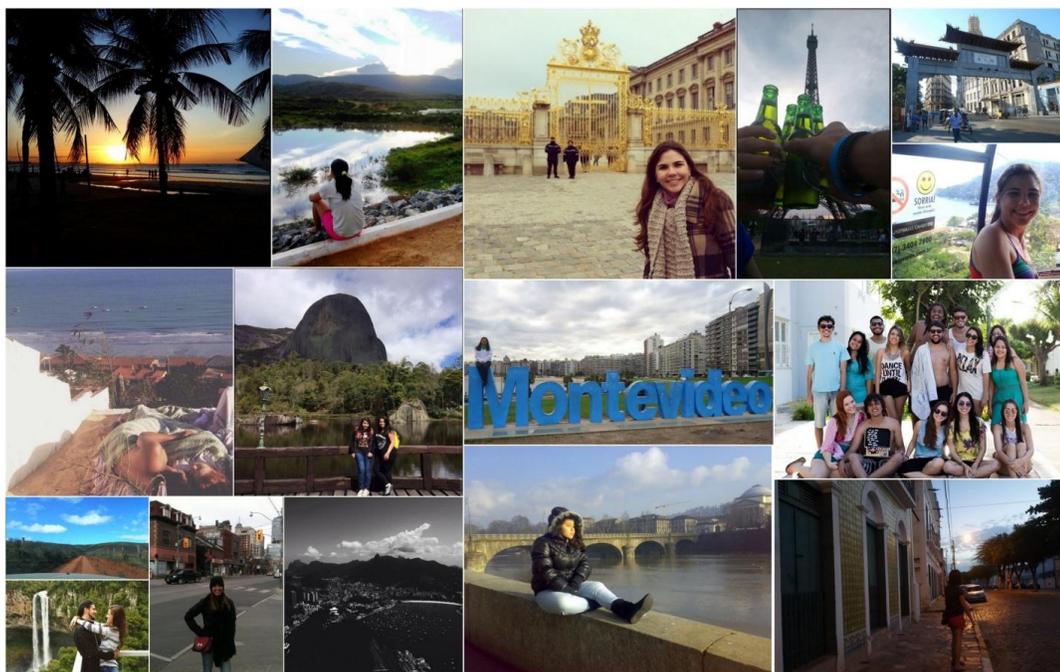
Essa foto foi tirado em paris, tem cerca de 6 meses, durante um passeio de 2 dias pela cidade, acho que foi tirada por mim mesmo. eu e um grupo de amigos e colegas fomos a finlandia participar de um evento de ginastica, da qual fazemos parte de um grupo pela UFC, e apos o evento passamos mais alguns dias em colonia- alemanha e em paris-frança, e depois de andar por diversos pontos da cidade, terminamos o percurso chegando a Torre, e foi deslumbrante, assim como toda a viagem em si, sentamos e conversamos por algumas horas, brincamos, sorrimos, BEBEMOS, fizemos figuras ginásticas,e tudo o mais. *Essa foto representa um dia mas tambem muito do sentimento da viagem completa, que foi... sem palavras, não consigo descrever, no momento me falta palavras. E ela é importante por isso , por representar uma das experiencias mais unicas que tive na vida ate o momento*, em um local fantástico, com pessoas que jamais sairão de minha memória e pelas quais tenho muitos sentimentos e recordações singulares. (Respondente 25, 2015; grifo nosso).

As fotografias que normalmente daríamos como privadas são capazes de mostrar os modos de ser, de sentir e de consumir do coletivo. A foto acima, além de dar a conhecer um sentimento que foi único na vida de R25 – e que foi marcada como *felicidade* pela respondente na questão “quais os sentimentos evocados por esta imagem?” – mostra quais são os signos de consumo e as práticas de sociabilidade que permeiam as experiências tanto do indivíduo – neste caso, R25 – como do grupo presente na foto.

O consumo de bebida alcoólica, principalmente cerveja, é uma prática de sociabilidade muito comum entre jovens brasileiros, mas o mais interessante é que a foto registrada em que todas as garrafas de cerveja Heineken juntas parecem brindar o momento se assemelha bastante ao teor dos comerciais da marca que, diferente das marcas brasileiras que predominantemente estabelecem uma relação objetiva com o consumo da bebida, traz o “estar entre amigos” como mote central de seu roteiro, em que estão inclusive homens e mulheres igualmente brindando e celebrando o momento. O “espírito” da marca parece ter sido muito bem compreendido pela respondente R25 e seu grupo de amigos e talvez seja um dos fortes motivos pelos quais o grupo decidiu comemorar este momento único e registrá-lo com esta marca de cerveja e não outra.

De mesmo feito, a torre Eiffel, além de demonstrar a importância de Paris no roteiro traçado por este grupo de jovens, revela um destino internacional muito procurado pelos brasileiros, conforme aponta uma pesquisa realizada pelo TripAdvisor (2015), estando entre o top 10, além de revelar um status social privilegiado presentificado pela realização de viagens internacionais como esta (dado o alto custo financeiro que elas exigem), que podem ser compartilhadas na rede e exibidas como sinal de distinção social.

Figura 6 - Figura 6: Colagem com as imagens de todas as fotos nas quais os respondentes relataram estar *em viagem*



Fonte: acervo próprio.

Na imagem acima, reunimos em uma colagem feita no *Picasa 3* as fotografias que foram etiquetadas como *em viagem*, para que pudéssemos analisar o que todas estas imagens juntas nos dizem quando olhamos para além da superfície e da obviedade. Ao fazer isto, percebemos que as 16 fotos coletadas que trazem o contexto de alguma viagem falam muito além dos sonhos pessoais realizados através de cada uma dessas viagens: assim como a felicidade emerge como um discurso prescritivo (“seja feliz agora e a todo instante”) incorporado como meta pessoal de vida, o espírito *voyageur*, aventureiro e desbravador, cada vez mais vem convencendo principalmente a jovens a buscarem uma autorrealização em inúmeros roteiros turísticos. Tudo isto porque, progressivamente, a indústria do turismo produz *não-lugares*, desterritorializando as relações humanas e mercantilizando os espaços e as experiências deles advindas.

O *não-lugar*, termo cunhado por Augé (1994), não abre brecha para uma relação entre lugar e sociedade, em que se criam sentidos e significados de histórias que se desenrolam na esteira do tempo e do espaço, dando luz a novas histórias e identidades que em tudo se relacionam com o local em que se desenvolvem. Desta maneira,

o não-lugar não é a simples negação do lugar, mas uma outra coisa, produto de relações outras; diferencia-se do lugar pelo seu processo de constituição, é nesse caso produto da indústria turística que com sua atividade produz simulacros ou constrói simulacros de lugares, através da não-identidade, mas não pára por aí, pois também se produzem comportamentos e modos de apropriação desses lugares. (CARLOS, 1999, p. 31)

Basta pensarmos, por exemplo, nos lugares que decidimos visitar ou os pontos turísticos que optamos conhecer ao fazermos uma viagem. Numa analogia a uma experiência fílmica, visitamos e ocupamos espaços sem de fato estarmos em relação com esses lugares. Uma viagem turística parece proporcionar, portanto, uma experiência em três dimensões que nem o cinema 3D é capaz de proporcionar: viajamos para ter contato com lugares e histórias que já recebemos prontos, como um pacote de um produto que foi comprado e que é devidamente consumido.

As grandes cidades turísticas, ainda que contra a vontade de sua população, participam destes roteiros de lugares que estão prontos para serem consumidos, e constituem-se para grande parte do público visitante um *não-lugar*. Em outras palavras, antes que conheçamos estas cidades, já temos previsto o que devemos visitar, fotografar, registrar, e o que não vale a pena ser visto. Restringimo-nos, muitas vezes, a consumir os pacotes ou roteiros turísticos sugeridos, corroborando para que estas cidades tornem-se também produtos. Na condição de *não-lugar*,

estas cidades, sobretudo seus pontos turísticos, se transformam em imagens que consumimos e fotografamos, diferente do modo com os moradores desses lugares os vivenciam.

3.1.2. *Le voyageur e o não-lugar: consumo de imagens e produção de memórias*

Assim como nas fotos acima, agrupadas pela *tag* intitulada *em viagem*, percebemos presentes grandes pontos turísticos e imagens que mais parecem cartões-postais. A relação com o lugar já é dada, muitas vezes, antes mesmo do real contato e da experiência com o ele, ou seja, já criamos uma relação com os destinos que pretendemos conhecer antes mesmo de chegarmos neles porque, de uma maneira geral, relacionamo-nos com a imagem deste local, permeada por seus signos e simulacros que muitas vezes nos incapacitam de experienciar e produzir um *lugar*.

Nesta lógica do consumo que planifica as experiências e que parece homogeneizar as inúmeras possibilidades de ser e estar no mundo, a ligação que estabelecemos com esses destinos com os quais sempre sonhamos conhecer é uma relação com a imagem daquele lugar, uma vez que o lugar tornou-se também uma mercadoria.

Talvez este seja o real intuito da sociedade do consumo: fazer com que nos reconheçamos em qualquer lugar, e em todos eles ao mesmo tempo, uma vez que a identidade forjada nesses moldes contemporâneos pode ser renegociada e adquirida a qualquer momento. Já não existem mais dificuldades de adaptação aos lugares, porque a globalização dos signos de consumo tenta a todo custo homogeneizar a experiência, transformando-as sempre em imagens. Deste modo, podemos entender esse modo de fazer turismo como mais um dos sintomas da sociedade que vivemos, uma vez que ele transforma lugar em seu signo, em sua mercadoria (CARLOS, 1999). Uma vez cooptado por esta relação mercantil, o “estar nos lugares” (que paradoxalmente transformam-se cada vez mais em *não-lugares*) se torna uma nova necessidade.

Foto tirada em Pedra Azul - ES, para mim ela representa *liberdade*, pois foi um momento em que *deixei o comodismo* e sai "mochilando" pelos *pontos turísticos* do meu estado (Respondente 5, 2015; grifo nosso).

O turismo, enquanto outra forma de lazer da sociedade de consumo, se vê cada vez mais capaz de transformar os espaços num “tem-que-ter”. Talvez por isso hoje seja impensável realizar uma viagem, principalmente aquelas atribuídas como “inesquecíveis”, sem estar acompanhado do aparato fotográfico. A imagem fotográfica, enquanto recurso não apenas de lembrança, mas de

compartilhamento e exibição de uma experiência vivida, torna-se ela também a mercadoria, pois é capaz de mostrar não a viagem em si e as “ricas experiências” vividas nelas – uma vez que estas experiências seriam incomunicáveis –, mas de mostrar quem somos quando viajamos.

Figura 7 - Terceira imagem disponibilizada pela respondente R31. Cidade de Havana, Cuba



Fonte: acervo próprio.

Essa é a foto da entrada do bairro Chino, localizado na capital de Cuba, Havana. Ela foi tirada em janeiro de 2015, durante uma viagem ao país para participar de um Congresso de Educação (Pedagogía 2015). O bairro chinês é muito popular e foi onde eu fiquei hospedada durante os 10 dias que fiquei no país. *Essa foto foi tirada por mim e representa uma linda lembrança da melhor viagem que já fiz na minha vida; um momento de descobertas e reflexões sobre várias questões... uma lembrança que guardo de uma viagem que me transformou...* (Respondente 31, 2015; grifo nosso)

Embora tenha ficado apenas dez dias no país, fica claro em seu breve relato que a R31 já conhecia um pouco sobre a história da cidade de Havana, a ponto de escolher o bairro “popular” para acolhê-la durante sua estadia. Desta forma, somos levados a acreditar que a viagem a Cuba e as experiências vividas lá começaram antes mesmo de sua aterrissagem no país, lá na pesquisa do melhor lugar para se hospedar e, provavelmente, os pontos turísticos mais bonitos a se conhecer. Ainda que o período de dez dias possa ser o suficiente pra viver a cidade, podemos acreditar que

essa viagem tenha sido uma “linda lembrança” muito pelo fato de corresponder à altura a uma expectativa sobre o lugar que já havia sido construída antes de sua chegada.

As imagens, deste modo, alimentam uma certa fantasia que produzimos dos lugares que desterritorializamos. Assim como em outros signos de consumo mais palpáveis, reivindicamos através da mercadoria “quem somos” ou quem nos tornamos– “uma viagem que me transformou”. Desta maneira, tudo o que usamos, vestimos, os lugares que frequentamos, os destinos para os quais viajamos, as atividades que exercemos, tudo o que fazemos quando captadas pelas lentes fotográficas e compartilhadas nos SRs revelam não apenas “quem somos”, mas como queremos ser reconhecidos. Em outras palavras, diz respeito ao lugar na sociedade que reivindicamos e com o qual nos identificamos. A mercadoria é um espelho através do qual procuramos reconhecimento.

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o "espetáculo" para uma multidão amorfa (...) ao vender-se o espaço, produz-se a *não-identidade* e, com isso, o *não-lugar*, pois longe de se criar uma identidade produz-se (sic) mercadorias para serem consumidas em todos os momentos da vida, dentro e fora da fábrica, dentro e fora do ambiente de trabalho, nos momentos de trabalho e de não-trabalho. (CARLOS, 1999, p. 27)

Imagem e lugar, ambos mercadoria. Por isso, se retroalimentam como se buscassem, de alguma forma, legitimar a experiência, que volta sempre vazia e que precisa ser vivida e mostrada continuamente. Sobre isso, Novaes (2005) relaciona o poder da imagem ao fato de ela ser capaz de não mais só atender aos interesses dos sujeitos, mas de criar sujeitos que atendam às prescrições e normas das imagens, ou seja, sujeitos que se encaixem em formas de ser e existir na sociedade do consumo. Nas palavras do autor,

À diferença dos momentos anteriores, a imagem hoje se transformou *na* mercadoria por excelência, objeto de produção, circulação e consumo, realizando de forma fantástica o velho axioma: cria-se não apenas uma mercadoria para o sujeito, mas criam-se, também, sujeitos para a mercadoria. É este hoje o estatuto da imagem. (NOVAES, 2005, p. 10)

O consumo tem virado, de modo tal, o motor de nossas escolhas e ações que uma das grandes provas disto é o fato de nos relacionarmos por imagens, e, por serem imagens, são portanto moldáveis, moduláveis e controláveis. As imagens que moldam nossas lembranças se tornam mais e mais ajustáveis e *simulacênticas*¹³, tornando nossa memória “programada” a fomentar e a reproduzir formas de ser e estar no mundo previamente consolidadas. Portanto, com

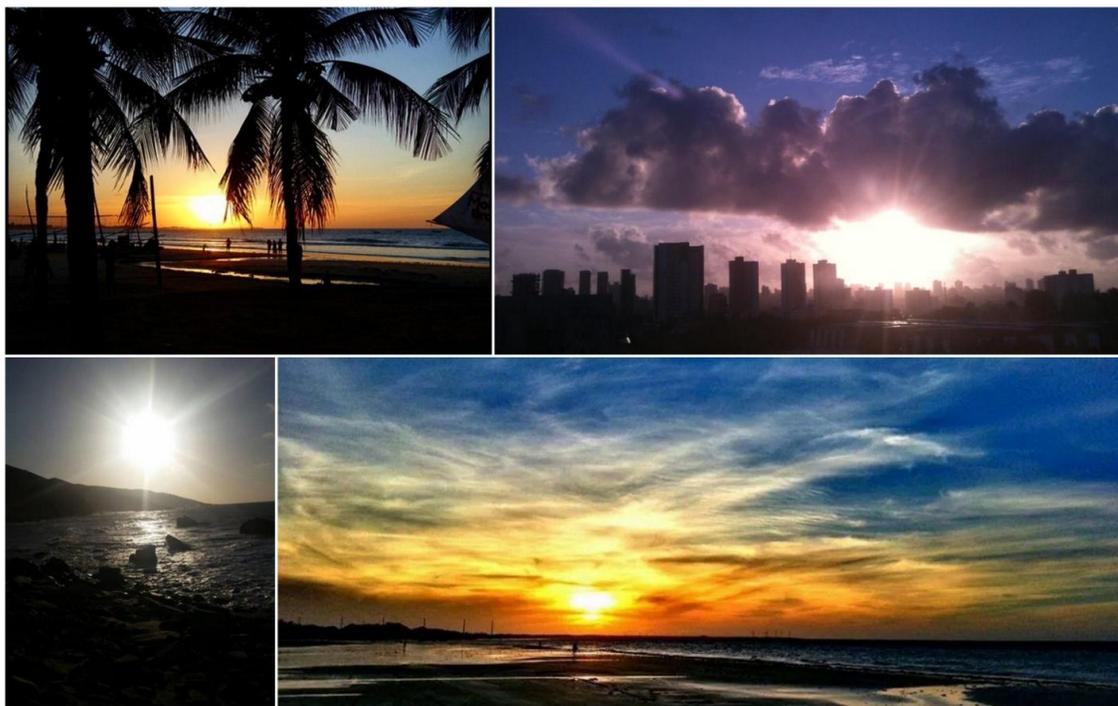
¹³ Uso o neologismo para designar “centradas no simulacro”.

um olhar mais atento, somos levados a desconfiar da obviedade que as imagens insistem em nos convencer.

Assim como as fotografias de turismo, estas imagens do pôr-do-sol, além de sua beleza estonteante e silenciadora, provocam-nos a desconfiança de que imitam cartões postais, anúncios e publicidade que mais parecem aproximar-se de clichês e imagens pré-formatadas do que é ter contato com um fenômeno da natureza. Essa repetição, por vez, limita a criatividade para registrar o mundo, usar as tecnologias do olhar de forma criadora, crítica, e capaz de resistir ao domínio de certos discursos presentificados em imagens.

Não à toa, estas fotos de pôr-do-sol se assemelham bastante entre si quanto a enquadramento e composição; tampouco trazem a presença humana ou qualquer outro elemento que possa intervir no espetáculo que não pode ser interrompido. Esta forma de apreciar o pôr-do-sol, fotografado por estas pessoas, parece dizer respeito a uma maneira (dentre as muitas possíveis) que foi escolhida para mostrar esse momento do dia como um momento digno de atenção, de que percamos alguns poucos minutos contemplando-o, admirando-o, fotografando-o.

Figura 8 - Fotografias de pôr-de-sol/nascer-de-sol



Fonte: acervo próprio.

As fotografias de *pôr-do-sol/nascer-do-sol* são uma das poucas em que não identificamos rostos nem corpos humanos. É um espetáculo à parte da natureza, e é justamente a um espetáculo que parecemos tentar reduzi-los, porquanto um espetáculo demanda uma atenção retida de sua audiência, que tem hora exata para começar e para terminar e que pretende, ainda que por pouco tempo, entreter quem o assiste. O “espetáculo” do pôr-do-sol, portanto, em nenhum dos relatos oriundos destas imagens, traz uma relação direta entre o fenômeno natural e alguma experiência trazida pelos respondentes.

Estes dois momentos do dia (nascer e pôr-do-sol) costumam atrair muitas lentes, de uma maneira geral. Todavia, a cena que se descortina perante nossos olhos tende a ficar no registro do momento, enquanto a relação com o lugar e os demais elementos do espaço (seja ele a natureza ou os concretos urbanos) ficam em segundo plano. Assim, as experiências e as lembranças que produzimos de um dado momento, condicionadas apenas à imagem pela imagem, tornam-se rasteiras e vazias de sentido. Nas palavras de Carlos (1999, p. 29), “o turista vê através da lente e só observa o que a câmara surpreende (...) Quando este [o sol] se põe é como se o filme tivesse acabado, pois todos se levantam e saem”. O espetáculo do pôr e do nascer do sol se torna como mais uma película que, de alguma maneira, vai cooptando e enclausurando nossa existência, e na qual investimos mais tempo assistindo-a através das telas, como quem escolhe um filme para distrair-se e perder-se no tempo. Desta maneira, nas palavras do autor,

O espaço produzido pela indústria do turismo perde o sentido, é o presente sem espessura, quer dizer, sem história, sem identidade; neste sentido é o espaço do vazio. Ausência. Não-lugares. Isso porque o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas de apropriação para a vida. (CARLOS, 1999, p. 30)

Assim, as imagens produzidas em nossas viagens, ao mesmo tempo em que legitimam formas de viver sonhos e aspirações através do que decidimos enquadrar em um retrato e o que decidimos deixar de fora, escondem e impossibilitam inúmeras outras formas de viver e experienciar lugares e momentos. Sem que percebamos, estes imperativos vão moldando nossas lembranças, qualificando e desqualificando experiências, e uniformizando narrativas.

3.1.3 Sobre a incompletude e a tristeza nas fotos

Um dos resultados encontrados no instrumento aplicado despertou muita curiosidade: o baixíssimo número de respostas aos sentimentos *raiva/inconformação*, *tristeza* e *incompletude*, apresentando-se em apenas 4 sujeitos, quando perguntados sobre os sentimentos evocados pela fotografia escolhida. Parece-nos, em alguma instância, que sentimentos “ruins” como estes já descritos são expugnados a qualquer custo quando submetidos à editoração que as imagens, de uma forma geral, passam antes de serem publicadas.

Figura 9 - Segunda imagem selecionada pelo R8. Foto coletada em 8 de janeiro de 2016



Fonte: acervo próprio.

Essa foto foi tirada quando eu ainda era bem pequeno, em um carrossel no shopping. Lembro que eu gostava muito de brincar naqueles brinquedos e fazia isso praticamente todo fim de semana. Meus pais já não se entendiam muito nessa época e eu sempre saía com a minha mãe, apenas. Ele também não gostava de sair muito. Uma vez, mexendo nos meus álbuns de fotografias antigos, tive a ideia de levá-las para o meu namorado dar uma olhada. Ele se encantou muito com essa, pediu para escanear e postar e eu deixei. *Gosto de lembrar da minha infância*. Quando eu vejo as fotos dessa época, eu lembro da minha inocência e de como os problemas eram invisíveis. Meus pais se separaram quando eu tinha 5, e eu não sabia nem o que era que estava acontecendo. Sequer percebia que havia algo de errado, mesmo com momentos de violência. *O que eu lembro é de como eu era unido com a minha mãe*. Dormíamos juntos, passeávamos juntos... Ela era minha melhor amiga (Respondente 8, 2015; grifo nosso).

Interessante perceber que mesmo com todo o pesar com que esta história é contada, a fotografia por si só não traz esse conteúdo triste e nostálgico do respondente; pelo contrário, se

víssemos a fotografia em um álbum de famílias ou até mesmo no Facebook, imagináramos um momento lindo de descontração que marca a infância, em que o sorriso e a felicidade da criança preenchem qualquer lacuna de afeto. Logo, apressadamente poderíamos ser levados a pensar que a foto trata disso: do quão feliz foi a infância do Respondente 8. Esta foto nos ajuda a perceber como até os sentimentos com os quais temos mais dificuldades de lidar – como a tristeza e a incompletude – possuem uma aparência do feliz, do belo, da completude.

Um aspecto encantador em estudar as fotografias como um documento histórico e revelador de uma época é que as imagens revelam signos tão embutidos nos valores éticos, morais, políticos e culturais de uma sociedade que o exercício de ver requer muito afastamento e desnaturalização por parte de quem as analisa – um processo demasiadamente desafiador. As fotografias do cotidiano, principalmente aquelas postadas no Facebook, de uma forma geral, não aprofundam momentos tampouco dão conta de transmitir uma totalidade da experiência vivida, mas, mais importante que isso, é perceber como as fotografias por si só podem sugerir às pessoas que as contemplam um relato de um momento ou de uma vida demasiadamente distinta da “real vida” ou do “real momento” experimentado pelo sujeito.

Em outras palavras, na fotografia do R8 por exemplo, se olharmos com um olhar desprezioso, o que podemos inferir é que se trata de uma fotografia que revela uma infância aparentemente feliz, pois ali o momento registrado no carrossel tenta dar conta de uma experiência, ou de um *momento* – como muitos respondentes trouxeram – como uma totalidade de um período vivido (neste caso, a infância). Na imagem, estão ausentes todos os conflitos e decepções que o R8 conta (ainda que superficialmente) ter vivido.

Dentre os sentimentos elencados na imagem a seguir apresentada pelo Respondente 20, o sentimento de *incompletude* também se encontra presente neste relato. Mais uma vez, o conteúdo (filtros e enquadramento) não parece revelar, à primeira vista, esse sentimento de perda expresso no relato de R20, abaixo.

Figura 10 - Terceira foto disponibilizada pelo Respondente 20



Fonte: acervo próprio.

Nessa foto eu trago o xodó da família, que foi muito acolhido após a morte de sua avó e ficou como a melhor lembrança que temos dela em vida. Amor incondicional por ele, cada sorriso é um motivo para continuarmos felizes (Respondente 20, 2015).

As imagens não se constituem, assim, como a própria narrativa porquanto o que a estabelece como ponte entre os tempos passado e presente é sempre outra coisa que não ela mesma. E o tempo, como é sabido, é uma marca humana, bem como a memória. Por esta razão, Manguel (2001) argumenta que nossa relação com as imagens é antes de letramento do que pura percepção, que depende sempre de outras imagens que vieram antes de nós; assim sendo, a memória tem um papel fundamental na perpetuação destas imagens. Vemos o que vemos porque somos ensinados a ver. A imagem não se apresenta a despeito de nós. Isto, todavia, não destitui a imagem de seu poder narrativo.

Ao apresentar esta foto trazida pelo R20 a alguém que jamais o conheceu e que tampouco sabe do destino do retratado – se vivo ou morto –, a imagem por si é incapaz de contar quem é o sujeito retratado, muito menos de dizer se *ainda vive* ou se *já morreu*. É incapaz, também, de dizer se aquela pessoa sequer existiu. Assim, estas negociações – ou seja, a história ou versão que se conta a respeito da vida daquele ente querido – são dadas fora da imagem, no âmbito da narração.

Por ser inabilitada para contar as coisas sozinha, a imagem tampouco conhece os tempos verbais do passado e do futuro. Ela só conhece um tempo: o presente. Na imagem, desse modo, habitam duas denotações da palavra *presente*: em um sentido, a imagem é presente, pois só sabe conjugar este tempo, e é inapta a dizer do que *ainda é* ou do que *já foi*; em outro sentido, a imagem está presente, pois ocupa o lugar de algo (ou alguém) que já *esteve* e que todavia *não está mais*, tornando presente também a coisa ausente. Por isso, a imagem é sempre uma coisa no lugar de outra. Em suma, ela representa o real sem nuances, sem atribuições de juízo, pondo as versões possíveis e o “real factual” no mesmo degrau, dando uma sensação de real irreproduzível pela linguagem; tal é seu poder.

A fotografia, por assim dizer, ao trazer uma imagem do passado em sua forma mais verossímil possível, faz-nos achar que ela traz em si a memória e os mais diversos sentimentos em relação à experiência ali representada. Todavia, se a imagem-memória – de Bergson – traz o passado em termos de presente para que o entendamos; as imagens (aquelas impressas na fotografia) não simplesmente aparecem em nossa mente e revelam eventos ocorridos, tampouco seus sentimentos advindos: o que denuncia o que sentimos ou que lições extraímos do que vivemos é o que formulamos a partir da lembrança do passado, isto é, as histórias que contamos. O que traz as lembranças de passado recheadas de sentimentos, quer bons, quer ruins, é a ideia (estabelecidas anteriormente à foto produzida) do que são lembranças boas ou ruins. É esta ilusão da imagem, a qual se referia Wolff (2005), de que a lembrança se dá no próprio suporte – neste caso, no artefato de memória que é a fotografia, seja ela impressa ou digital –, ou seja, se dá na própria camada superficial do objeto-recordação e não em uma relação fora dela.

Nesse sentido, a *memória* se apresenta também como intrinsecamente social, uma vez que os subsídios que temos para interpretar uma lembrança como boa, feliz, ruim, saudosa ou até traumatizante é um discurso anterior a nós do que são – e como se parecem – cada uma dessas lembranças. As imagens que “ilustram” os ocorridos ou que nos vêm à cabeça quando *lembramos* localizam no espaço e no tempo as experiências da vida numa espécie de sucessão de fatos. Existe uma estética da lembrança que é atravessada pelo que já aprendemos em relação às nossas experiências e também pelo que consideramos importante lembrar.

Dito de outra maneira, a imagem fotográfica vem a ter um uso social não apenas de representação mimética do “real”, ou seja, para capturar a vida “tal qual ela acontecia mediante

nossos olhos”; ela auxilia na inscrição do espaço e do tempo, quer seja de um itinerário de vida individual, quer seja de um coletivo. Articuladas a um texto verbal, as fotos são grandes potencializadoras da ação narrativa, uma vez que comunicam signos inarticuláveis pelas palavras. Dito de outra forma, a fotografia não apenas participa nas até então formas de narrar a vida de um indivíduo ou de uma sociedade inteira. Ela não é um simples acessório do ato narrativo: a fotografia reconfigurou a própria narração.

A inscrição espaço-temporal, mencionada anteriormente, é imprescindível para a fabricação do ato narrativo, uma vez que para narrar organizamos os fatos e eventos de uma trajetória – seja a própria vida ou a história de uma civilização – de acordo com os tempos passado-presente-futuro. Localizar um enunciado dentro de um espaço e de um tempo específicos nos ajuda a articular histórias e atribuir sentido às experiências que nos ocorrem.

Narração e experiência em tudo se entrelaçam. A narrativa, além de conferir inteligibilidade à experiência, a transforma no sentido de conferir sentidos e significados àquela experiência. O processo de “verbalizar” a experiência que nos ocorreu sempre acontece após o ocorrido, ou seja, a narração da experiência é sempre posterior à própria experiência. Quando acontece uma ação, sua narração vai sempre sucedê-la no intuito de acessar aquela experiência que “já foi”. Vale aqui lembrar que o “já foi” não necessariamente implica o “foi verdade”, em outras palavras, não implica uma preocupação com um estatuto de verdade ou autenticidade, uma vez que não temos como preocupação primordial delinear as devidas separações entre ficção e não-ficção. A fotografia, neste sentido, amplia incomensuravelmente o feixe sógnico da narração.

Da mesma forma que nossas relações com o mundo dizem de nossas experiências com ele, a realidade se constrói à medida que se negocia a experiência. Em outras palavras, podemos apenas *narrar* uma experiência, e não *comunicá-la*, conforme aponta Arfuch (2010). Neste sentido, a autora estabelece uma diferença substancial entre narrar e comunicar:

Interessa-nos aqui essa distinção entre comunicar e narrar, na medida em que deixa entrever uma diferença qualitativa: comunicar aparece utilizado na acepção latina de "estar em relação (comunhão) com", "compartilhar, como um passo além de *narrar* - "contar um fato", "dar a conhecer" -, que denotaria certa exterioridade. Esse passo, entre o dizível e o comunicável, assinala, por outro lado, a impossibilidade de adequação de todo ato comunicativo, essa infelicidade constitutiva de toda "mensagem". (ARFUCH, 2010, p. 130)

A fotografia, portanto, estabelece no âmbito dos SRS uma função não só de documentação ou representação do sujeito, mas também de narração de experiência e, sobretudo, comunicação de existência. Contar uma história para uma “plateia” – trazendo aqui uma metáfora dramática dos ambientes digitais enquanto palco e os usuários enquanto espectadores –, de certa maneira, também faz com que nos sintamos vivos, faz com que *sejamos*. Sibilia (2008) também corrobora com a ideia de que os sentidos que atribuímos à vida e às coisas que nos atravessam só se organizam no ato de narração. Nas palavras da autora,

A própria vida só passa a existir como tal, só se converte em *minha vida* quando ela assume seu caráter narrativo e é relatada na primeira pessoa do singular. (...) Eis o segredo revelado do relato autobiográfico: é preciso escrever para ser, além de ser para escrever. (SIBILIA, 2008, p. 33)

Assim, a *narração de si* ou o *relato de si* não prescinde da tríade *autor, narrador e personagem*. O enredo da história autobiográfica vai sempre pressupor que os três se encontrem na mesma pessoa. Pactuar que autor, narrador e personagem sejam três em apenas um impõe-lhes certo caráter de *verdade* no que é narrado (Lejeune, 2008). Em outras palavras, o narrador, ao assumir o papel de também autor e personagem de seu enredo, imprime à história um valor testemunhal. Testemunhar, entretanto, não diz necessariamente de um “estatuto de prova”, como coloca Arfuch (2010), mas de uma verdade irreduzível: se sou testemunha de mim mesmo e de minha vida, o que narro é *verdade*.

É interessante perceber como esta categoria de *verdade* amarra bem os componentes de um relato autobiográfico. Só se pode julgar *real* uma autobiografia – e aqui é onde este gênero tenta se afastar da ficção – quando o próprio autor predispõe-se a falar de si, adquirindo o relato um caráter de irrefutabilidade. Em paralelo, quando produzimos uma fotografia pessoal, quer seja um autorretrato ou uma foto em família, e a compartilhamos, existe um pacto implícito – somos levados a acreditar – que aquela imagem produzida fale sobre uma *realidade* vivida pelo sujeito que a produz.

A fotografia, neste sentido, além de exercer o papel de documentação de vida, ou seja, registro de memória, comunica uma existência ao conferir-lhe sentido na experiência de existir. Nas palavras de Sibilia (2008), “com a facilidade técnica que esse dispositivo oferece na captação mimética do instante, a câmera permite documentar a própria vida: registra a vida sendo vivida e a experiência de ‘se ver vivendo’” (p. 33). Em suma, no que concerne às diversas técnicas de

criação de si – dentro da qual circunscrevemos a narrativa de si –, palavras e imagens produzem de fato um relato autobiográfico. Este relato, por sua vez, não desempenha somente o papel de testemunhar, mas organizar a própria existência, conferindo-lhe realidade. “Essas narrativas tecem a vida do *eu* e, de alguma maneira, a realizam”, sintetiza Sibilia (2008, p. 33).

As fotografias pessoais – parece-nos claro – tentam comunicar uma experiência, contar uma história de um momento específico, quer seja de uma comunidade inteira ou do trajeto individual de vida, como já previu Van Dijck (2007). Apostamos que a fotografia, em alguma instância, opera nos processos de significação, isto é, nos significados que os sujeitos conferem a um dado acontecimento, como também produz um tipo de memória peculiar.

Na articulação do tempo no ato narrativo (passado, presente e futuro), recorremos à memória pra construir uma percepção de “quem somos” e de eventos e ocorridos que perpassam nossa existência. Essa construção de uma narrativa sequencial, linear e temporal só é possível pelas memórias que “acumulamos” durante nosso percurso. Sempre que contamos uma história sobre quem somos ou sobre uma história de nossa vida, recorremos a eventos passados pra criar versões de presente e de quem somos.

Ao compor nossas *narrativas autobiográficas* impulsionadas pela fotografia, fazemos conexões mentais entre os eventos que nos ocorreram e as experiências desses decorrentes. Neste ato narrativo, interpretamos e relacionamos estes eventos a sentimentos e percepções de mundo, de passado, por meio de perspectivas criadas pelo “agora” ao construir e dividir nossa vida em momentos e passagens, estabelecendo metáforas e outros recursos retóricos que possibilitam o surgimento de uma narrativa do “eu” (ROBERTS, 2011). Dessa forma, as nossas experiências podem ser compreendidas ao passo que reorganizamos e realocamos estes eventos, atribuindo-lhes novos sentidos, emoções e interpretações à medida que recontextualizamos e recontamos as histórias (ou a história) de nossas vidas, ou sobre quem somos. Essa reorganização só pode ser possível através da construção narrativa. A articulação do tempo, portanto, não apenas localiza cronologicamente os atos enunciativos, mas reconstrói toda a narrativa.

A fotografia, deste modo, possibilita que nos encontremos com os registros de passado – o que Van Dijck (2007) chama de *artefatos de memória* – que podem ser reinterpretados a cada vez que se tem acesso a uma imagem fotográfica. Logo, a fotografia opera muito mais como instrumento de traço do real do que de mimese do real. Com isto, queremos dizer que o que

confere “realidade” à fotografia – ou seja, seu valor enquanto registro – é seu vestígio, seu rastro de materialidade (DUBOIS, 2012). O que ela retrata, porém, em seu aspecto mimético do real é da ordem da interpretação, da formulação, da fabricação: da ordem do ficcional.

O fato de uma das palavras mais repetidas nos sujeitos participantes ter sido “momento” revela que as fotos compartilhadas, quase todas em sua maioria, não foram postadas assim que produzidas. Existe uma pré-editação dos momentos que irão dar vida à *timeline* das pessoas recheados de sentimentos e das histórias dos indivíduos. Essa conclusão pode ser reiterada com o fato da opção “compartilhar aquele momento com os amigos e receber curtidas”, presente em uma das alternativas do questionário, ter ficado apenas em 4º lugar, o que nos mostra que antes de uma preocupação com uma possível reputação nos SRS, existe uma preocupação em atribuir afeto e estreitar laços com os amigos da rede. E mais: uma preocupação com a própria manutenção das lembranças de um momento que foi marcante para os sujeitos.

Noutros termos, a fotografia, desde sua invenção, tem atuado com fortes efeitos na construção de memória. A cada clique disparado na câmera ou no *smartphone*, é como se estivéssemos dizendo ao tempo e a nós mesmos que lembranças do passado queremos manter. De fato, a maneira como produzimos fotografia nos dias atuais, principalmente amparada pelos dispositivos móveis de comunicação, não tem por única, nem tampouco principal, a finalidade de “guardar lembranças do passado”. Ao contrário, produz-se fotografia para, senão imediatamente, no mais curto espaço de tempo possível, ser compartilhada na rede. A memória neste contexto digital, portanto, não é mais concebida como um objeto estável que habita o indivíduo (como um arquivo, ou uma gaveta), mas como um “trunfo”, uma conquista, um resultado dado pelas interações entre indivíduos (SCHWARZ, 2014).

As memórias que permanecem em nosso repertório pessoal vão para além de uma seleção individual daquilo que deliberadamente decidimos guardar de nosso passado. Existe um entrelaçamento muito forte entre a forma como escolhemos produzir memórias e o contexto histórico e sociocultural mais amplo que rege a lembrança a ser guardada. Isto é, existem formas de se “guardar o passado” e valores sobre o que deve ser lembrado e esquecido, construídos ao longo da história, que operam fortemente na maneira como registramos eventos e ocorridos. A construção da memória autobiográfica é dada não apenas na negociação entre indivíduos e seu contexto social imediato (pais, colegas ou outras pessoas significativas), mas também – e igualmente importante – entre o indivíduo e seu meio sociocultural mais amplo (WANG;

BROCKMEIER, 2002; RIBEIRO, 2009). Van Dijk (2007) chama estas pré-configurações que “normatizam” os moldes da memória de *molduras culturais*¹⁴, as quais atuam – conscientemente ou não – sobre nossas intenções de uso do que foi registrado e que remodelam nossas decisões do que registrar.

A forma como registramos memórias, assim, fala de um espírito do tempo, sobretudo, urbano-industrial moderno. A ilusão da “realidade” – ou seja, de acharmos que a “realidade” é como se apresenta a nós, tal qual enxergam nossos olhos – nos faz entender o registro da memória como um efetivo acesso ao passado, como meio de revisitá-lo magicamente, acreditando que as lembranças remontam a um passado “tal qual ele aconteceu”. Essa ilusão, por sua vez, diz respeito a uma concepção da fotografia enquanto instrumento de captura do real, sobretudo científico e racionalista (SAMAIN, 2005).

3.1.4. Fotografia de hoje, imagem do amanhã: narrativas de si na relação com a imagem

A fotografia, ao mesmo tempo que inventiva e autoral, também repete e reproduz modelos de vida que devam ser perpetuados, copiados, (re)fabricados, multiplicados e distribuídos (ECKERT; ROCHA, 2001). Assim, os registros fotográficos a que temos acesso hoje e que atuam na manutenção e construção da memória visam produzir formas de guardar o passado específicas, que retratam um *ethos* social marcadamente contemporâneo. Não precisamos ir muito distante: basta pensarmos que tipos de fotografias escolhemos guardar em um álbum de família ou pendurar na parede, e quais fotografias elegemos para representar aquilo que acreditamos ser, ou que valores prezamos.

¹⁴ Do original *cultural frameworks*. Tradução nossa.

Figura 11 - Colagem com fotos agrupadas pela tag *carreira/profissão*



fonte: acervo próprio

A imagem acima mostra o grande tema da *carreira/profissão* presente nas fotografias publicadas no Facebook. A tinta fresca do calouro que acaba de ingressar e o microfone do jornalista são símbolos de uma trajetória que está sendo trilhada com muita dedicação. A bata e a cerimônia de conclusão de curso traduz a *satisfação/orgulho* – sentimentos muito identificados às imagens que tematizam *carreira/profissão* – e que, claro, sintetizam uma das maiores vitórias conquistadas pelos jovens de 18-24 anos. O relato de R7 sumariza este sentimento, ao descrever o que essa foto e aquele momento significou:

Essa foto retrata *um dos dias mais felizes da minha vida, a concretização de um sonho!* O dia da tão esperada por mim e meus familiares, minha formatura. Nesse dia estava muito feliz, pois finalmente consegui, a partir desse dia podia dizer que era enfermeira (Respondente 7, 2015; grifo nosso).

Tanto a carreira quanto o exercício da profissão estão entre os aspectos do curso de vida individual bastante tematizados nas imagens compartilhadas no Facebook. Isto se deve ao fato de a fotografia, enquanto recurso narrativo, ser capaz de captar de falar não apenas sobre como nos vemos hoje, mas de que maneira queremos ser reconhecidos, além de revelar projeções sobre quem somos e quem pretendemos ser (RIBEIRO, 2009). Conforme aponta Roberts (2011), ao sermos convocados a narrar nossas fotografias – ou seja, falar quais impressões de passado temos a partir de uma ou várias imagens –, podemos assumir diferentes formas de falar sobre ela, sendo

não necessariamente de uma forma sempre sequencial, linear e cronológica. A cada vez que somos chamados a reviver uma experiência passada através de uma foto, acessada pelo relato narrativo, reconfiguramos nossas próprias noções de passado e de nós mesmos.

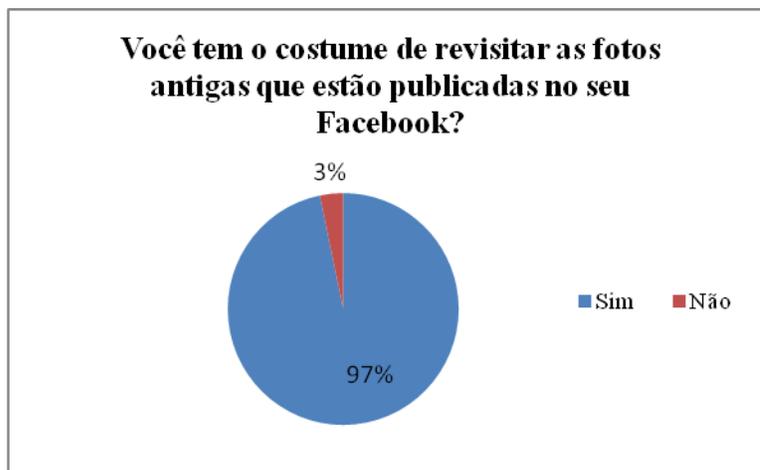
Por fim, interessou-nos falar, nos resultados achados na Seção I, a forma com que os respondentes correlacionavam as fotografias e as lembranças decorrentes e os fatores que os impulsionaram a publicadas no Facebook, permitindo-nos analisar as principais temáticas abordadas na imagem em SRS – levando em conta esse recorte de pesquisa –, e de que maneira narrativas autocentradas e narrativas mestras se cruzam nessa composição autoral e coparticipativa. Adiante, discutimos sobre as transformações nos hábitos fotográficos, a influência dos dispositivos móveis na produção de memória e a relação afetiva com a fotografia.

3.2. Análise da Seção II: Memória e relação com a fotografia

Depois das motivações para o compartilhamento das fotos e os sentimentos evocados a partir dela, discutiremos a partir da “Seção III - Memória e relação com a fotografia”: i) como as mudanças de materialidade das fotografias (antes analógicas, e hoje digitais) interferem no modo como lidamos com as percepções de passado e construção de memória dos usuários do Facebook; ii) se há uma preocupação no armazenamento do registro para acesso posterior, além de tentarmos analisar como de fato os respondentes lidam com os registros de memória e se existe uma preocupação no armazenamento e no acesso futuro, visto que se apagadas, essas fotografias jamais poderiam ser revistas.

Dito isto, a questão 13 (“Você tem o costume de revisitar as fotos antigas que estão publicadas no seu Facebook?”) procurou investigar se, de alguma forma, os participantes da pesquisa mantinham no Facebook o hábito cultivado na era analógica da fotografia, em que as fotografias tinham como único destino os álbuns empoeirados das estantes de casa. Ao perguntá-los acerca disso, nossa hipótese era de que esses jovens não mantinham mais tal hábito, uma vez que seu objetivo principal ao publicar fotografias no Facebook era receber feedback positivo dos amigos, deslocando um pouco a fotografia do lugar de perpetuação da memória. Para nossa surpresa, 30 dos pesquisadores afirmaram ainda revisitar as fotografias antigas em seu Facebook, enquanto apenas 1 pessoa negou o hábito.

Gráfico 6 - Número de respondentes que responderam à questão 13, sobre ter o costume ou não de revisar fotos antigas no Facebook



Fonte: Acervo próprio.

Além de saber se eles mantinham o hábito ou não, gostaríamos de saber quais eram os momentos em que estes usuários, caso tivessem esse costume, revisitavam as fotografias já publicadas há um tempo considerável. As respostas à questão 14 (“Em que momentos ou circunstâncias você costuma revisar as fotos antigas que estão no seu Facebook?”) trouxeram alguns dados esclarecedores. Apesar da opção “Quando estou sem fazer nada/entediado(a)” ter liderado os motivos pelos quais estes jovens reveem suas fotografias digitais, com 33% das respostas, nossa forte aposta era de que a opção “Quando o Facebook me mostra através do aplicativo *Neste Dia*” fosse um forte candidato ao primeiro lugar, visto que este é um recurso do Facebook, lançado no dia 24 de março de 2015 (G1 GLOBO, 2015), que resgata fotos e postagens antigas feitas em uma mesma data. Este aplicativo basicamente mostra “eventos” da sua linha do tempo que aconteceram na mesma data, respectivamente, de alguns anos atrás. O interessante dele é que estes acontecimentos aparecem em nossa conta mesmo à revelia de nossas vontades, ou sem perguntar-nos antes sequer se gostaríamos de rever determinadas fotografias antigas.

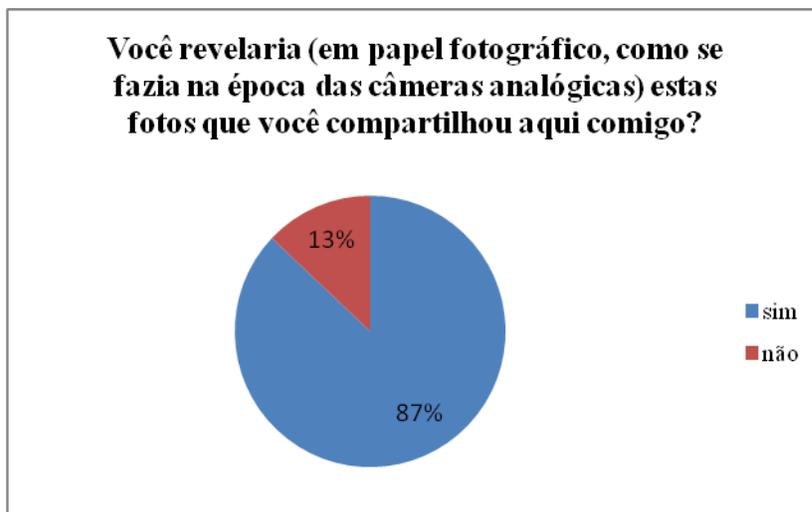
Gráfico 7 - Número de respondentes que responderam à questão 14, em porcentagem, sobre os momentos ou circunstâncias que os levaram a revisitar fotos antigas no Facebook



Fonte: Acervo próprio

Em relação à questão 15 “Você revelaria (em papel fotográfico, como se fazia na época das câmeras analógicas) estas fotos que você compartilhou aqui comigo?”, tentamos identificar se as mudanças de materialidade das fotografias (antes analógicas, e hoje digitais) interferiam no modo como estes jovens lidam com as percepções de passado e construção da memória no Facebook, bem como se havia uma preocupação no armazenamento do registro para acesso posterior. A tabela abaixo ilustra o número de pessoas que achavam positiva a ideia de revelar em papel fotográfico aquelas imagens ali compartilhadas, somando 87% das respostas, contra apenas 13% que não adotariam esta ideia.

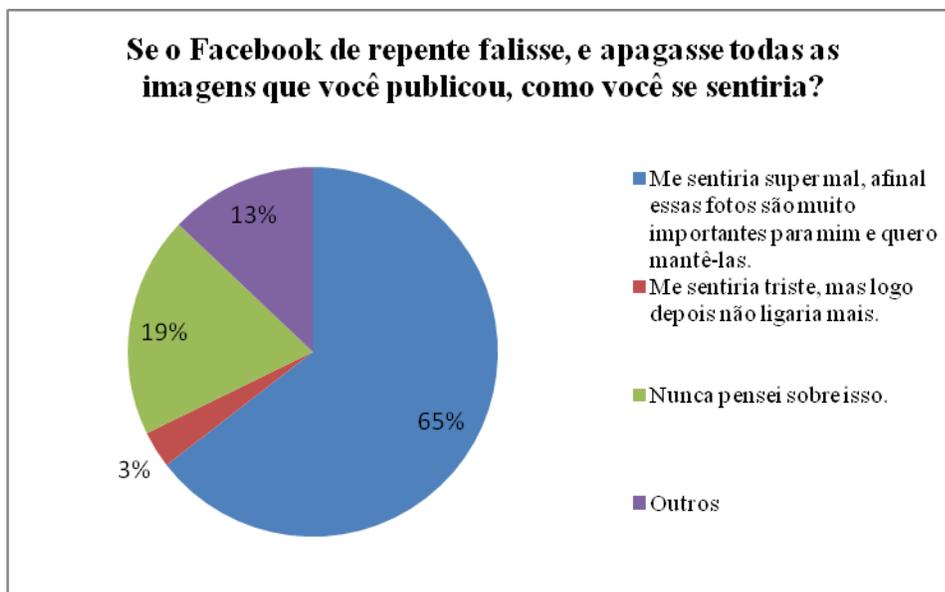
Gráfico 8 - Número de respondentes que responderam à questão 15, em porcentagem, sobre os momentos ou circunstâncias que os levaram a revisitar fotos antigas no Facebook



Fonte: Acervo próprio.

Além disso, tentamos analisar qual importância os respondentes dão a esses registros e de que forma lidam com o esquecimento e a remodelação da memória. Conforme a tabela abaixo, registramos que 65% dos entrevistados disseram se sentir mal caso o Facebook de repente falisse e apagasse todas as imagens já publicadas na rede.

Gráfico 9 - Número de respondentes que responderam à questão 17, em porcentagem, sobre os momentos ou circunstâncias que os levaram a revisitar fotos antigas no Facebook



Fonte: Acervo próprio.

Porém, muito mais que entender se estes jovens reproduziriam o hábito analógico de revelar as fotografias, e se eles estavam preocupados ou não em perder todas as suas fotos já publicadas no Facebook, interessava-nos saber o que aquelas fotografias representavam e a importância que lhes era atribuída. Desta maneira, perguntou-se na questão 16 por quê eles o fariam. A resposta do R23 sintetiza bem o que, de maneira geral, os sujeitos pesquisados concordam:

É bem mais significativo ter a foto em papel, parece que fica mais real e me lembra quando era mais nova, o desejo de colar no caderno, na geladeira, colocar num porta-retratos e como hj tudo ficou muito descartável essas lembranças passam com os seus megabytes pra lixeira e são esquecidas (Respondente 23, 2015; grifo nosso).

Assim, quando olhamos uma fotografia, não vemos a imagem (no caso, aquela captada pelo suporte), mas a própria lembrança “encarnada”. A memória só se faz presente porque se acredita no poder da imagem de representar o passado *tal qual*. A importância da fotografia não está no seu suporte em si, em seu material, mas na relação (imagem) estabelecida entre nós e o que ela tenta imitar/representar: o passado. Com a fotografia, quer seja analógica quer seja digital, conforme aponta Schwarz (2014), os indivíduos podem mostrar uns aos outros o que “de fato” foi dito ou sucedido, uma vez que as pessoas são inclinadas a confiar na memória “materializada” (ou seja, de alguma forma, uma memória que se atribui ao suporte) mais que em sua própria lembrança. Baudrillard (1976) diz que o poder do simulacro está menos em sua capacidade de tornar “de fato” mais presente o mais ausente, mas de nos fazer crer que este engendramento é possível.

3.2.1. Facebook e a memória “algoritmo”: uma breve discussão

A memória “digitalizada” pode ser induzida a partir de novas apropriações e reinterpretações/intertextualidades que reatualizam as fotografias antigas. Por exemplo, certa imagem de uma famosa que retratava sua vida antes da fama, que já caiu no repertório coletivo da rede, pode ser atualizada a qualquer instante, por qualquer usuário, a depender do sucesso ou vexame pelo qual a celebridade esteja passando no momento. Ou seja, uma vez na rede, a memória passa para o domínio coletivo, pertencendo a uma rede de memória ainda maior.

Um exemplo bem didático do que está sendo argumentado é o recurso do Facebook chamado *Neste dia*¹⁵, cuja proposta é relembrar aos usuários do Facebook fotografias e momentos que há muito haviam sido publicados. Por exemplo, ao acessar o *Neste Dia* agora, é possível ver os conteúdos que compartilhados, fotos marcadas, atualizações de status, as pessoas adicionadas ao SRS neste mesmo dia há alguns anos.

Figura 12 - Interface do Facebook, no aplicativo Neste Dia



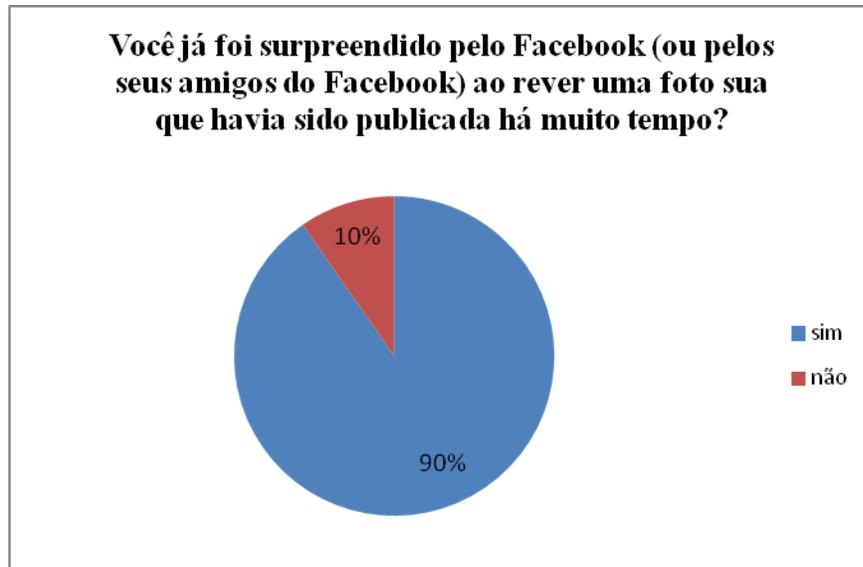
O aplicativo mostra numa linha do tempo específica os acontecimentos mais relevantes que aconteceram no seu perfil (segundo critérios de algoritmos do Facebook) no mesmo dia há alguns anos atrás. Fonte: Acervo próprio

A fim de entender como os hábitos fotográficos se metamorfosearam até os dias atuais, sobretudo nos SRS, e como o dispositivo tecnológico pode influenciar a maneira como lidamos com nossos artefatos de memória, investigamos como a evolução dos aparatos técnicos e das plataformas digitais favoreceu uma transformação na forma como fazemos fotografias, as mantemos e falamos sobre elas e nós mesmos. Dessa maneira, o aplicativo *Neste dia*, como já mencionado, trouxe um novo elemento desde sua implementação, que é mostrar “atualizações”

¹⁵ Acessível através do endereço <<http://www.facebook.com/onthisday>>

da linha do tempo ocorridas na mesma data, há alguns anos. Quisemos saber se nossos entrevistados já foram surpreendidos pelo Facebook ao ver imagens antigas publicadas no SRS, e o que esta surpresa lhes causou.

Gráfico 10 - Demonstrativo das respostas relativas ao índice de surpresa ao rever uma foto publicada no Facebook



Fonte: acervo próprio.

Desta forma, ao serem questionados a respeito disso, 90% afirmou já ter sido surpreendido ao ver uma foto antiga publicada há muito tempo no Facebook, contra apenas 10% que não havia sido surpreendido.

Schwarz (2014) propõe um novo termo, a saber a *ecologia* da memória, que envolve estruturas culturais, mentais e tecnológicas que modelam não apenas nossas relações interpessoais, mas como nos relacionamos com os vestígios de passado que despejamos na internet e sua relação com nossas representações de passado. Por *ecologia*, o autor se preocupa em entender a quantidade, a frequência, o conteúdo e a forma dessas representações de passado – ou seja, os objetos a que atribuímos como “lembranças” –, o status que lhes é atribuído, as circunstâncias nas quais as pessoas se relacionam com estas representações e respondem a elas, e por fim como todos estes fatores já mencionados influenciam a vida das pessoas e suas formas de conceber e se relacionar com seu passado.

Dito isto, o que se argumenta é que esta nova forma de se relacionar com o passado, facilitada pelas tecnologias de comunicação, ou esta nova *ecologia* digital da memória, em muito

difere das formas anteriores de comunicar e representar o passado, como já explicitado anteriormente. Pensando agora não apenas no agenciamento da materialidade dos objetos de memória – ou seja, a materialidade dos artefatos de memória, que tem convergido cada vez mais ao digital, influenciando a própria produção de memória –, mas nas próprias repercussões da constante presentificação da memória e da não-descartabilidade das lembranças do passado, é preciso discutir suas implicações na autonomia dos usuários em “gerenciar” as próprias recordações.

Perguntamos aos nossos entrevistados como tinha sido rever aquelas imagens antigas, já quase esquecidas, que o Facebook mostrou autonomamente. As respostas, de uma forma geral, polarizaram entre “ter gostado muito de rever estas imagens” e “não ter gostado de relembrar-se daquela imagem”. Um de nossos respondentes, ao ter sido exposta a este aplicativo do Facebook, não teve uma boa reação:

O aplicativo "neste dia" me mostrou uma foto que foi tirada com uma pessoa com quem tive um curto relacionamento. Apesar de não ter sido um namoro ou algo mais sério, esta pessoa deixou algumas marcas negativas e quando revi a foto (que já tinha me esquecido), vieram lembranças e sentimentos ruins. Esta foto, em especial, foi excluída (Respondente 16, 2015).

Já R19 trouxe duas experiências que pareceram trazer um misto dos dois sentimentos, por já ter sido exposta também a estas memórias intempestivas trazidas pelo *Neste dia*:

Foram dois fatos, na verdade. O primeiro e mais antigo foi uma foto com uma pessoa que já fui amiga e hoje não nos falamos mais. É engraçado, o choque de memória que ressurgiu é grande. E você fica naquela, foi realmente bom ou eu era inocente demais? Valeu a pena? E no fim, se contenta que a amizade não existe mais apesar de ter sentido saudade daquele momento em si. O segundo foi mais recente, tava triste e cansada da faculdade, abro o facebook e uma amiga de longa data, que inclusive mora comigo, me marca em um álbum de fotos nossas antigas até os presentes dias. E aquilo mudou completamente meu humor. Me puxou pra realidade e me lembrou o quanto a vida é passageira. Me fez inclusive, abraçá-la e agradecer-la pela amizade (Respondente 19, 2015).

Em outras palavras, quando se compartilha nos SRS, quaisquer tipos de informação – sejam elas pessoais ou impessoais –, administrar seu apagamento, ou seja, o direito de esquecer-se tem se apresentado como um enorme desafio para os adeptos destas plataformas digitais de interação. Um vez que aquele conteúdo é publicado na rede, a lembrança que se produz daquele conteúdo passa a habitar a memória de muitas outras pessoas que têm acesso àquele conteúdo e (o mais crítico) cai no gerenciamento da rede virtual.

Um aspecto particularmente importante e não tão discutido sobre a “digitalização” da memória é o caráter de não-descartabilidade das lembranças e a presentificação do tempo. Além de produzir cada vez mais objetos de memória, ou nas palavras de Van Dijck (2007), artefatos de memória, os instrumentos que utilizamos para lembrar eventos e vivências passadas – como por exemplo vídeos, áudios, fotografias digitais e principalmente os SRS – estão pautando nossas maneiras de nos relacionarmos com a memória – e sobretudo, com o passado. Repletas de um sistema inteligente e autônomo que calcula os níveis de interação e de envolvimento entre os usuários e a própria rede, as redes sociais virtuais influenciam nossas decisões sobre o que guardar do passado e agem poderosamente sobre elas.

Além de produção de memória mediada/midiatizada na rede, usamos a fotografia como registro de “verdade”, “autenticidade”, como prova e evidência do “real” que vivemos, tendo em vista que a “memória externalizada” (ou seja, as fotografias ou arquivos anexados a algum ambiente digital) parece conferir um caráter muito maior de evidência do que uma “simples” narrativa ou história contada sobre aquele ocorrido. O estatuto do “ser verdadeiro”, portanto, permeia também as questões de memória e as preocupações de quem realiza o compartilhamento e a produção de imagens digitais – ainda que estas imagens digitais estejam sujeitas à manipulação e à edição o tempo inteiro. Dessa forma, estabelece-se um trato entre quem compartilha e quem vê aquilo que foi compartilhado de verdade do relato. Memória guiada pelos cachês e despejos de navegação que deixamos na rede. Por sabermos que tudo podemos lembrar, não nos preocupamos em lembrar porque a grande rede de dados que deixamos lembram pra nós.

Schwarz (2014) traz importantes reflexões a respeito desta nova forma de lidar com a memória, pautada nos critérios matemáticos de um algoritmo, que nos rouba cada vez mais a autonomia e o controle sobre nossas recordações:

It is also a story about individuals losing control over how and when they engage with which representations of their own past, that is, memory – control now taken over by the agency of algorithms. This purgatory is what Kevin Hetherington called ‘first burial’. For Hetherington, ‘disposal is about placing absences and this has consequences for how we think about “social relations”’(Hetherington, 2004: 159). Through ‘first burial’, things (including memory objects) are placed in a less accessible place, often because they still retain some emotional value. They are thus removed from the everyday without being disposed of, at least until their owners tidy up the attic and decide they deserve a second, final burial. Until then, disposed objects remain at their owner’s disposal and are not destroyed, yet they can only pop up once their owner enters the storeroom. Thus, disposal is also about the management of memory and forgetting. (SCHWARZ, 2014, p. 14)

Da mesma forma que o eco das imagens traz a cegueira e a surdez, não poderia o eterno-presente incidir sobre o esquecimento ou a sempre-descartabilidade, em vez de ampliar nossa capacidade de memória? Este recurso do Facebook, todavia, de lembrar-nos de eventos passados pode sugerir o contrário. Ele nos mostra cenas ou imagens passadas que podem ser revocadas, independente de nossa vontade de vê-las ou “acessá-las”. O fato de uma foto ser fabricada com a intenção primeira de ser compartilhada, e apenas em segundo plano guardada, não implica que não produza memória e que tampouco este artefato material digital (a fotografia em si) não seja usada como um recurso de lembrar o passado, quer se queira lembrar dele ou não.

Assim, as plataformas digitais e os algoritmos vão definindo os artefatos de memória que mantemos (e manteremos), moldando as versões de passado que construímos no ato de lembrar, levando em consideração que uma memória associada a um suporte – uma fotografia, por exemplo – convence muito mais do que o apelo a uma lembrança que ficou sem registro. Sem percebermos, tornamo-nos gradativamente sujeitos ao controle das novas tecnologias sobre os nossos artefatos de memória e, conseqüentemente, sobre as recordações que formulamos.

Em suma, pudemos perceber neste capítulo de que forma os novos agenciamentos tecnológicos contribuem para a remodulação e remoldagem das lembranças que mantemos, uma vez que veiculam não apenas as macronarrativas, ou narrativas mestras – as quais são, imperceptivelmente incorporadas aos relatos de si –, mas impõem a nós formas de lidar com os artigos de recordação (fotografias, textos, entre outros) que nos tiram a autonomia do que decidimos manter na “gaveta do esquecimento” e o que permanece nos “porta-retratos da memória”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PESQUISA, SUAS POTÊNCIAS E SEUS LIMITES

Esta pesquisa se propôs a investigar de que forma a explosão das imagens nos sites de redes sociais atua na maneira como as pessoas produzem e compartilham fotografias, e como afeta o trabalho da memória hoje. No contexto do avanço das novas tecnologias do olhar que permitem a contínua fabricação e consumo de imagens, buscou-se compreender como as numerosas imagens circulando em plataformas digitais tem efeitos sobre a recordação, especialmente sobre a memória autobiográfica e as autonarrativas de jovens usuários do Facebook.

As expectativas e questionamentos que guiaram este trabalho partiram do pressuposto da imagem como um texto visual em que ao mesmo tempo se articulam histórias de vida pessoais e narrativas culturalmente disponíveis. Mais especificamente, tentamos responder às perguntas inicialmente propostas: 1) quais os atuais usos da fotografia nos sites de redes sociais?; 2) que novos efeitos essa produção fotográfica contemporânea produz sobre a memória autobiográfica?; 3) como as memórias autobiográficas ativadas pela fotografia digital contribuem na elaboração de uma narrativa de si?

No tocante ao primeiro questionamento, sobre os usos atuais da fotografia nos sites de redes sociais, pudemos reafirmar os apontamentos já feitos por Van Dijck (2008) ao explicar que aumento do uso de câmeras digitais, incluindo as câmeras integradas a outros dispositivos móveis de comunicação, favorecem funções comunicativas e formadoras de identidade, sem suprimir, entretanto, a função mnemônica – concernente ao armazenamento de artefatos de memória. Todavia, o que esta pesquisa possibilitou, além de ratificar os achados de Van Dijck, foi trazer à superfície a relação afetiva e de envolvimento que os respondentes possuíam com as imagens compartilhadas, em que emergiam sentimentos como os de *felicidade* e *incompletude*, amplamente discutidos.

Ademais, procuramos verificar de que forma os sentimentos elencados pelos participantes do estudo eram correlacionados às fotografias apresentadas. Pudemos perceber que determinadas situações vividas pelos sujeitos – como exemplo, a vivência da carreira e/ou profissão – pareciam ser sentidas e encaradas de formas semelhantes – geralmente, com muito orgulho e satisfação pelas conquistas profissionais –, levando-nos a inferir que os sentimentos trazidos por eles ao

falar sobre as imagens têm relação não apenas com a forma pessoal com que encaram determinado momento da vida, mas também com um modo culturalmente disseminado de enxergar e de sentir tal momento.

Deste modo, entende-se que se podem ler as imagens autorreferentes dispostas nos sites de redes sociais como artefatos que remetem às biografias de quem as publicou, mas também como documentos importantes sobre formas dominantes de pensar, sentir, dizer – e também recordar – em curso na atualidade.

As fotografias do Facebook, ao mesmo tempo em que falam de momentos e experiências tidas como inesquecíveis pelos jovens pesquisados, remetem a outras narrativas que atravessam as imagens e as histórias das pessoas sem que sequer percebamos. A memória, ainda que autobiográfica e individual, é também história – sendo assim capaz de falar a respeito não só de um indivíduo, mas de toda uma sociedade – porquanto acolhe narrativas mestras que são negociadas pelos sujeitos em suas narrações autobiográficas.

Em relação aos efeitos da produção fotográfica contemporânea na memória autobiográfica, segundo questionamento levantado neste estudo, notamos que cada vez mais serviam como ferramentas para mediar as experiências cotidianas, e menos para rituais e momentos cerimoniais, conforme já apontavam outros levantamentos (VAN DIJCK, 2007;2008). Confirmamos esta afirmação com o dado empírico de que apenas 16% (totalizando 15 respostas) das imagens disponibilizadas pelos respondentes foram correlacionadas a alguma homenagem ou data comemorativa. Por se tratarem de imagens mais ordinárias, do cotidiano. Desta forma, percebemos um deslocamento nos usos da fotografia que vem a modificar seu lugar nas práticas sociais: de familiar para individual, de ferramenta para “guardar memória” para dispositivos de comunicação, e de compartilhar artefatos de memória para compartilhar experiências.

Dito isto, inferimos que “permanecer conectado” e “manter-se em contato”, no lugar de somente “capturar o momento” e “preservar a memória”, são novos significados sociais transferidos para a fotografia digital disseminada nos SRS, fazendo com que se modifiquem substancialmente os tipos de recordações que estes jovens mantêm. Dito de outra forma, os indivíduos que participam destas novas práticas fotográficas articulam suas identidades como sujeitos sociais não apenas tirando fotos e armazenando-as com vistas a documentar suas vidas,

mas o fazem participando de trocas comunais de fotos que marcam sua identidade como produtores interativos e consumidores da cultura.

Os reflexos que estas novas práticas incidem sobre a memória autobiográfica mostram-se exatamente na mudança de enquadramentos, de conteúdos e de estética destas imagens que agora permeiam os ambientes digitais. Com os artefatos de memória cada vez mais mediados pelos dispositivos tecnológicos, percebemos haver uma mudança não só nas novas narrativas que emergem do texto visual, como as narrativas do “sou sempre feliz” e do “viajar é importante”, mas em quê e como os sujeitos buscam reconhecer-se.

Em muitas imagens compartilhadas na rede, as experiências vividas pelos sujeitos parecem ser pré-selecionadas – semelhante a uma editoração da própria vida – a fim de que sejam publicadas online, e de que tenham certos valores diluídos como a felicidade (enquanto imperativo) a qualquer custo, homogeneizando os tipos de fotografia que vemos e que queremos publicar. Com isto, queremos dizer que nessa pré-editoração das imagens da nossa vida – imagens que ganham o território digital –, os tipos de fotografia que decidimos postar ou que vemos postadas tem suas possibilidades de cores, enquadramentos, ângulos, texturas, conteúdo cada vez mais reduzidas porquanto importa-nos atender a uma demanda de estar sempre feliz, estar sempre viajando, estar sempre amando, e principalmente, estar sempre visível, conectado.

No tocante à terceira e última questão, de como as memórias autobiográficas ativadas pela fotografia digital contribuem na elaboração de uma narrativa de si, argumentamos que as fotos coletadas neste estudo negociavam modos de falar sobre si inspirados não apenas na história de vida individual dos jovens pesquisados, mas perpassados modos de ver(-se), ser e sentir predominantes e hegemônicos.

Ao analisarmos bem estas imagens, fomos tomados pela desconfiança de que a forma como as pessoas se apresentam e falam sobre si é também normatizada ou prescrita por alguns valores que estão presentes o tempo inteiro em nossas sociabilidades, mas que sequer nos damos conta de que os estamos reproduzindo. Tais prescrições são tão bem incorporadas que as assumimos como sendo parte constituinte de quem somos. As fotografias, por sua vez, revelam como as prescrições estéticas, políticas, culturais e ideológicas de um certo momento histórico são personalizadas e subjetivadas nos relatos de vida individuais.

Com este estudo, foi possível detectar que a instantaneidade não parece ser o aspecto mais presente nem o de maior importância quando se trata de fotografias no Facebook. Vemos fotografias recheadas de história e de sentimentos e que custaram aos usuários tempo para serem selecionadas, editadas e compartilhadas a fim de contarem alguma parte de suas histórias, ainda que sem os detalhes, nem a história anterior que as levaram a ser publicadas.

Porém, ainda assim as fotos que são produzidas com a prioridade e fins de serem em primeiro lugar compartilhadas online fabricam uma lembrança de passado – embora mais efêmera e fugaz – emoldurada pelos cenários, pelas contingências e prescrições socialmente sedimentadas. Ao elaborar um enquadramento ao invés de outro, ao escolher compartilhar um momento através da imagem ou não, estamos selecionando que versões das nossas histórias e experiências queremos contar.

Mais do que uma ferramenta para alguém ser aceito e incluído em um círculo social específico, a fotografia no âmbito dos sites de redes sociais opera como uma forma de narrativa, porém de uma narrativa mais fragmentada, disruptiva, descontínua, em que cada versão de presente dialoga com incontáveis versões de passado, dadas as suas similaridades “imagéticas” (ARANTES, 2014). Criam-se ambientes virtuais em que se é preciso falar de si para viver e viver para falar de si; em outras palavras, esses espaços de interação online permitem que o sentido de viver experiências esteja em poder falar sobre elas ou registrá-las. Logo, falar e registrar as experiências, seja através do relato autobiográfico ou de artefatos de memória, é também falar sobre si. Neste espaço de interações e constantes atualizações, os participantes destas comunidades virtuais demonstram na vontade de ver e de ser visto uma maneira de comunicação com o mundo, de autoconhecimento e autoconstrução.

Logo, o uso do Facebook, além de tornar públicas as fotos partilhadas em rede, apresenta-se como uma forma de dar conta de um processo de autoformação e autocompreensão – uma vez que as imagens também se ocupam destas práticas –, além de revelar o modo como as pessoas percebem a si e reivindicam reconhecimento. Em outras palavras, as fotos legitimam e reafirmam as lembranças que deliberadamente decidimos manter de eventos ocorridos. Tanto as narrativas pessoais quanto as narrativas mestras interferem no relato autobiográfico e, por consequência, nos artefatos de memória que perpetuamos e reproduzimos.

A metodologia proposta tentou dar conta tanto dos relatos escritos quanto da análise da imagem, tentando perscrutar de que forma textos visuais e verbais fornecem juntos subsídios para uma análise de cunho mais antropológico e social. Ao montar e desmontar as histórias construídas por meio dos questionários e das fotos, examinamos de que forma a análise das autonarrativas permitiam também uma análise de ordem social do momento contemporâneo.

Todavia, esta metodologia não pôde dar conta de analisar todos os fatores contingenciais que possibilitaram a produção de tais imagens, tampouco de explorar com mais profundidade a história de vida dos jovens participantes da pesquisa, impossibilitando uma possível costura entre suas histórias, os relatos disponibilizados pelo questionário e as fotos escolhidas. Além disso, o curto tempo disponível para a realização da pesquisa, bem como o baixo número de pesquisadores, limitou os achados da pesquisa e o tratamento de seus dados, ao mesmo tempo em que lança luz para que novas pesquisas nesse sentido sejam feitas.

Esta dissertação teve por objetivo contribuir para os estudos de Psicologia, Antropologia Visual e Cibercultura acerca das possibilidades de uma perspectiva psicológica narrativo-discursiva sobre a formação da memória autobiográfica em tempos convergentes, especialmente com o intuito de compreender as práticas e os usos da fotografia nos ambientes virtuais, em que se apresentou também os limites deste processo investigativo.

Optamos por trabalhar primordialmente a relação da memória e das narrativas pessoais com as narrativas social e culturalmente sedimentadas, no lugar de explorar seu caráter psicológico e intrassubjetivo, por acreditarmos que a imagem fotográfica, ao mesmo tempo em que dá conta de um trajeto de vida pessoal, revela também modos de organização social amplamente difundidos, e sobre estes interessava-nos questionar discursos tomados como os únicos possíveis, no intuito problematizá-los e desnaturalizá-los.

Esta pesquisa vem muito mais como uma provocação e um incentivo a uma reflexão crítica de nossa atuação nas plataformas digitais, a fim de questionarmos sempre as práticas mais cotidianas e ordinárias com a percepção aguçada de que em todas e quaisquer relações – sejam elas entre o *eu* e o *outro*, sejam uma relação consigo – existem sempre camadas invisíveis que aguardam ser vistas, problematizadas e desconstruídas com o olhar incomodado do pesquisador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, P. Imagem e Mídia como forma de pensamento: narrativas múltiplas, cinema e banco de dados. GONÇALVES, O. (Org.) **Narrativas sensoriais**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

ARFUCH, L. **Espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad.: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370p.

AUGÉ, M. **Não-lugares**. São Paulo: Papyrus, 1994.

BAUDRILLARD, J. Significação da publicidade. LIMA, L. C. (Org.) **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 273-280.

CARLOS, A F. A. O turismo e a produção do não-lugar. YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A. (Orgs.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, p. 25-39, 1999.

COMSCORE. **Brazil Digital Future in Focus 2015**. 2015. Disponível em < <https://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-e-documentos/2015/2015-Brazil-Digital-Future-in-Focus>>. Acesso em setembro de 2015.

DELORY-MOMBERGER, C. Fotobiografia e formação de si. In: DE SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B (Orgs.) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Trad.: Marina Appenzeller. – 14a ed. – Campinas: Papyrus, 2012.

ECKERT, C.; DA ROCHA, A. L. C. Imagem recolocada: Pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo. **Illuminuras**, v. 2, n. 3, 2001.

EMARKETER. **In Brazil, Social Media Is for the Young - Younger millennials account for more than half of social media site visitors**. 2015. Disponível em < <http://www.emarketer.com/Article/Brazil-Social-Media-Young/1012089>>. Acesso em setembro de 2015.

G1 GLOBO. Tecnologias e Games. **Facebook anuncia função 'máquina do tempo' similar ao app Timehop**. 2015. Disponível em < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/03/facebook-anuncia-funcao-maquina-do-tempo-similar-ao-app-timehop.html>>. Acesso em novembro de 2015.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990,

HUM, N. J. et al. *A picture is worth a thousand words: A content analysis of Facebook profile photographs*. **Journal of Computers in Human Behavior** 27, 2011. p. 1828–1833. Disponível em < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563211000690>>. Acessado em 12 de junho de 2014.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LYOTARD, J. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1986.

MANGUEL, A. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. Editora Companhia das Letras, 2001.

MARQUES, S. T. A Busca da Experiência em Sua Fonte: Matéria, Movimento e Percepção em Bergson. **TRANS/FORM/AÇÃO**, v. 36, n. 1, p. 61-80, 2013.

MEDINA FILHO, A. L. Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), p. 263-271. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/03.pdf>>. Acessado em 22 de outubro de 2014.

NOVAES, A. A imagem e o espetáculo. **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, p. 9-15, 2005.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RECUERO, R. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, J.C. *The increase of the experiences of the self through the practice of multiple virtual identities*. **PsychNology Journal**, v.7 (3), n.3, p. 291-302, 2009. Disponível em <[http://www.psychology.org/File/PNJ7\(3\)/PSYCHOLOGY_JOURNAL_7_3_RIBEIRO.pdf](http://www.psychology.org/File/PNJ7(3)/PSYCHOLOGY_JOURNAL_7_3_RIBEIRO.pdf)>. Acesso em agosto de 2015.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007. 535 p.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994. 3v

ROBERTS, B. *Interpreting photographic portraits: Autobiography, time perspectives, and two school photographs*. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n. 2, 2011.

SAMAIN, E. **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec Editora e SENAC-Editora, 2005.

SCHMIDT, B. B. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 32, n. 1, p. 85-97, 2006.

SCHWARZ, O. *The past next door: Neighbourly relations with digital memory-artefacts*. **Memory Studies**, v. 7(1), p. 7–21, 2014. Disponível em <<http://mss.sagepub.com/content/early/2013/05/20/1750698013490591.full.pdf+html>>. Acesso em novembro de 2015.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VAN DIJCK, J. **Mediated memories in the digital age**. Stanford University Press, 2007.

VAN DIJCK, J. *Digital photography: communication, identity, memory*. **Visual Communication**, 2008. p. 57-76. Disponível em <<http://vcj.sagepub.com/content/7/1/57>>. Acesso em novembro de 2014.

VAN HOUSE, N. *Collocated photosharing, story-telling, and the performance of self*. **Journal of Human-Computer Studies**, v. 67 (12), 2009. p. 1073–1086. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1071581909001256>>. Acesso em março de 2015.

WANG, Q.; BROCKMEIER, J. *Autobiographical remembering as cultural practice: Understanding the interplay between memory, self and culture*. **Culture & Psychology**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2002.

WILSON, R. E.; GOSLING, S. D.; GRAHAM, L.T. *A Review of Facebook Research in the Social Sciences*. **Perspectives on Psychological Science**, 2012. p. 203-220. Disponível em <<http://pps.sagepub.com/content/7/3/203>>. Acessado em 28 de outubro de 2014.

WOLFF, F. Por trás do espetáculo: o poder das imagens. **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, p. 16-45, 2005.

TRIP ADVISOR. **Metade dos brasileiros pretende gastar mais com as férias em julho de 2015**, 2015. Disponível em <https://www.tripadvisor.com.br/PressCenter-i7254-c1-Press_Releases.html>. Acesso em setembro de 2015.

APÊNDICE

ANEXO I

QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO DIGITAL

Pesquisa - Memória e Fotografia no Facebook

Se você tem de 18 a 24 anos e é cadastrado no Facebook, você está sendo convidado a participar da pesquisa “Memória e narrativa: a fotografia no Facebook”, sobre o uso da fotografia dentro do Facebook, e sobre suas possíveis formas de contar histórias e produzir lembranças do passado. Este levantamento faz parte de uma pesquisa de mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, realizada por Jéssica de Souza Carneiro, sob a orientação do Prof Dra. Idilva Germano. Estamos investigando como as fotografias digitais compartilhadas no Facebook ajudam a construir novas formas de contar histórias de vida e de ativar as nossas lembranças do passado. Nesse sentido, buscamos saber sua opinião pessoal frente a este assunto.

A pesquisa funcionará em 3 etapas e, caso aceite participar, são elas:

- 1) responder o questionário completo abaixo
- 2) permitir que algumas fotos suas postadas no Facebook sejam usadas como material de análise para fins estritamente acadêmicos.
- 3) caso selecionado(a), participar de uma entrevista presencial, cuja data e horário serão de comum acordo, mantendo o seu conforto e sua integridade.

Tudo OK? Abaixo, você iniciará a primeira parte da pesquisa. Você pode abandonar a pesquisa a qualquer momento. Fique à vontade para responder da forma como compreender as perguntas. Desde já, agradecemos a sua participação. Vamos começar?

ATENÇÃO! Leia o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”

(<http://bit.ly/TermodeConsentimento>) e abaixo confirme sua ciência e autorização de todos os itens do termo, que garantirá o sigilo de suas informações pessoais e o uso de suas respostas para fins estritamente acadêmicos.

*Obrigatório

Eu aceito e tenho ciência dos termos presentes no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” desta pesquisa. *

O termo de consentimento pode ser acessado através do link: <http://bit.ly/TermodeConsentimento>

- sim
- não

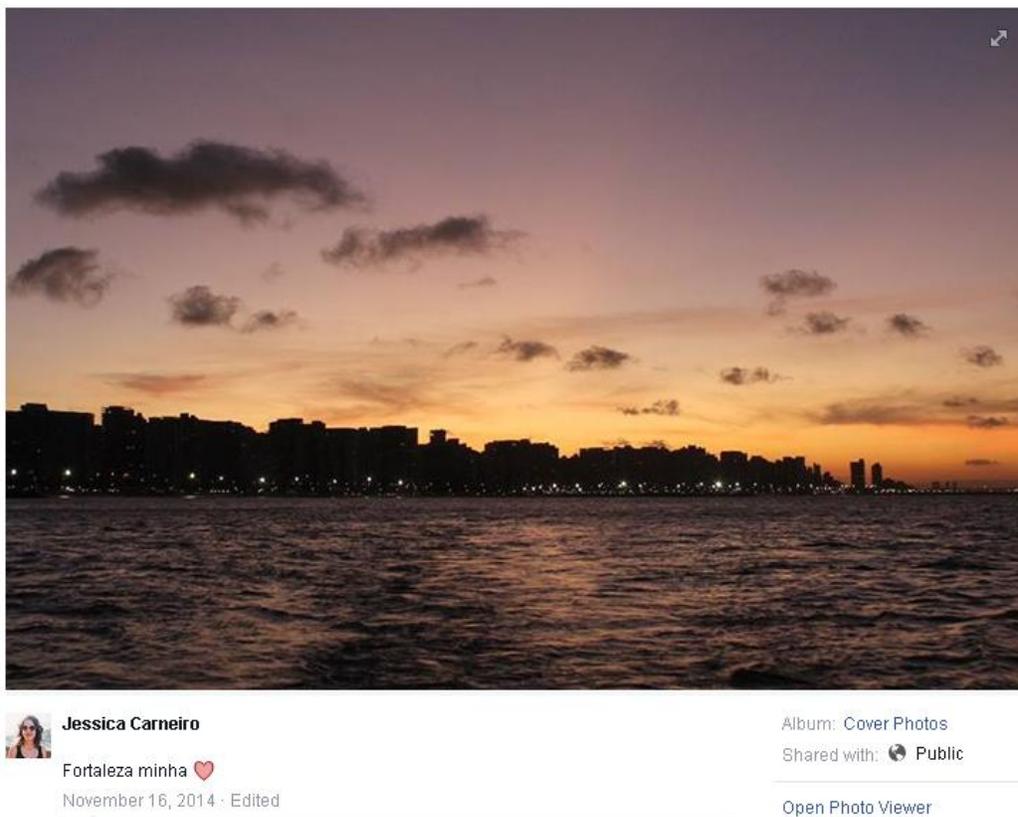
Você tem de 18 a 24 anos? *

- sim
- não

PRIMEIRA PARTE DA PESQUISA

Sinta-se à vontade para responder as perguntas da forma como as compreender. Se sentir que algumas perguntas estão repetitivas, também sinta-se à vontade para responder apenas as que quiser.

A foto abaixo é uma imagem minha publicada no meu Facebook, e o link se encontra em <http://bit.ly/FotodoFacebook>



Agora, é a sua vez: você vai deixar nos espaços abaixo o link de 3 fotos suas publicadas no Facebook.

Você pode escolher qualquer foto que se sentir à vontade em deixar aqui. Podem ser fotos tanto publicadas por você ou fotos em que você foi marcada por outras pessoas. Pedimos que você compartilhe apenas fotografias pessoais (exclua memes, tirinhas, charges ou imagens deste tipo).

Link da foto 1 *

Fale, livremente, sobre esta foto que você escolheu (link 1)

Por exemplo, você pode nos dizer onde, quando, quem fez a foto, qual era a ocasião, se você lembra do dia... Pode nos contar também um pouco o que ela representa para você e qual a importância dessa foto.

Por que você sentiu vontade de publicar esta foto? *

Você pode assinalar mais de 1 alternativa.

- postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc)
- postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita
- postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessou
- postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)
- postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante
- postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas
- postei pra deixar registrado e eu poder ver depois
- postei para homenagear alguém que amo ou que já faleceu
- postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado
- Outro:

Que sentimentos esta fotografia te provoca? *

Você pode assinalar mais de 1 alternativa.

- felicidade
- alegria/euforia
- nostalgia/saudades
- gratidão
- satisfação/orgulho
- tristeza

- raiva/inconformação
- incompletude
- Outro:

Agora, compartilhe aqui o link da foto 2 *

Fale, livremente, sobre esta foto que você escolheu (link 2) *

Por que você sentiu vontade de publicar esta foto? *

Você pode assinalar mais de 1 alternativa.

- postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc)
- postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita
- postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse
- postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)
- postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante
- postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas
- postei pra deixar registrado e eu poder ver depois
- postei para homenagear alguém que amo ou que já faleceu
- postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado
- Outro:

Que sentimentos esta fotografia te provoca? *

Você pode assinalar mais de 1 alternativa.

- felicidade
- alegria/euforia
- nostalgia/saudades
- gratidão
- satisfação/orgulho
- tristeza

- raiva/inconformação
- incompletude
- Outro:

Agora, compartilhe o link da 3ª e última foto *

Fale, livremente, sobre esta foto que você escolheu (link 3)

Por que você sentiu vontade de publicar esta foto? *

Você pode assinalar mais de 1 alternativa.

- postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc)
- postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita
- postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessou
- postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)
- postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante
- postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas
- postei pra deixar registrado e eu poder ver depois
- postei para homenagear alguém que amo ou que já faleceu
- postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado
- Outro:

Que sentimentos esta fotografia te provoca? *

Você pode assinalar mais de 1 alternativa.

- felicidade
- alegria/euforia
- nostalgia/saudades
- gratidão
- satisfação/orgulho

- tristeza
- raiva/inconformação
- incompletude
- Outro:

SEGUNDA PARTE

13) Você tem o costume de revisitar as fotos antigas que estão publicadas no seu Facebook? *

- sim
- não

14) Em que momentos ou circunstâncias você costuma revisitar as fotos antigas que estão no seu Facebook? *

- Em datas comemorativas/especiais
- Quando estou sem fazer nada/entediado(a)
- Quando o Facebook me mostra através do aplicativo "Neste Dia"
- Quando algum amigo me marca
- Não tenho este costume.
- Outro:

15) Você revelaria (em papel fotográfico, como se fazia na época das câmeras analógicas) estas fotos que você compartilhou aqui comigo? *

- sim
- não

16) Por quê?

Justifique. (Resposta não obrigatória)

17) Se o Facebook de repente falisse, e apagasse todas as imagens que você publicou, como você se sentiria? *

- Me sentiria super mal, afinal essas fotos são muito importantes para mim e quero mantê-las.
- Me sentiria triste, mas logo depois não ligaria mais.
- Me sentiria indiferente, afinal depois de um tempo elas não me servem mais.

- Nunca pensei sobre isso.
- Outro:

TERCEIRA PARTE

Falta pouco. Estamos quase terminando.

18) Você já foi surpreendido pelo Facebook (ou pelos seus amigos do Facebook) ao rever uma foto sua que havia sido publicada há muito tempo? *

- sim
- não

19) Se você respondeu "sim", conte-nos como foi rever aquela(s) foto(s)?

Fique à vontade para dizer o que sentiu ao rever uma foto que não esperava. Pode dizer se foi uma lembrança boa ou ruim, que sentimentos te provocou, o que passou na sua cabeça ao revê-la(s)...

Feedback - Dificuldades em responder o questionário

Ufa, estamos terminando. Esperamos que você possa nos falar sobre suas dificuldades em responder o questionário. Esta etapa é facultativa, então você só precisa responder se quiser. Depois disso, concluímos! =D

20) Você sentiu dificuldade em responder alguma das perguntas, ou não sabia direito o que elas queriam dizer? *

Em caso afirmativo, em qual(is) pergunta(s) sentiu dificuldade?

- sim
- não

21) Em caso afirmativo, em qual(is) pergunta(s) sentiu dificuldade?

22) Qual(is) foi/foram a(s) sua(s) dificuldade(s)?

23) Sugestões/Críticas

Fique à vontade para sugerir/criticar o que desejar, de forma a contribuir para o melhor entendimento e realização desta pesquisa.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

PESQUISA: Imagens, memória e narrativa nos sites de redes sociais

Responsável: Jéssica de Souza Carneiro

Prezado (a) colaborador (a),

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Imagens, memória e narrativa nos sites de redes sociais”, sobre o uso da fotografia dentro do Facebook, e sobre suas possíveis formas de contar histórias e produzir lembranças do passado.

Este levantamento faz parte de uma pesquisa de mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof. Dra Idilva Maria Pires Germano, e procura investigar como as fotografias digitais compartilhadas na rede ajudam a construir novas formas de contar histórias de vida – bem como ativar as nossas lembranças do passado. Nesse sentido, buscamos saber sua opinião pessoal frente a este assunto.

A pesquisa funcionará em 3 etapas e, caso aceite participar, elas consistirão em:

- 1) responder o questionário completo.
- 2) permitir que suas fotos postadas no Facebook sejam usadas como material de análise para fins estritamente acadêmicos.
- 3) participar de uma entrevista presencial, cuja data e horário serão de comum acordo, mantendo o seu conforto e sua integridade.

Lembramos que os dados gerados por este levantamento serão analisados respeitando todas as normas de recomendações relacionadas à pesquisa com seres humanos, de acordo com os princípios éticos contidos na Resolução N °466/2012 com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde.

Garantimos o sigilo de suas informações pessoais e o uso de suas respostas para fins estritamente acadêmicos.

Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos. Fique à vontade para responder da forma como compreender as perguntas. Desde já, agradecemos a sua participação.

1.PARTICIPANTES DA PESQUISA: Usuários da rede social virtual Facebook, de 18-24 anos, que produzem fotografia digital e utilizem-na como meio de interação online. Participarão da pesquisa somente os voluntários que, convidados a colaborar, concordem.

2. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Na condição de jovem de 18 a 24 anos, usuário do Facebook e que produz fotografia como forma de interação, você deve: 1) responder a algumas perguntas constantes no questionário, 2) autorizar a análise de suas fotografias publicadas no Facebook, as quais serão utilizadas para fins estritamente acadêmicos, e 3) participar de uma entrevista individual presencial. Espera-se que possa nos contar como utiliza a fotografia digital em seu dia a dia, e como ela lhe serve como recurso para narrar sobre sua própria vida e sobre quem você é. Lembramos que você tem a

liberdade de se recusar a participar e pode ainda deixar de responder em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Além disso, ainda tem o direito de ficar com uma das vias do termo de consentimento, o qual pode ser impresso. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com o coordenador da pesquisa, cujos dados estão disponíveis mais abaixo.

3. RISCOS E DESCONFORTOS: A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, algum constrangimento que você possa sentir quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Caso se sinta, em algum momento, desconfortável pode solicitar a interrupção da entrevista ou até mesmo, o encerramento de sua participação na pesquisa. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, e não oferecem risco a sua integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos a sua dignidade.

4. CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Seu nome não será mencionado em nenhum momento e os locais citados substituídos por outros, garantindo o anonimato de sua identidade. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

5. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que a mesma nos forneça dados importantes acerca de: a) como o uso dos sites de redes sociais afetam a produção de fotografia, repercutindo nas nossas lembranças do passado; b) como as pessoas, a partir dessas lembranças do passado, contam quem elas são.

6. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nenhum valor será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo. Para tanto, entre em contato com o pesquisador responsável no endereço abaixo.

Endereço do responsável pela pesquisa: Av Rui Barbosa, 3333 – Fortaleza/CE

Nome: Jéssica de Souza Carneiro

Instituição: Universidade Federal do Ceará – Depto. de Psicologia

Endereço: Av. da Universidade 2762 – Benfica – Fortaleza - CE

Telefones p/contato: (85) 98964-3474

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa da UFC** – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: (85) 3366-8344.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação nomenclado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, e ao responder este questionário concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

ANEXO III
RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

Respondentes	Eu aceito e tenho ciência dos termos presentes no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” desta pesquisa.	sexo	Estado	Escolaridade	Você tem de 18 a 24 anos?
R1	sim	F	CE	Superior Completo	sim
R2	sim	M	CE	Superior Completo	sim
R3	sim	F	CE	Superior Completo	sim
R4	sim	M	ES	Ensino Médio Completo	sim
R5	sim	F	CE	Superior Incompleto	sim
R6	sim	F	CE	Superior Completo	sim
R7	sim	F	CE	Superior Completo	sim
R8	sim	M	CE	Superior Incompleto	sim
R9	sim	F	CE	Superior Completo	sim
R10	sim	F	CE	Superior Incompleto	sim
R11	sim	F	CE	Ensino Médio Completo	sim
R12	sim	M	CE	Ensino Médio Completo	sim
R13	sim	F	CE	Superior Completo	sim
R14	sim	F	CE	Superior Incompleto	sim
R15	sim	F	CE	Superior Completo	sim
R16	sim	F	CE	Superior Incompleto	sim
R17	sim	nda	nda	nda	sim
R18	sim	M	PB	Superior Incompleto	sim
R19	sim	F	PB	Superior Incompleto	sim
R20	sim	M	PB	Superior Incompleto	sim
R21	sim	nda	nda	nda	sim
R22	sim	F	PB	Superior Incompleto	sim
R23	sim	F	CE	Superior Incompleto	sim
R24	sim	M	CE	Superior Incompleto	sim
R25	sim	F	CE	Superior Incompleto	sim
R26	sim	M	MA	Superior Incompleto	sim
R27	sim	nda	nda	nda	sim

R28	sim	nda	nda	nda	sim
R29	sim	F	CE	Superior Incompleto	sim
R30	sim	F	CE	Superior Completo	sim
R31	sim	F	CE	Superior Completo	sim

	2) Fale, livremente, sobre esta foto que você escolheu (link 1)	3) Por que você sentiu vontade de publicar esta foto?	4) Que sentimentos esta fotografia te provoca?
R1	Foto tirada em Flecheiras durante o pôr do sol em um fim de semana. Acho um dos momentos mais bonitos do dia.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades
R2	Centro de Fortaleza, na Praça dos Leões, a ocasião era um passeio pela Fortaleza que passamos e ignoramos no dia-a-dia com minha namorada. Representa pra mim uma ligação com a terra, com o regional, com a valorização do que foi criado aqui por gente como a gente, como eu. Representa um pouco o meu apego pela literatura. E eu acho que saí super bem na foto também. :)	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei para homenagear alguém que amo ou que já faleceu, Ser cearense	felicidade, gratidão, satisfação/orgulho
R3	Essa foto foi feita no dia do meu aniversário esse ano na minha casa. Essa foto representa um momento muito feliz pra mim, não só por conta do meu aniversário, mas também consegui reunir as pessoas que mais amo (amigos e familiares) para estarem nesse dia de comemoração. Foi um dia muito agradável, rimos e comemos muito.	postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas	alegria/euforia
R4	Foi em um dia que será lembrado como a primeira vez que o cachorro de um amigo foi a praia e ele era muito arteiro, ficamos correndo atrás dele certo tempo.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R5	Foto tirada no ano de 2009 no Parco Valentino - Torino - IT, Em um momento muito especial, onde se iniciava minha jornada de 1 ano morando na Itália.	postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R6	Essa foto foi tirada no meu aniversário desse ano (dezembro/2015) que comemorei junto ao "Chá-Bar" de um casal de amigos muito queridos. Escolhi por representar uma amizade de muitos anos, desde o colégio, como uma forma de agradecer pelo carinho e pela presença em um dia especial.	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho
R7	Essa foto retrata um dos dias mais felizes da minha vida, a concretização de um sonho! O dia da tão esperada por mim e meus familiares, minha formatura. Nesse dia estava muito feliz, pois finalmente consegui, a partir desse dia podia dizer que	postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	satisfação/orgulho

	era enfermeira.		
R8	A foto foi tirada no meu aniversário de 21 anos, em 14 de agosto desse ano. Foi uma festa surpresa e há alguns anos eu não ganhava uma. Duas amigas em parceria com o meu namorado organizaram, tendo ido minhas melhores amigas da faculdade. Não gostei muito da minha aparência na foto. Eu estava indo pra casa do meu namorado depois de um dia de aula, meu cabelo estava desarrumado e muito grande, eu estava suado e com um semblante cansado. Porém as meninas estavam muito bonitas e era uma oportunidade única, não poderia deixar de postar. Não sei se registrariam isso de novo. Não sei se haveria outra surpresa em outros anos. Além do mais, eu sou aquele ali mesmo, ou seja, se alguém me vir na rua provavelmente vou estar assim. Gosto muito de lembrar desse momento, porque assim lembro que sou amado e que não estou só, e ter com quem contar é algo muito importante para mim.	postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, gratidão
R9	Essa foto foi tirada em Pipa, no dia 1 de janeiro de 2014. Devia ser mais ou menos umas 8 horas da manhã. Depois de romper o ano, esperei o sol nascer com amigos e depois fui direto pra praia. Foi um dia maravilhoso, principalmente por tudo que o início de um novo ano nos trás, mas também pelas pessoas que estavam comigo, pelo lugar, pelas expectativas. Também é engraçado lembrar do quanto minha vida mudou nesse ano e imaginar que nessa foto eu muito pouco imaginava como o ano iria terminar.	postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	gratidão
R10	Foto tirada em Gramado nossa primeira grande viagem, em Novembro de 2015. A foto mostra a beleza do lugar e os sentimentos do momento.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R11	Meu irmão querido.	postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei para homenagear alguém que amo ou que já faleceu	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades
R12	Dentro do bondinho do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro ! Foi uma das primeiras fotos que registrei dessa viagem , que foi minha primeira viagem , então tem grande importancia .	postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante	nostalgia/saudades
R13	Adoro esta foto por representar um importante momento de minha vida: minha primeira graduação. Depois de anos de esforço e dedicação, tenho orgulho de ter atingido meu objetivo.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho
R14	Esta foto eu mesma tirei, da janela do meu quarto, usando um smartphone. Acho lindas as cores do amanhecer, e é muito inspirador	postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	alegria/euforia, satisfação/orgulho

	ver esta paisagem sempre que acordo. Não tem filtro nem ajuste nesta foto.		
R1 5	essa foto foi tirada no Panamá, em uma viagem missionária para um Congresso cristão, foi um momento muito enriquecedor, porque conheci pessoas de todo o Brasil e de outros países, além de participar de momentos incríveis	postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R1 6	Esta foto foi feita por mim na casa de minha mãe, em um final de semana (que é quando eu vou para casa por estudar em outra cidade). Ela representa, dentre outras coisas, simplicidade e resistência. É o fogão à lenha feito pela minha mãe. A importância dela se dá pelo fato da aproximação com as características de minha mãe, uma típica mulher nordestina, cearense, guerreira... que mesmo diante de tantas dificuldades consegui educar sete filhxs, sem ajuda nenhuma de marido ou qualquer outro ente familiar, e, diante disso tudo, nunca deixou de lado as rotinas da zona rural. Em uma palavra defino esta foto: raízes.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessava, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho
R1 7	Essa foto foi na minha casa, na primeira vez em que meu cachorro (Ralph) e a cachorrinha do meu namorado (Penélope) se conheceram. Ele ainda era um filhotinho e ela já adulta, porém quase do mesmo tamanho. Meu cachorro tinha ainda medo de subir e descer escadas e esse dia foi muito interessante e engraçado porque a Penélope ficou subindo as escadas e esperando ele, e depois descia alguns degraus e esperava ele.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessava, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R1 8	Essa foto retrata uma das minhas poucas experiências práticas na área que estudo. A foto foi tirada na UFPB (Universidade Federal da Paraíba), em João Pessoa. É uma foto simbólica porque foi um momento em que ganhei novas experiências.	postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas	satisfação/orgulho
R1 9	Essa foto representa um passo importante na minha vida, pelo fato de ter sido uma mudança em todos os sentidos. Realização de uma vontade própria de morar em outra cidade, ser responsável por mim mesma e seguir academicamente no curso que eu escolhi. No momento dessa foto, todos os meus anseios tinham sido deixados de lado e a felicidade tomava conta.	postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R2 0	Essa foto foi tirada de forma espontânea por um fotógrafo da festa que frequentei e ela traduz muito como eu procuro sempre estar bem e tranquilo comigo mesmo.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessava, postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R2 1	Essa foto foi feita por volta do mês de junho, foi no meu dia de folga, onde fui visitar minha casa novamente, pois sou do interior da PB e vim morar em JP, é uma das melhores lembranças que posso ter, porque foi quando descobri o que eu não trocaria por nada na vida: meus avós e	postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei para homenagear alguém que amo ou que já faleceu	felicidade

	consegui pela primeira vez demonstrasse p carinho qual sentia por eles.		
R2 2	ESSE ANIVERSÁRIO FOI TOP, SUPER TOP. Primeira festa feita só por mim, onde todo mundo foi lindo, eu estava super linda e se brincar nela arrumei dois namorados kkk	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R2 3	Foi uma viagem. Eu sempre gostei de praia e essa foto não tem efeito nenhum e me ensinou a tirar um tempo e observar o quanto eu perdia ficando em casa e não atentava pras belezas que tem em meu estado.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	nostalgia/saudades, gratidão
R2 4	Interior dos meus avós. Por volta dos anos 2000/2001. Creio que foi meu pai. Não lembro do dia e nem da ocasião.	me marcaram no facebook	nostalgia/saudades
R2 5	Essa foto foi tirado em paris, tem cerca de 6 meses, durante um passeio de 2 dias pela cidade, acho que foi tirada por mim mesmo. eu e um grupo de amigos e colegas fomos a finlandia participar de um evento de ginastica, da qual fazemos parte de um grupo pela UFC, e apos o evento passamos mais alguns dias em colonia- alemanha e em paris-frança, e depois de andar por diversos pontos da cidade, terminamos o percurso chegando a Torre, e foi deslumbrante, assim como toda a viagem em si, sentamos e conversamos por algumas horas, brincamos, sorrimos, BEBEMOS, fizemos figuras ginásticas,e tudo o mais. essa foto representa um dia mas tambem muito do sentimento da viagem completa, que foi... sem palavras, não consigo descrever, no momento me falta palavras. E ela é importante por isso , por representar uma das experiencias mais unicas que tive na vida ate o momento, em um local fantástico, com pessoas que jamais sairão de minha memória e pelas quais tenho muitos sentimentos e recordações singulares.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão
R2 6	A foto foi tirada na Lagoa da Pampulha, Belo Horizonte - MG. Gosto muito da foto e por isso escolhi como foto de perfil do Facebook e como primeira foto da pesquisa. A iluminação me agradou assim como os alementos presentes na foto.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R2 7	Eu e minhas amigas da universidade na praia, curtindo o recesso e comemorando o fim de ano. Foi ótimo o dia.	postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, nostalgia/saudades, gratidão
R2 8	Foto postando quando escrevi uma mensagem de aniversário para a pessoa mais importante da minha vida, minha mãe!	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho

R29	Essa foto ocorreu durante a tiragem de delegados(as) para o CONUNE. Ela representa superação, pois tiramos um número além do esperado e gosto dela por estar do lado de algumas companheiras que são super importante no movimento estudantil	postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	satisfação/orgulho
R30	Representa muito da minha formação.	postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	satisfação/orgulho
R31	Foto do dia da minha colação de grau, realizada no auditório central da UECE, e tirada por um grande amigo de faculdade. Nesse dia, não sei se devido a emoção/ansiedade.. mas estava bem quente! Foi um momento único na minha vida e da minha família. Em meio a tantas dificuldades, ingressar e terminar a minha graduação, sem dúvidas, foi uma grande vitória. Ao longo dos 5 anos que durou a minha formação inicial, enfrentei muitas dificuldades e encerrar essa etapa na minha vida é motivo de muito orgulho.	postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho

	6) Fale, livremente, sobre esta foto que você escolheu (link 2)	7) Por que você sentiu vontade de publicar esta foto?	8) Que sentimentos esta fotografia te provoca?
R1	Foto tirada em janeiro de 2015, na rua Grande, em Aracati e postada em março pra ilustrar texto sobre 01 da posse como programadora visual no IFCE.	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessam, postei pra compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R2	Foto de reveillóns com os amigos, com os mesmos amigos por vários anos seguidos. Sempre passado em alguma praia do litoral Nordeste. Representa camaradagem, cobertura, e boas conversas jogadas fora. Pessoas interessantes pra explorar o mundo e crescermos juntos como gente.	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)	alegria/euforia, nostalgia/saudades
R3	Essa foto foi feita em João Pessoa- PB esse ano e me traz um sentimento de alegria e saudades, pois foi um momento de encontros e afetos em que pude estar com pessoas muito especiais e que fizeram parte da minha construção pessoal e profissional. Ao olhar, bate-me uma saudade imensa, pois uma dessas pessoas, mora em outra cidade e só a vejo tempos em tempos.	postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante	felicidade
R4	Não me recordo exatamente o que houve neste dia, mas foi uma foto que me dá uma nostalgia em ver os meus amigos reunidos.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessam, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho

R5	Registro de minha primeira aula de Anatomia Humana, muito especial para o início da minha formação em Psicologia e para o meu conhecimento em geral.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R6	Essa foto foi tirada na minha festa de formatura em fevereiro de 2014. Na ocasião da data, era o dia dos pais e quis fazer essa singela homenagem ao meu pai.	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho, amor
R7	Essa foto representa a dedicação do pai que escolhi para o meu filho. Não tive a presença paterna em minha formação familiar, porém agradeço a Deus constantemente por meu filho ter a oportunidade de conviver com um homem que realmente assumiu seu papel integralmente, compartilhando momentos de amor, carinho e dedicação que serão gravados na memória do meu filho.	postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)	gratidão
R8	Essa foto foi tirada quando eu ainda era bem pequeno, em um carrossel no shopping. Lembro que eu gostava muito de brincar naqueles brinquedos e fazia isso praticamente todo fim de semana. Meus pais já não se entendiam muito nessa época e eu sempre saía com a minha mãe, apenas. Ele também não gostava de sair muito. Uma vez, mexendo nos meus álbuns de fotografias antigas, tive a ideia de levá-las para o meu namorado dar uma olhada. Ele se encantou muito com essa, pediu para escanear e postar e eu deixei. Gosto de lembrar da minha infância. Quando eu vejo as fotos dessa época, eu lembro da minha inocência e de como os problemas eram invisíveis. Meus pais se separaram quando eu tinha 5, e eu não sabia nem o que era que estava acontecendo. Sequer percebia que havia algo de errado, mesmo com momentos de violência. O que eu lembro é de como eu era unido com a minha mãe. Dormíamos juntos, passeávamos juntos... Ela era minha melhor amiga.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, nostalgia/saudades, incompletude
R9	Essa foto foi tirada 1 de janeiro de 2015. O final de 2014 foi cheio de reviravoltas e terminou junto do meu atual namorado. Nós já éramos muito próximos há anos, compartilhamos muitos momentos juntos, estivemos perto um do outro nos momentos felizes e complicados também, e nos ver juntos depois de tanto que passamos, é algo muito especial. Essa foto é exatamente isso. Todo o aconchego que somos um pro outro. Decidimos que a data de namoro seria 1 de janeiro também, nesse dia.	postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)	gratidão
R1	Foto tirada em uma festa a fantasia. Na foto aparecem pessoas que estão juntas há muito	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei porque	felicidade, alegria/euforia,

0	tempo, desde o comecinho do Ensino Médio escolar.	me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R1 1	Minha irmã querida.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho
R1 2	Essa foto foi em um evento de 30 anos do Beach Park , onde conheci diversos famosos inclusive a Anitta !	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc)	felicidade
R1 3	Uma dos maiores prazeres que tenho é viajar, poder conhecer lugares novos, sensações únicas e culturas diferentes. Amei ter conhecido o Estado de Santa Catarina. Vale a pena a visita de suas principais cidades!	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas	alegria/euforia, gratidão
R1 4	Essa foto foi tirada pelainha mãe. Nossa cadelinha estava grávida. Registramos o momento de brincadeiras dos nossos cães, que são membros da família, mas eles não paravam pra tirar foto. Minha mãe os chamou, aí a foto ficou assim, bastante espontânea.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R1 5	Eu adoro esta foto da amora (minha clown).Eu participo de um projeto de humanização com artes na saúde - HumanarteS,que é incrível e tem me construído como profissional/ser humano.Esse momento foi especial pq aconteceu no HEMOCE,foi um desafio pq havia MUITAS crianças,mas foi muito gratificante.	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R1 6	Esta foto também foi feita em um dos finais de semana, na minha cidade natal. A importância dela gira em torno do meu interesse pelo que me cerca, pelo que me constitui. Eu, como parte da natureza, regresso ao lar. E não há nada mais exuberante do que retornar ao lar. São as folhas das árvores, a água dos rios e açudes que me completam e me fascinam. São estas coisas, afinal de contas, as que mais valorizo, as que mais respeito e amo.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R1 7	Essa foto foi tirada durante uma viagem ao Rio de Janeiro no Jardim botânico, eu achei a paisagem muito linda e adoro coisas bucólicas e tranquilas por isso achei um ótimo lugar para tirar uma foto.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	nostalgia/saudades
R1 8	A foto resume um bom momento com a família. Foi tirada em Fortaleza, e traz boas lembranças de um revêillon com quem a gente mais ama.	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)	felicidade, satisfação/orgulho
R1 9	Essa foto representa minha base, o reencontro e nostalgia. Momento de renascimento de esperanças representado pela gravidez de gêmeos da minha tia a direita. E reencontro com meu irmão e	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei para homenagear alguém que amo ou que já faleceu, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo	felicidade, nostalgia/saudades, gratidão

	minha mãe. Moramos todos separados, então momentos como esse trazem grandes alegrias.	conquistado	
R20	Tirei essa foto em uma viagem de férias, na qual foquei em relaxar e aproveitar bons momentos sozinho. A calma e a vista do mar me dão a noção do quão pequeno eu sou diante da imensidão e como exerço papel fundamental ao redor do que e de quem vivo.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessam, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, gratidão, satisfação/orgulho
R21	Essa foto representa a liberdade pra mim, os primeiros meses do meu primeiro emprego, me senti muito feliz por está iniciando minha independência, ao mesmo tempo com saudade das pessoas que tive de me afastar para poder ingressar na minha nova vida.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessam, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R22	Ahhh, perfeição da minha vida <3 meus livros <3 morro de orgulho toda vez que vejo essa foto, a estante não é uma das melhores ainda, mas os livros são os melhores do mundo	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessam, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R23	Escolhi a foto em que se encontra as 4 gerações: bisavó, avó, mãe e filha.	postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)	alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho
R24	Bom, foi um dia lindo com uma mulher linda a qual eu tenho o imenso orgulho e gratidão de tê-la comigo. Uma pessoa que sempre esteve ao meu lado, até mesmo quando nem meus pais estavam. Companheira, leal. Morena, alta. Sorriso lindo. Silhueta sem igual. Enfim, é o amor. Um ardor que a gente sente no peito. Pena que às vezes pelas consequências de nossos erros para com as pessoas, não temos o melhor delas. Acontece mais ou menos na tarefa difícil que é concertar caquinho por caquinho de um lindo quadro de vidro quebrado. Onde, quem quebrou merece uma segunda chance e não pode ser visto sempre como já foi outrora. E mais, o papel de concertar todo a bagunça causada pelo impacto, é apenas de quem sofreu o prejuízo. No sentido de que, só ela poderá liberar perdão. Escolher não carregar esses cortes na alma e começar a tratar as feridas. Mas enfim, novamente, para não ficar enfadonho encerro dizendo: Deus há de colocar tudo em seu lugar, nem que por um instante tudo tenha que ficar bagunçado. Confio, e aprendo a amar com quem é O Próprio Amor.	me marcaram no facebook	alegria/euforia, gratidão
R25	Essa foto ocorreu mais ou menos no mesmo contexto da primeira, mas durante o evento 15th World Gymnaestrada em helsinki - finlandia, em julho de 2015, ela aconteceu antes de uma das apresentações do grupo, e simboliza o nosso orgulho de representar o brasil e o ceará frente a tantas nações e pessoas destas, de poder levar elementos da nossa cultura nordestina, e de se destacar no meio de vários outros grupos também. ela	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessam, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho

	aconteceu depois de mais um dia corrido como os outros do evento, mais sempre alegre e cheio de energia, e ansiedade também, e claro depois do evento no dia precedeu também os momentos engraçados em que nos perdíamos na cidade e demorávamos a chegar no alojamento, mas sempre davamos um jeito e dava certo no final.		
R2 6	A foto foi tirada no espigão de São Luís - MA, ela registra um momento muito importante para mim, o final da graduação. Estão presentes todos meus amigos que me acompanharam durante os 5 anos de formação acadêmica, os quais tenho muito carinho por cada um.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R2 7	A paisagem do estuário do rio Jaguaribe. Postei porque sou da geografia e é sempre bom compartilhar as lindas paisagens que eu vejo nas aulas de campo. Gosto muito quando as pessoas fazem a mesma coisa, é revigorante.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	nostalgia/saudades, gratidão
R2 8	Seminário sobre Educação Popular em Saúde. Foi muito bacana a troca entre as turmas de psicologia e enfermagem. O encontro ocorreu em forma de círculo no EKOBÉ, localizado na UECE (campus Itaperi).	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	gratidão, satisfação/orgulho
R2 9	essa foto foi durante uma saída onde estava eu e companheiras que foram fundamentais nesse ano e que me ajudaram em bastante de coisa. Essa foto foi tirada n Gaby Lanches (próximo ao drgão do Mar)	postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)	gratidão
R3 0	Bela paisagem.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita	felicidade
R3 1	Essa é a foto da entrada do bairro Chino, localizado na capital de Cuba, Havana. Ela foi tirada em janeiro de 2015, durante uma viagem ao país para participar de um Congresso de Educação (Pedagogía 2015). O bairro chino é muito popular e foi onde eu fiquei hospedada durante os 10 dias que fiquei no país. Essa foto foi tirada por mim e representa uma linda lembrança da melhor viagem que já fiz na minha vida; um momento de descobertas e reflexões sobre várias questões... uma lembrança que guardo de uma viagem que me transformou...	postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho

	10) Fale, livremente, sobre esta foto que você escolheu (link 3)	11) Por que você sentiu vontade de publicar esta foto?	12) Que sentimentos esta fotografia te provoca?
R1	Foto com muitas pessoas no Carnaval que, pra mim, é a melhor festa do ano. Época de	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei porque	felicidade, alegria/euforia

	ser feliz, de se fantasiar, de ser besta pelas ruas da cidade. Todo ano faço um álbum com fotos do Carnaval.	me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, poste pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, poste pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), poste para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, poste para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, poste pra deixar registrado e eu poder ver depois	
R2	Igaporã, interior Sudoeste da Bahia, complexo de geração eólico em expansão. Representa a fase atual da minha vida. A saída da Universidade e entrada no mercado de trabalho. Aplicando conhecimentos técnicos e acumulando experiências de vida em várias viagens Brasil a dentro.	poste pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, poste para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, poste pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, gratidão, satisfação/orgulho
R3	Essa foto foi feita na praia em comemoração do aniversário de um grande amigo meu. Foi um momento de muita descontração. Comemos, curtimos à praia, conversamos muito! Só de lembrar me bate uma euforia!!!! Considero que foi um dos momentos mais alegres que tive ano!	poste para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas	alegria/euforia
R4	Lembro exatamente do dia em que bati esta foto. Foi no nascimento da minha sobrinha, em sua primeira semana de vida e me provocou grande alegria o seu nascimento.	poste porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, poste pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, poste pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), poste para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, poste pra deixar registrado e eu poder ver depois, poste para homenagear alguém que amo ou que já faleceu	felicidade, alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho
R5	Foto tirada em Pedra Azul - ES, para mim ela representa liberdade, pois foi um momento em que deixei o comodismo e sai "mochilando" pelos pontos turísticos do meu estado.	poste porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, poste pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, poste pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), poste para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, poste para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, poste pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R6	Essa foi a primeira foto que tirei quando cheguei em Toronto, Canadá, com a intenção de fazer um intercâmbio de seis meses. Representa a minha primeira impressão da cidade, as primeiras pessoas que conheci e o início de uma experiência pessoal e profissional inesquecível.	poste porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, poste para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, poste para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, poste pra deixar registrado e eu poder ver depois, poste pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R7	Amo essa foto, pois foi tirada em um momento de verdadeira demonstração de carinho entre eu e meu filho! Mostra bem nossa conexão de sentimento.	poste pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)	satisfação/orgulho
R8		poste porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, poste para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, poste pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R9	Essa foto foi tirada dia 2 de agosto de 2014, no Morro Branco. O aniversário do meu namorado foi dia 1 e nós comemoramos com todos os amigos juntos em um fim de semana muito especial. Foi marcado também pelo presente que foi dado, que não	nao foi postada por mim. foi postada por outra coisa, mas certamente para demonstrar gratidão e afeto.	gratidão

	foi fácil de conseguir (ele trabalha com audiovisual, os equipamentos são bem caros), mas todo mundo se juntou e deu tudo certo. Todos na foto são pessoas muito queridas, que estão sempre comigo.		
R10	A foto mostra minha grande paixão por animais, sentimento que vem desde sempre.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão
R11	Minha prima.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R12	Essa foto foi em um evento de 30 anos do Beach Park , onde conheci diversos famosos inclusive a Anitta !	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei	alegria/euforia
R13	Ter tido a oportunidade de ver um pouco da história que aprendemos nos livros foi sensacional para mim, ao visitar este esplendoroso palácio, sendo um dos mais visitados da França.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas	felicidade, gratidão
R14	Essa é minha gata. Para quem gosta de gatos, acho que o Facebook é ótimo para encontrar vídeos e imagens fofas. A foto tem filtro.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, amor
R15	essa foto foi tirada na véspera da viagem pro Panamá,eu gosto bastante dela porque me faz lembrar de que minha família esta sempre me apoiando em meus projetos e que eu amo cada um deles	postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois, postei para homenagear alguém que amo ou que já faleceu, postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R16	Esta foto também foi tirada durante um final de semana. Ela representa o ápice da minha alegria: poder estar onde e com quem eu amo. Mais uma vez é "raízes" a palavra que pode definir esta foto. Saudades da infância, da família, do meu "lugar no mundo".	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho
R17	Foi durante uma viagem, achei peculiar essa esperança no topo de tudo e fiz uma brincadeira sobre ela ser uma esperança lá só em um lugar tão alto.	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas	nostalgia/saudades
R18	Na foto, pude reunir duas grandes paixões: o meu time do coração e a família. Foi tirada em Recife e me remete a boas recordações.	postei pra mostrar as coisas pelas quais me interessei, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas	alegria/euforia, satisfação/orgulho
R19	Nada como aquela primeira viagem com os amigos pra recarregar as energias.	postei para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, postei pra deixar registrado e eu poder ver depois	alegria/euforia, nostalgia/saudades
R20	Nessa foto eu trago o xodó da família, que foi muito acolhido após a morte de sua avó e ficou como a melhor lembrança que temos dela em vida. Amor incondicional por ele, cada sorriso é um motivo para	postei porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), postei para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, postei pra deixar registrado e eu	felicidade, nostalgia/saudades, satisfação/orgulho, incompletude

	continuarmos felizes.	poder ver depois, poste para homenagear alguém que amo ou que já faleceu	
R2 1	Essa é a única imagem que tenho dos meus pais juntos, não lembro desse dia mas sinto muita falta, pois foi o único momento que me vi amado pelos meus pais.	poste para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, poste para homenagear alguém que amo ou que já faleceu	nostalgia/saudades, tristeza, raiva/inconformação
R2 2	Escolher a terceira foto foi a foto mais difícil de escolher... mas enfim, adoro essa foto porque foi a primeira aula que "dei", para revisar os assuntos para o ENEM, adorei a sensação e vai que né, vai que viro professora <3	poste porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, poste para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, poste pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, nostalgia/saudades
R2 3	Esta foto foi escolhida porque foi a marcante passagem onde eu percebi que já estava madura, me sentia madura e fui reconhecida madura, e parece que salta da foto minha alegria pelo momento em que vivia.	poste pra deixar registrado e eu poder ver depois, poste pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho
R2 4	"Porque outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como filhos da luz, pois o fruto da luz consiste em toda bondade, justiça e verdade."	poste porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, poste pra deixar registrado e eu poder ver depois, O efeito do sol e da sombra remeteram a uma experiência espiritual.	felicidade, gratidão, satisfação/orgulho
R2 5	essa foto foi tirada na confraternização de fim de ano do grupo de ginastica geral da ufc, no IEFES (bloco da ed. fisica) antes do recesso claro, e foi um dia que as coisas não pareciam que iam dar certo, mas com correria e esforço a gente conseguiu fazer funcionar, e foi um dia que podemos contar com a presença de quase todos que participam do grupo e foi muito gratificante, principalmente para mim que no ultimo semestre me tornei um dos coordenadores do grupo e tinha em mim um papel de orientador e tutor, e isso foi muito importante para mim. Ver o resultado no final do semestre, e sentir-se bem, e ainda mais admirar os outros e sentir-se admirado de certa forma. É muito bom. sem mais.	poste porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, poste pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, poste pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), poste pra deixar registrado e eu poder ver depois, poste pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade, alegria/euforia, gratidão, satisfação/orgulho
R2 6	A foto foi tirada no centro de Porto Alegre - RS, foi uma viagem marcante com apenas os amigos mais próximos.	poste pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, poste pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), poste para matar a saudade de um momento ou uma época que foi marcante, poste para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, poste pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R2 7	Foi tirada no Natal, na casa dos meus parentes. Poste para ter salvo uma lembrança boa e ter a oportunidade de ver sempre que puder, já que ficará salva. Também poste para compartilhar um momento legal entre a família.	poste em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), poste porque me achei bonito(a) na foto/achei a foto bonita, poste pra mostrar as coisas pelas quais me interesse, poste pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)	felicidade, gratidão, satisfação/orgulho
R2 8	Comemorando mais uma ano de vida ao lado de companheiros que a psicologia me deu!	poste em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), poste pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos), poste para compartilhar aquele momento com os amigos e receber comentários/curtidas, poste pra deixar registrado e eu poder ver depois	felicidade, alegria/euforia, nostalgia/saudades, gratidão, satisfação/orgulho
R2	Era meu aniversário e reuni muita gente que gosto em torno de mim.Foi um dia que	poste em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc)	nostalgia/saudades

9	passei por diversos locais como Batatas no benfica e estoril.		
R3 0	Minha espiritualidade	postei em homenagem a alguma data comemorativa (dia das crianças, dia das mães, etc), postei pra mostrar afeto por pessoas que amo (cônjuge, parente ou amigos)	gratidão
R3 1	Essa foto foi tirada em Montevideú, no Uruguai, por uma amiga que viajava comigo. Lembro que passamos muito tempo para conseguir tirar essa foto, especificamente, pois sempre tinha pessoas ao redor e eu não conseguia sentar na letra "M". Passamos muito pouco tempo e esse era o nosso último destino de uma viagem de realizada com outros amigos por outros lugares. Ela é a representação de uma viagem cheia de boas lembranças. Nesse dia, em especial, estávamos bem cansadas.. mas resolvemos conhecer um dos lugares mais famosos da capital.	postei pra mostrar orgulho ou satisfação por algo conquistado	felicidade

ANEXO III



































